

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**LÍVIA MARINHO DE MOURA**

**DOS PÉS À CABEÇA: A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A ATUAÇÃO DAS  
MULHERES NAS INDÚSTRIAS NO MUNICÍPIO DE FRANCA/SP**

**FRANCA  
2011**

**LÍVIA MARINHO DE MOURA**

**DOS PÉS À CABEÇA: A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A ATUAÇÃO DAS  
MULHERES NAS INDÚSTRIAS NO MUNICÍPIO DE FRANCA/SP**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade. Linha de Pesquisa: Serviço Social: Mundo do Trabalho.**

**Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Helen Barbosa Raiz Engler**

**FRANCA**

**2011**

Moura, Livia Marinho de

Dos pés à cabeça: a reestruturação produtiva e a atuação das mulheres nas indústrias no município de Franca/SP / Livia Marinho de Moura. –Franca : [s.n.], 2011

117 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Orientador: Helen Barbosa Raiz Engler

1.Serviço Social - Mulher - Trabalho. 2. Mercado de trabalho - Indústria têxtil - Franca (SP). 2. Trabalho feminino – Aspectos sociais. I. Título

CDD – 362.8105

**LÍVIA MARINHO DE MOURA**

**DOS PÉS À CABEÇA: A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E A ATUAÇÃO DAS  
MULHERES NAS INDÚSTRIAS NO MUNICÍPIO DE FRANCA/SP**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do Título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade. Linha de Pesquisa: Serviço Social: Mundo do Trabalho.**

**BANCA EXAMINADORA**

**Presidente:** \_\_\_\_\_  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helen Barbosa Raiz Engler**

**1º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Ubaldo Silveira**

**2º Examinador:** \_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Reginaldo Guiraldelli**

**Franca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.**

Dedico este trabalho às mulheres que vivem, lutam, sofrem, trabalham e acima de tudo, não desistem de seus sonhos, da perspectiva de progresso e não perdem a esperança de tempos melhores.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, pela presença constante, nos momentos de alegria, de troca de experiência, de medo, de desespero e nos dias em que eu pensava em desistir... me animava e trazia à tona a necessidade do conhecimento e o diferencial que isso fazia, faz e fará em minha vida pessoal e profissional.

Aos meus filhos que são minha motivação, espero que com tantos livros, noites em claro, brincadeiras e passeios deixados para depois... Espero que a presença materna, infinitamente sentada ao computador, o balançar da cabeça, apenas para responder e muitas vezes sem entender nada do que estavam me perguntando não os tenha desmotivado, ao contrário, que sirva como lição, pois tudo nos pode ser retirado... menos o conhecimento.

Aos professores da pós-graduação, pelas aulas, pelas disciplinas, foram os melhores momentos do programa:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Maria David  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria Daher Cosac  
Prof. Dr. José Walter Canôas  
Prof. Dr. Padre Mário José Filho

Vimo-nos de volta à sala de aula, mas de maneira muito especial, muito peculiar, nos sentimos estudando, de verdade, sedentos de um conhecimento complementar e mais direcionado – Creiam:  
- Vocês nos proporcionam tudo isso e muito mais!!!.

Aos meus colegas de mestrado e alunos de doutorado, pelo aprendizado, pelos seminários realizados em grupo, pela motivação nas aulas, as discussões, a troca de conhecimento e crescimento compartilhados.

À querida Lívia Hernandez, pelas dicas, viagens e intermináveis conversas telefônicas, saiba sua companhia é muito boa!

Aos funcionários, colegas de trabalho e amigos da UNESP. É impossível elencar os nomes, até mesmo pelo receio de esquecer alguém, pois cada vinda para Franca era permeada pelos abraços, carinhos e alegria do reencontro. Realmente me sentia em casa e peço desculpas pelas muitas vezes em que fui embora sem me despedir, pois isso ainda me é muito doloroso, apesar de todos os problemas da Unidade (isso existe em todos os campos de trabalho) me sentia em casa, essa saudade, essa nostalgia fica sempre em meus sentimentos.

À Laura, insubstituível... Imprescindível. Por direcionar-nos.

Ao meu amigo Mateus, companheiro de sempre, meu parceiro de estudos, “minha alma acadêmica gêmea”, os favores, as intermináveis dúvidas, os medos, as inseguranças... Sempre me acolhe, me ajuda...  
Sua bondade, generosidade e presença são incríveis...  
Agradeço-te muito.

À Ivana, amiga e companheira de jornada, pelo acolhimento, pelas conversas, mesmo precisando trabalhar, só de ficar pertinho já me era de uma alegria imensa, poder sentir sua presença, ouvir suas colocações com a ponderação de sempre.

À Fátima, minha eterna chefinha, sei que você continua “cuidando” de mim...

Aos meus colegas de trabalho da Agência do INSS de Três Lagoas e especialmente à minha Gerente Leidir, por respeitar e incentivar os meus estudos, isso é muito importante para mim, para a pesquisa e para a profissão  
Agradeço o apoio de sempre e, principalmente, pelo quanto me senti e me sinto valorizada, profissional e academicamente.

À todas as Assistentes Sociais da rede municipal dos municípios de Três Lagoas, Aparecida do Taboado, Brasilândia, Selvíria, Coxim, Rio Verde, São Gabriel do Oeste e Campo Grande (MS), pela troca de experiências profissionais e pessoais.


Às representantes Técnicas do Serviço Social no INSS - Hirley e Cláudia e às minhas colegas Vivian, Isângela, Fernanda, Paula, Eliana, Fátima, Tereza, Doraci, Karina, Regiane, Vilainne e Michele.  
Conhecer e trabalhar com vocês dá mais sentido à ação profissional.

À minha Banca de Qualificação, composta pelos professores  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helen Barbosa Raiz Engler  
Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi  
Prof. Dr. Ubaldo Silveira

Sem as contribuições tão generosamente realizadas, eu não teria conseguido direcionar o meu trabalho, vocês representaram, representam e sempre representará o meu Norte, minha referência acadêmica, intelectual e pessoal.  
“O estudo pelo conhecimento...”

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

À minha orientadora e amiga Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helen me ensinou tudo!!!  
Encontrou-me perdida e reconheceu em mim talentos que eu mesma desconhecia...  
Que direciona meu conhecimento...  
Que freia as minhas ansiedades...  
Que me arranca dos meus devaneios trazendo-me de volta às responsabilidades acadêmicas e ao compromisso com o ensino, a pesquisa e à extensão.  
Que estimula minha pesquisa e meu conhecimento, pois sabe, eu sei que sabe que pretendo usar todo esse conhecimento a favor de melhores momentos.  
Conhece as minhas angústias em relação a uma realidade que se antes, já me intrigava, agora me instiga a entendê-la e procurar, se não soluções, alternativas.  
Mesmo nos momentos de embate e discussões não perde a doçura,  
o jeitinho meigo e terno.  
Saiba que você faz muita diferença em nossas vidas.



*Precisamos de nos desfazer do actual preconceito que atribui o desenvolvimento da ciência moderna, vista a sua aplicabilidade, a um desejo pragmático de melhorar as condições da vida humana na terra. A história mostra claramente que a moderna tecnologia resultou não da evolução daquelas ferramentas que o homem sempre havia inventado para atenuar o labor e de erigir o artifício humano, mas exclusivamente da busca de conhecimento inútil, inteiramente desprovido de senso prático. Assim, o relógio, um dos primeiros instrumentos modernos não foi inventado para os fins da vida prática, mas exclusivamente para a finalidade altamente «teórica» de realizar certas experiências com a natureza. É certo que esta intervenção, logo que a sua utilidade prática foi percebida, mudou o ritmo e a própria fisionomia da vida humana; mas isto, do ponto de vista dos inventores, foi um mero acidente. Se tivéssemos de confiar apenas nos chamados instintos práticos do homem, jamais teria havido qualquer tecnologia digna de nota; e, embora as invenções técnicas hoje existentes tragam em si um dado impulso que, provavelmente, gerará melhoras até um certo ponto, é pouco provável que o nosso mundo condicionado à técnica pudesse sobreviver, e muito menos continuar a desenvolver-se, se conseguíssemos convencer-nos de que o homem é, antes de tudo, uma criatura prática.*

*Hannah Arendt, in 'A Condição Humana'*

MOURA, Livia Marinho. **Dos pés à cabeça:** a reestruturação produtiva e a atuação das mulheres nas indústrias no município de Franca/SP. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2011.

## RESUMO

O presente trabalho incide sobre a realidade de algumas mulheres realmente corajosas e empreendedoras que resolveram deixar de lado os medos e as inseguranças introduzidas na sociedade pela realidade atual do mundo do trabalho. O município de Franca, conhecido mundialmente pela produção do calçado masculino, recebeu, de maneira impactante, todos os choques econômicos e sociais demandados das reestruturações produtivas e suas manifestações e conflitos trazidos à realidade da população. Foi realizada uma perspectiva histórica em relação ao movimento operário, de sua inserção na indústria têxtil, da participação das mulheres como força de trabalho nesse contexto, da trajetória produtiva de Franca e Região e das mudanças ocorridas nesse percurso. Mais do que uma atividade específica, a *lingerie* representa para as mulheres e para a coletividade Francana uma alternativa, uma perspectiva e uma mudança. Evidencia-se durante o estudo que muitas práticas ainda permanecem, como a do aviltamento do trabalho feminino, a exploração das forças de trabalho, o exercício do trabalho domiciliar e o achatamento dos salários e lucros. Entretanto, é notória, em diversos momentos da pesquisa, a presença da esperança, da satisfação, do encanto pelo trabalho, de melhores condições profissionais, sociais e familiares. Realizar tal estudo gratifica e instiga os pesquisadores e, ao mesmo tempo, traz à tona as responsabilidades acadêmicas e profissionais do Serviço Social.

**Palavras-chave:** trabalho. mulher. *lingerie*. Serviço Social.

MOURA, Livia Marinho. **Dos pés à cabeça**: a reestruturação produtiva e a atuação das mulheres nas indústrias no município de Franca/SP. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2011.

### **ABSTRACT**

This work focuses on the reality of some truly really courageous and enterprising women who have decided to put aside fears and insecurities in society introduced by the current reality of the world of work. The city of Franca, known worldwide for producing men's shoes, was so impressive, all the economic and social demands of the productive restructuring and its manifestations and conflicts brought to the reality of the population. We performed a historical perspective in relation to the labor movement, its insertion in the textile industry, the participation of women as labor force in this context, the history of France and productive region and to the changes in this route. More than one specific activity, the lingerie is for women and for the collective Francana an alternative perspective and a change. It is of note during the study that many practices still remain, such as the degradation of female labor, the exploitation of the labor force, the exercise of home work and flattening of wages and profits. However, it is notorious, at various times of the study, the presence of hope, of satisfaction, the work of the charm of better employment conditions, social and family. Such a study and rewards entices researchers and at the same time, brings out the responsibilities of academic and professional social work.

**Keywords:** work. woman. lingerie. social work.

## LISTA DE SIGLAS

ABDI	Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial
ABIT	Associação Brasileira da Indústria Têxtil
ACIF	Associação Comercial e Industrial de Franca
APL	Associações Produtivas Locais
BNDS	Banco Nacional do Desenvolvimento
CIESP	Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
COOFAL	Cooperativa dos Fabricantes de Lingerie
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos
FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
FIPE	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FNE	Fundo Nacional para o Emprego
FUNCEX	Fundação Centro de Estudos Comércio Exterior
IC&T	Indústria Têxtil e de Confecções
IPC	Índice de Preços ao Consumidor
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MPE	Micro e Pequenas Empresas
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OIT	Organização Internacional do Trabalho
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PED	Pesquisa de Emprego e Desemprego
PUC	Pontífice Universidade Católica
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SEADE	Secretaria de Estado e Administração
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICON	União das Indústrias de Confecção de Catalão e do Sudeste
GOIÁS	Goiano

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Produções industriais Brasileiras entre 2001 e 2010 .....</b>	<b>86</b>
<b>Gráfico 2 - Organizações empresariais que inovaram em produtos já existentes - 2010.....</b>	<b>94</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Mapa do desemprego no Brasil.....</b>	<b>35</b>
<b>Tabela 2 - O universo do trabalho e a participação das mulheres.....</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 3 - Diferenças salariais em países europeus (em %) .....</b>	<b>59</b>
<b>Tabela 4 - Salários de acordo com e sexo em cidades do Estado de São Paulo (2003).....</b>	<b>60</b>
<b>Tabela 5 - Maiores Produtores Têxteis do Mundo entre 1997 e 2001 .....</b>	<b>71</b>
<b>Tabela 6 - Dimensões da Indústria Têxtil e Indicadores Selecionados no Brasil em 2002 .....</b>	<b>72</b>
<b>Tabela 7 - Alguns países em destaque na produção de calçados.....</b>	<b>79</b>
<b>Tabela 8 - A verticalização e os resultados alcançados .....</b>	<b>95</b>

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>A CENTRALIDADE DO TRABALHO FEMININO.....</b>	<b>24</b>
1.1 O papel do trabalho feminino na trajetória do capitalismo .....	25
1.2 Apreendendo e apreendendo diferentes formas produtivas.....	36
1.3 Reestruturações produtivas – mulheres como agentes da mudança .....	47
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
<b>MODELOS PRODUTIVOS E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DA</b>	
<b>LINGERIE.....</b>	<b>63</b>
2.1 Reestruturações: entendendo as mudanças na produção.....	64
2.2 A gênese das produções têxteis em Franca/SP .....	73
2.3 Estratégias de melhoria: rumo à competitividade do mercado .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Estudar e pesquisar acerca da temática gênero e mulher é uma experiência contraditória, escrever as impressões e apreensões dos estudos realizados parece muito pouco, ao mesmo tempo, ainda há tanto para conhecermos, ainda mais para aprender e infinitamente mais para entender. Por diversas vezes me impressionei com leituras belíssimas, retratos de uma realidade vivenciada por nós, entretanto ainda nos é tão distante.

O compromisso acadêmico, aliado ao compromisso social e ético da profissão nos chama a uma responsabilidade: a da pesquisa, buscando o desvelamento de uma realidade e ao mesmo tempo revelar o descoberto à sociedade, com o intuito de contribuir, de alguma forma, com o cenário e atores envolvidos e até mesmo com parcelas da sociedade, indiretamente envolvidas com todo o processo.

Sabemos que o mestrado busca o entendimento de determinadas situações, propostas e hipóteses formuladas durante a elaboração do projeto de análise, entender até que ponto esses objetivos foram alcançados é uma construção a ser feita entre discente, docentes, usuários, objeto e sujeitos de nossas pesquisas.

Entretanto, participar, mesmo que distante, se espelhar nos sujeitos pesquisados é de uma importância ímpar, pois, durante o desenrolar dos trabalhos buscamos a vigilância epistemológica garantindo assim atributos éticos à pesquisa, ao mesmo tempo em que nos vemos como parte integrante e indissociável do estudo.

A proposta de caracterizar o campo de trabalho das mulheres nas confecções de lingerie fica reduzida, frente à realidade com a qual nos deparamos nesse universo, pleno de construções, histórias de vida, realizações, perdas, trabalho, muito trabalho e principalmente o contato com sujeitos tão especiais e fundamentais para a continuidade de muitas investigações.

A importância da pesquisa é fundamentada em um estudo pautado no referencial teórico do Serviço Social, visando a construção do conhecimento e o direcionamento das ações e intervenções profissionais, torna-se quase uma obrigatoriedade, pois não há prática sem o referencial teórico e, conseqüentemente, não há práxis.

Ao iniciar a observação nos vemos diante de variadas trajetórias e, tendo em vista o conceito multidisciplinar da profissão, todas parecem pertinentes, a opção de pesquisar sobre a indústria têxtil representa para o pesquisador e para a

pesquisa inesperados conhecimentos e uma aproximação da realidade que vai muito além da moda e da perspectiva de lucro; a vestimenta representa momentos históricos, poder, classe e posição social.

O homem, e é claro, as mulheres, despendem tempo e trabalho em função do vestuário e da indústria têxtil; tivemos na história humana muito ciclos produtivos e o do vestuário não foi um ciclo, mas uma reta, direcionada e infinita, por onde gerações percorrem e percorrerão por muito tempo.

Acompanhar esse horizonte é fundamental para a apreensão de características e transformações sociais, evidentemente a vinculação da mulher à área de vestimenta e outras afins ocorre de maneira praticamente automática, tanto pela tendência da mulher em acompanhar a moda, de se esmerar mais ao vestir-se, como pela sensibilidade ao criar e habilidade ao confeccionar.

Paralelamente ao universo têxtil o presente estudo pretende assimilar as reestruturações e mudanças ocorridas no mundo do trabalho, assim como suas implicações sociais, especialmente em se tratando das mulheres, sujeitos da pesquisa. Essa aproximação foi realizada em um recorte regional que serviu de referencial empírico para a pesquisa.

No interior do estado de São Paulo, região norte, no município de Franca, cidade nacional e internacionalmente conhecida por se forte produtor e pólo referencial de calçados, hoje masculino e feminino, produção de artefatos de couro e beneficiamento da matéria prima; a região também se destaca na cafeicultura, especificamente pela qualidade, e não quantidade, do produto.

O referido recorte regional é oportuno por conta de se tratar de uma comunidade em constante situação de reestruturação, haja vista a sua relação direta com o mercado internacional e volume de exportações, tanto no setor calçadista como agrícola. Essa mesma região sofreu os impactos da abertura comercial e reestruturação do sistema produtivo capitalista, sendo assim é um retrato fiel das implicações e consequências de todo esse processo.

Dentre as peculiaridades tangentes às situações descritas elencamos: o desemprego e conseqüente aumento do volume de trabalho para os ativos, a diminuição dos salários, o considerável aumento do trabalho informal, trabalho domiciliar, violação de direitos trabalhistas entre outros.

Esses elementos acarretam as chamadas mazelas do sistema capitalista, ou seja, as sequelas resultantes de uma atividade exploratória, que visa apenas o

acúmulo de capital, sem vislumbrar as reais consequências ocasionadas, entre elas o aumento significativo da pobreza, dos índices de criminalidade e do colapso social.

Entendemos que essas manifestações ocorreram de forma globalizada e que na verdade o recorte da pesquisa vem espelhar e contemplar uma realidade vivida por milhares de trabalhadores em todo o planeta.

Visando o conhecimento da realidade, dentro da perspectiva teórica e interventiva do Serviço Social, respeitando o Código de Ética da profissão, a contribuição social e acadêmica da pesquisa, assim como o compromisso com a sociedade, objetivo do maior compromisso da categoria; realizamos o estudo em prol de aporte teórico para futuras implementações de ações e políticas públicas direcionadas aos envolvidos direta ou indiretamente nesse desenho social.

Independentemente do direcionamento, área, região ou sujeitos envolvidos, os princípios fundamentais do Serviço Social, direcionam a busca do conhecimento para o efetivo exercício da cidadania, o cumprimento e respeito em relação às políticas públicas, a igualdade, a concretização da cidadania, de uma democracia imparcial e livre da corrupção e ainda, de formas de trabalho e sobrevivência livres da exploração e tirania de um sistema com ineficaz ação social.

Há de se contribuir para o entendimento das mudanças e reestruturações ocorridas no mundo do trabalho, assim como da maneira pela qual as mulheres, sujeitos principais da pesquisa, foram abarcadas nesse universo utilizando como referência o recorte temporal e regional selecionado.

A finalidade foi a de caracterizar e evidenciar as mulheres e suas histórias, tendo como plano de fundo o contexto produtivo têxtil da *lingerie*. Em uma das entrevistas a colaboradora, declara que seus produtos são como jóias e que as mesmas são colocadas em porta jóias (suas respectivas caixas) o que inspirou o uso do pseudônimo das mesmas, haja vista a importância e o grau de valor que representam para o estudo.

Há também a necessidade do sigilo e preservação da identidade das entrevistadas, assim sendo, cada uma foi cognominada pelo nome de uma pedra preciosa (Jade, Água, Pérola, Safira, Ametista, Esmeralda e ônix), o que representa, além da ética, a importante e generosa contribuição das mesmas para a construção da pesquisa em questão.

O método proposto para a apreensão e estudo da realidade foi o Hermenêutico-Dialético, buscando uma análise humana e social, a compreensão de

muitas das informações, necessárias para a pesquisa, que não estavam documentadas ou registradas, haja vista ser o campo de estudo moderno, inserido em um segmento muito recente; nesse caso o relato, a narrativa dos sujeitos envolvidos na pesquisa foi de grande importância, sendo em muitos momentos os únicos registros existentes.

A hermenêutica se move entre os seguintes termos: compreensão como categoria metodológica mais potente no movimento e na atitude da investigação; liberdade, necessidade, força, consciência histórica, todo e partes, como categorias filosóficas e significado e símbolo, intencionalidade e empatia como balizas do pensamento. A dialética, por sua vez, é desenvolvida por meio de termos que articulam as idéias de crítica, de negação, de oposição, de mudança, de processo de contradição, de movimento e de transformação da natureza e da realidade social. (MINAYO, 2002, p. 83-84).

O percurso metodológico Hermenêutico-Dialético, nesse caso, buscou esclarecer, descrever e captar, através do relato de vida e profissional das entrevistadas, a trajetória e o cotidiano atual vivenciados pelas pessoas envolvidas na costura e produção de *lingerie*.

A hermenêutica é considerada a disciplina básica que se ocupa da arte de compreender textos. O termo 'texto' é aqui usado num sentido bastante amplo: biografia, narrativa, entrevista, documento, livro, artigo, dentre outros. É à gênese da consciência histórica, ou seja, à capacidade de colocar-se a si mesmo no lugar do outro (que é o 'outro' ou o 'tu' do passado, ou o 'diferente de mim' no presente, mas com o qual eu formo a humanidade) que a hermenêutica deve sua função central. Sua unidade temporal é o presente no qual se marca o encontro entre o passado e o futuro, ou entre o diferente e a diversidade da vida atual, mediada pela linguagem. (MINAYO, 2002, p. 84).

Muito utilizado em pesquisas históricas e sociais, o método Hermenêutico-Dialético valoriza as memórias e recordações de indivíduos diretamente relacionados com a ocorrência dos fatos, como os reais construtores da história humana; as impressões e subjetividades do informante podem ser captadas no momento de seu relato.

A compreensão de muitos fatos passados e presentes, juntamente com documentos e fatos, podem ser efetivados através do método Hermenêutico-Dialético.

Falar sobre acontecimentos importantes e dos quais foram atores principais, incentiva os entrevistados no ato da investigação, mesmo que os relatos

sejam permeados de momentos críticos, a materialização da experiência, no caso da inovação, torna a narrativa mais eloquente.

A memória é a vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de súbitas revitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que já não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. A história, porque operação intelectual e laizante, exige a análise e o discurso crítico... A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto. A história não se liga a não ser em continuidades temporais, nas evoluções e relações de coisas. A memória é um absoluto, a história não conhece mais do que é relativo. (DE DECCA, 1992, p.130-131).

A entrevista passa a fazer parte fundamental da documentação de uma construção histórica, juntamente com outras fontes como imagens, registros e documentos. Esse método possibilita a compreensão e interpretações do modo de vida de indivíduos, grupos e da sociedade em geral. Segundo Minayo (1996, p. 227):

A união da hermenêutica com a dialética leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico.

A proximidade e a concreticidade dos acontecimentos serão material de estudos de fácil compreensão para diversas áreas de pesquisa. Sustentamos assim o que foi percebido por Thompson (1992, p. 137), “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.”

O método não se restringiu apenas as gravações e sua análise, existe todo um processo investigativo antes e depois das entrevistas; a pesquisa, o levantamento de dados e análises bibliográficas são de fundamental importância para a preparação do roteiro das entrevistas. O acervo bibliográfico da Universidade depende diretamente da pesquisa cuidadosa e preocupada com o tratamento do material produzido. Pois sob a perspectiva de Minayo, ao se analisar os dados, três alternativas são encontradas, dentro de uma pesquisa qualitativa: a análise de conteúdo, a análise do discurso e a hermenêutica dialética pois esse último:

[...] é o mais capaz de dar conta de uma interpretação aproximada da realidade. Essa metodologia coloca a fala em seu contexto para entendê-la a partir do seu interior e no campo da especificidade histórica e totalizante, em que é produzida. (MINAYO, 1996, p. 231).

A opção foi por trabalhar o sujeito de pesquisa através de todas as implicações de ordem histórica, sociocultural, política, econômica e educacional, para que assim, pudéssemos vivenciar uma experiência no contexto onde trabalham os atores de nossa pesquisa. Reforça ainda em nossa opção, a crença de que é possível se chegar ao conhecimento mais próximo possível da realidade, por meio de:

[...] uma prática dialética interpretativa que reconhece os fenômenos sociais sempre com resultados e efeitos da atividade criadora, tanto imediata quanto institucionalizada. Portanto, torna como centro da análise a prática social, a ação humana e a considera como resultado de condições anteriores, exteriores mas também como práxis. Isto é, o ato humano que atravessa o meio social conserva as determinações, mas também transforma o mundo sobre as condições dadas. (MINAYO, 1996, p. 232).

Por ser uma pesquisa realizada em um campo recente e inovador não buscaremos por “verdades incondicionais”, mas sim a aproximação de diferentes fronteiras de trabalho, de originais opções e inovadoras estratégias. Visamos a aproximação da essência dessas mulheres, suas expectativas, seus sonhos, suas conquistas e suas derrotas, como foi concretizado todo o processo de implementação das fábricas e como se efetivou a participação direta das mulheres nesse acontecimento.

[...] penetrar, pelo interior, uma realidade que ultrapassa o narrador e a modela. Pelo fato desta técnica se colocar no ponto de interseção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e o que ele traz no seu íntimo (o social e o individual) busca-se, através dela, apreender o socialmente vivido, o sujeito em suas práticas, tentando perceber de que maneira ele aborda as condições sociais que lhe são particulares. (FERNANDES, 1995, p. 153).

Sendo assim conseguimos formatar outra identidade, que, evidentemente terá muita semelhança com outros estudos já realizados, mas no contexto em questão, onde não havia perspectivas originais, idéias criativas e até mesmo a vontade, aliada à necessidade de mudanças, certamente iremos apontar diferenças e relatos excepcionais que mesmo isolados, caracterizarão uma grande experiência vivida e construída no coletivo.

A abordagem utilizada no processo metodológico foi a qualitativa, sendo a mesma concretizada através de entrevistas feitas, não só com as mulheres costureiras, mas também com aquelas que são empregadoras e cooperadas no segmento em estudo. Para o estudo, assim como para Martinelli (1999, p. 21-22), a pesquisa qualitativa objetiva:

[...] trazer à tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado, não é só a minha visão de pesquisador em relação ao problema, mas é também o que o sujeito tem a me dizer a respeito. Parte-se de uma perspectiva muito valiosa, porque à medida que se quer localizar a percepção dos sujeitos, torna-se indispensável – e este é um outro elemento muito importante – o contato direto com o sujeito da pesquisa.

Seguindo a ótica da perspectiva qualitativa, foi realizada a entrevista, semi estruturada, em uma organização empresarial e de confecção, cuja produção de lingerie é expressiva, já tendo até mesmo conquistado outros mercados consumidores no país e que conta com mais de quinhentas colaboradoras, popularmente conhecidas como “sacoleiras”. A organização serve como parâmetro e modelo produtivo para várias outras pequenas fábricas instaladas na cidade.

Posteriormente foram selecionadas, outras pequenas organizações e até mesmo arranjos domiciliares, para obtenção de uma perspectiva geral de como se procede o início da constituição das mesmas; dessa forma, foi objetivado um comparativo do comportamento das mulheres em distintos níveis e volumes produtivos.

A seleção das trabalhadoras entrevistadas foi realizada com prévio contato, onde houve o encaminhamento de ofício de apresentação, devidamente assinado pelos responsáveis pela pesquisa e contato telefônico confirmando, não apenas o recebimento da correspondência, como também o dia, horário e local para a realização das entrevistas.

O presente estudo enfrentou uma escassez de documentos e bibliografias a respeito do tema em questão, não só pela recente implantação desse ramo de produção, mas também pela escassa bibliografia sobre o trabalho da mulher, principalmente a mulher costureira e empreendedora; mais uma vez, o método escolhido foi de grande e, em alguns momentos, de única valia.

O arcabouço teórico, por ser ainda pouco expressivo, utilizou como referencia pesquisas realizadas em outras regiões do país, tais como Rio de Janeiro,

São Paulo, Interior de São Paulo, Centro Oeste (Catalão – GO) e Nordeste do país, locais onde o segmento produtivo é mais expressivo e, portanto, estudos científicos já foram desenvolvidos em empresas similares.

As entrevistas foram realizadas com mulheres e foi feita a gravação digital do conteúdo completo das mesmas em arquivo digital, onde, além de percebermos a fala poderemos arquivá-las com maior segurança. Foi realizada a transcrição das gravações e essas foram salvas em documento específico, para, se necessário, seja apresentado o conteúdo completo de forma inteligível.

Procuramos, durante a apreensão de informações e de dados, nos atentar aos aspectos sociais, econômicos, políticos e cronológicos. Essa faceta produtiva de parte da população, não mais irá permanecer desconhecida, diante da sociedade, dos meios acadêmicos, da política e da economia local.

As inovações sociais e econômicas são um grande desafio para o Serviço Social, assim como para o universo acadêmico e para a produção científica, pois a pesquisa científica divulga o conhecimento e a apreensão da realidade com uma formatação e um olhar diferenciado, colaborando assim para a compreensão da construção histórica e enriquecendo a edificação de memórias futuras.

A pesquisa de campo foi inserida ao longo da primeira parte e segunda parte do trabalho, objetivando a conexão entre o *córpus* teórico e o material empírico, proporcionando assim uma efetiva interlocução entre a teoria e a realidade estudada e corroborando para o diálogo com as hipóteses e objetivos inicialmente propostos, além da formatação das considerações finais.

A construção do trabalho foi realizada em duas partes, composta cada uma delas por três segmentos; a primeira parte trata da: “A CENTRALIDADE DO TRABALHO FEMININO”, e se subdivide em: O papel do trabalho feminino na trajetória do capitalismo; Aprendendo e apreendendo diferentes formas produtivas e Reestruturações produtivas – mulheres como agentes da mudança; contextualizando não só o trabalho da mulher, sempre presente nas sociedades, entretanto em muitos momentos menosprezado social e profissionalmente, tendo em vista não só os interesses do capital como a preservação de costumes arcaicos.

Na segunda parte foi objetivada a caracterização histórico produtiva do horizonte delimitado, do recorte teórico, produtivo e geográfico e foi intitulada: “MODELOS PRODUTIVOS E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DA LINGERIE”, dividido em: Reestruturações: entendendo as mudanças na produção; A gênese das

produções têxteis em Franca/SP e Estratégias de melhoria: rumo à competitividade do mercado; caracterizando os modelos e momentos produtivos na cidade de Franca.

Há nesse momento a proposta de uma devolutiva, de uma contribuição aos colaboradores da pesquisa e nesse caso foram realizados estudos e, nos mesmos, orientações às empresas, visando uma contribuição e um aporte teórico e que o mesmo possa contribuir com o desenvolvimento produtivo dessas organizações.

Para a defesa do trabalho e mesmo foi devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, assim como à revisão bibliográfica, realizada pela bibliotecária da Universidade e devidamente analisada em relação às normas da UNESP.

Finalmente, as considerações finais, ainda distantes de uma conclusão final (característica inerente a todas as pesquisas), demonstram o que se espera da dissertação: o entendimento de uma determinada realidade, o desfecho dos pressupostos e hipóteses e a contribuição do Serviço Social com a construção do conhecimento que, nesse estudo, tem início com a aproximação e perspectiva histórica do Trabalho da Mulher.

**PRIMEIRA PARTE**  
**A CENTRALIDADE DO TRABALHO FEMININO**

## 1.1 O papel do trabalho feminino na trajetória do capitalismo

A relevância do tema, o trabalho da mulher, foco desse estudo, necessita de uma aproximação inicial, da busca de definições e de análises sobre a categoria trabalho, sendo esse o ponto de partida para o entendimento da real formatação desse objeto de estudo na sociedade atual. O trabalho representa umas das maneiras de sobrevivência e subsistência para grande parte da população e sempre permeou e contribuiu história e formação social.

Em uma perspectiva histórica faz-se necessário apontar as constantes mudanças ocorridas no mundo do trabalho, principalmente por ser a maioria delas, em razão da intervenção humana. A princípio o homem busca ajustes em uma questão de sobrevivência<sup>1</sup>, como acomodações, moradia, caça, pesca e defesa pessoal; posteriormente transformações de maior impacto social como as alterações do meio ambiente, dos meios de produção, as grandes revoluções, descobertas, evolução tecnológica e de comunicação.

Ainda nessa perspectiva pode-se perceber e conseqüentemente demonstrar a importância do trabalho e sua influência na configuração social, assim como as manifestações e fragilidades dessa interferência; essa percepção é fundamental para o entendimento dos contornos ocorridos na trajetória histórica resultante da relação entre o trabalho e a sociedade por ele envolvida.

O eixo principal da análise será a relação trabalho/gênero e, para tanto, relevantes e pertinentes obras e acepções foram consultadas e estudadas antes e durante o programa, haja vista ser esse interesse pessoal e de pesquisa, entre os autores destacamos nomes como Helena Hirata, Cássia Maria Carlotto, Ricardo Antunes, Christophe Dejours, István Mészáros, entre outros.

O referencial teórico aponta evidências e pressupostos presentes e provavelmente os norteadores fundamentais para o entendimento da realidade que permeia o cotidiano de uma vasta camada social, tendo em vista que o principal objetivo da atuação profissional do Serviço Social, segundo Iamamoto 2007, é o da atuação nas manifestações da questão social, pois as relações de trabalho e gênero atingem diretamente a organização e formação das sociedades.

---

<sup>1</sup> “O Trabalho humano é atividade dirigida a fim de criar valores de uso, isto é, responder necessidades sociais. Assim, a partir da prévia-ideação, o processo de trabalho transforma um objeto por meio de instrumentos com vistas a um determinado fim: criar valor de uso” (MARX, 1987, p. 201-210).

Na esfera do Serviço Social a relação capital/trabalho/sociedade é ponto fundante, principal e essencial de estudo, assim como campo direto de intervenção, pois é essa, a principal área onde vislumbramos, na coletividade, as manifestações da questão social. As mudanças sociais ocorridas necessitam de uma representação constituída a partir dessa presente realidade, que seja imbuída da influência advinda das lutas, movimentos e metamorfose social.

As disparidades sociais e econômicas, sobrevividas do sistema capitalista vigente, é o resultado da ação, ou seja, as consequências dos antagonismos entre a relação advinda da insatisfação das classes menos favorecidas e da concreta divisão social. Entretanto na maioria das vezes só é notado quando a classe trabalhadora, precarizada, impõe suas reivindicações trabalhistas, econômicas e pessoais.

Justamente nessa contradição de interesses o Serviço Social atua, e até mesmo de maneira curiosa, pois a questão de gênero, nessa profissão, tem a presença feminina numericamente superior e, no caso do Serviço Social, assim como em outras profissões, essa superioridade se legitima de maneira natural, porém, preponderante e objetiva.

Com tal perfil (feminino), o assistente social absorve tanto a imagem social a mulher, quanto as discriminações a ela impostas no mercado de trabalho [...]. Além da marca feminina predominante, o assistente social é herdeiro de uma *cultura profissional que carrega fortes marcas confessionais em sua formação histórica* e alguns de seus traços se atualizam no presente por meio de um discurso profissional laico que reatualiza a herança conservadora de origem. [...]. Os traços citados podem estimular o cultivo de uma subalternidade profissional, com desdobramentos na baixa auto-estima dos assistentes sociais diante de outras especialidades. Favorecem a internalização de 'profissionais de segunda categoria', que 'fazem o que todos fazem' e o que 'sobra' de outros profissionais. Enfim, uma profissão [...]. destituída de status e prestígio (IAMAMOTO, 2007, p. 104-106, grifos do autor).

Apesar da precariedade das relações de trabalho, principalmente em relação ao trabalho da mulher, o Serviço Social coopera de maneira a se apropriar da realidade, conhecendo-a e percebendo, buscando desvelar principalmente a forma e a intensidade de suas necessidades, pois se trata de um cenário de precarização, desemprego e disputa de poderes.

Mesmo sendo as relações de trabalho a causa de muitas das desigualdades, e é esse o ponto principal de intervenção e atuação do Serviço

Social em suas diversas esferas; o estudo sobre essa ingerência é ainda primário<sup>2</sup>, posto que tanto a profissão, quanto a sociedade estão muito aquém de esboços, resultados e ações eficazes nas mais intensas manifestações e expressões da questão social. Ainda não há uma ação efetiva e preventiva nesse âmbito.

Categorias<sup>3</sup> como religião, cultura, gênero, raça, entre outras são intrínsecas a sociedade como um todo e convivem em relação simbiótica, considerando serem essas instâncias as formadoras e norteadoras da sociedade como um todo. De acordo com Saffioti (1992) alguns quesitos são historicamente inseparáveis e precisam de uma análise simultânea, como é o caso do trabalho-gênero-capitalismo.

Ao destacarmos no estudo o trabalho da mulher, é necessário direcionar a pesquisa não só no contorno da ação profissional, mas também em outros horizontes como o familiar, o público, o político, o econômico, o social, o religioso e em outras esferas sociais. Pois, segundo Kühner (1977, p. 26), “[...] a mulher comum é um ser social e histórico e, como tal, está envolvida na rede de relações sociais e situada em um determinado espaço/tempo histórico.”

A presença feminina no circuito produtivo, entre outros rearranjos, acarreta mudanças em diversos arranjos sociais, muitas são as críticas e as atribuições de culpa, principalmente por conta da ausência da mulher no ambiente doméstico, fator que implica em menor contato e acompanhamento dos filhos, do companheiro e das rotinas da vida privada.

Além da inserção feminina, a relação capital/trabalho passa por outras inúmeras transformações, assim como a comercialização de produtos e matérias primas produzidas; desta forma, percebemos nas últimas décadas alterações comerciais e financeiras entre países, nações, regiões, empresários e trabalhadores.

---

<sup>2</sup> A consolidação social de uma profissão envolve vários elementos que se imbricam determinando o status social da profissão. Três elementos parecem-nos, determinantes neste processo: o tempo de surgimento da profissão (quanto mais antiga, mais consolidada socialmente), os elementos sociais envolvidos na gênese histórica da profissão e sua função social. (SANTOS; LIMA, 2006, p. 7).

<sup>3</sup> Do grego: *Κατηγοριαί*, *kategoría* (acusação, atributo), pelo latim *categoria*. Conceitos gerais que exprimem as diversas relações que podemos estabelecer entre idéias ou fatos. Originalmente significa acusação, no sentido de atribuir um predicado a algo ou alguém. Aristóteles, o primeiro a usar o termo em sentido técnico, assim chamava “categoria do ser” aos predicados gerais atribuídos ao mesmo, correspondendo, então, as distintas classes do ser, distintas classes de predicados. A teoria das prossegue - sofrendo constantes intervenções, acréscimos, depuramentos - pela filosofia grega e medieval até nossos dias. (CLASSIFICAÇÕES..., online).

[...] estas mudanças alterariam o âmago do processo produtivo e o trabalho direta e indiretamente envolvido na produção, criando novas mas restritas relações de trabalho, mas também acentuando as características de exclusão econômica e social do sistema capitalista e recriando condições aparentemente superadas durante os anos dourados do pós-guerra. Estas alterações irão afetar o conjunto do mundo do trabalho: suas relações no interior do processo produtivo, a divisão do trabalho, o mercado de trabalho, o papel dos sindicatos, as negociações coletivas e a própria sociabilidade de um sistema baseado no trabalho (MATTOSO, 1995, p. 70 apud GUIRALDELLI, 2008, p. 39).

Todos esses fatores implicaram em uma reestruturação produtiva e alteração nas relações empregado/empregador; a decorrência de todas essas mudanças foi o aumento do desemprego, precarização dessas relações, fechamento de organizações empresariais e conseqüente extinção de inúmeros postos de emprego.

A revolução tecnológica foi entendida por alguns pesquisadores da temática trabalho, entre eles Antunes (1995), como a terceira revolução industrial, e está em pleno desenvolvimento, acarretando modificações quantitativas e qualitativas no mundo do trabalho, o emprego é numericamente menor e a precarização das relações de trabalho aumenta diariamente frente ao expressivo exército de reserva<sup>4</sup>.

Do total de pessoas que conformam o excedente mundial de mão-de-obra, cerca de 150 milhões de trabalhadores encontram-se na categoria de desemprego aberto, enquanto 850 milhões são considerados na condição de subemprego, exercendo atividades de sobrevivência, com jornadas de trabalho insuficientes e de remuneração muito comprimida. Apesar de expressivo, o desemprego em massa na economia global não constitui uma novidade histórica, assim como a sua forte interface com a pobreza e a exclusão social. Conjuntamente com a evolução histórica das nações tem havido pelo menos três diferentes padrões de desemprego [...] atividades econômicas concentradas no setor agropecuário [...] nações industriais que possuem a predominância da população ativa ocupada no meio urbano [...] mais atividades de serviços modernos (setor terciário). (POCHMANN, 2001, p. 82).

---

<sup>4</sup> Exército de reserva, inicialmente conceituado por Karl Marx em sua crítica da economia política, é entendido como a condição de desemprego estrutural ocasionado pelas organizações das economias capitalistas. O exército de reserva representa assim a força de trabalho existente além das necessidades produtivas, inconscientemente essa parcela da população contribui para o bom funcionamento do sistema capitalista de produção e colabora assim para a garantia do processo de acumulação, é necessário que parte da população trabalhadora fique temporariamente ou mesmo permanentemente desempregada, pois, segundo a teoria marxista, esse constante número de pessoas desempregadas funciona como um empecilho para as reivindicações dos trabalhadores ativos e mais agravante ainda, contribui para o relaxamento de direitos e o rebaixamento dos salários. (GIL, 2010, online).

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), nas últimas décadas, cerca de dez por cento da população trabalhadora, o que em números representa aproximadamente duzentos e cinquenta milhões de trabalhadores que estão desempregados no mundo.

As terceirizações<sup>5</sup> e relações informais de trabalho crescem assustadoramente, atualmente o processo de globalização é sinônimo de desemprego, fechamento ou diminuição da produção de indústrias e serviços, segundo Ianni (2007, p. 18), “A reprodução ampliada do capital, em escala global, passou a ser uma determinação predominante no modo pelo qual se organizam a produção, distribuição, troca e consumo.”

As estratégicas relações econômicas mundiais implicaram na falência e no fechamento de um grande número de indústrias, houve a precarização das relações humanas no interior dessas organizações empresariais com seus chamados colaboradores, essas foram brutalmente fragilizadas e a terceirização parcial ou total da produção foi a estratégia adotada por vários empresários.

O sistema capitalista globalizado revolve o campo do trabalho com incertezas e isso leva as organizações empresariais a uma reorganização plena, a uma pretensão de antecipar acontecimentos ou necessidades do mercado onde atuam, o que deveria ser planejamento passa a ser conhecido como flexibilidade e buscam assim a adaptação tanto da produção, quanto da oferta de serviços embasados em despesas e períodos cada vez menores.

O modelo produtivo atual precisa se adequar à demanda, esse ajuste reflete diretamente sobre os trabalhadores; o profissional, para que consiga se manter no mercado, precisa agora de um aprimoramento constante, o que para eles é sempre uma incógnita; a flexibilização, também entendida como polivalência ou multifuncionalidade, parece ser um objetivo impossível de ser alcançado, pois a referência, quando alcançada, sempre é elevada.

---

<sup>5</sup> A terceirização é uma estratégia produtiva que tem por objetivo a redução de custos e de encargos. Já é atualmente usada em larga escala por grandes corporações, observada principalmente em empresas de telecomunicações, mineração, indústrias e até mesmo em alguns serviços da rede pública. Entretanto apesar de vislumbrar várias vantagens, a Terceirização deveria ser praticada com cautela, o que não ocorre. Os exemplos de má gestão de terceirização demonstram uma política de precarização do trabalho, informalidade dos indivíduos e pequenas empresas que prestam o serviço, assim como mais uma faceta capitalista para um maior acúmulo de capital e multiplicação dos lucros, atrelados à uma desenfreada busca por redução de custos, seja às custas da exploração do trabalho humano ou da baixa qualidade final dos produtos. (SILVA, 2008, online).

O trabalhador já não sabe mais com quantas máquinas opera, qual é o seu foco produtivo, sua meta do período ou a área onde possui mais qualificação, ele precisa realizar tarefas distintas, simultâneas e com “excelência”, outro termo amplamente utilizado no atual processo de produção. A alienação do trabalhador não implica somente em sua alienação diante de sua condição de trabalhador, mas em uma preocupante condição de flexibilidade de direitos.

Essa flexibilidade deve ser alcançada em todas as esferas e dimensões da acumulação: flexibilidade espacial, com a derrubada das restrições de entrada e saída, de capitais e mercadorias, nos diversos países e regiões; flexibilidade temporal, com a criação de novos e impressionantes meios de comunicação e de produção de informações; flexibilidade produtiva, das máquinas, equipamentos e da mão-de-obra, acordo com as flutuações quantitativas e qualitativas da demanda; flexibilidade financeira e de comercialização; flexibilidade no uso e na contratação e dispensa da mão-de-obra, com a total desregulamentação do mercado de trabalho, de acordo também com as variações da demanda; e flexibilidade da jornada de trabalho e da remuneração dos trabalhadores. Enfim, para o capital, total liberdade de movimento, contratação e exploração da força-de-trabalho. (FILGUEIRAS, 1997, p. 914-915).

A condição da classe trabalhadora deixou de ser apenas a que vive do trabalho, contudo, parafraseando Antunes (1995), a classe que vive para o trabalho, pois desempenha suas funções não somente durante o processo produtivo, mas também em todos os momentos da vida cotidiana, ao carregar para casa as derivações psicológicas das pressões sofridas, da constante necessidade de capacitação e educação continuada e também a exaustão ocasionada pelo labor árduo, seja no trabalho físico ou pensado.

Muitas são as facetas do sistema, a apropriação do trabalho imaterial, ou do trabalho pensado é apenas mais uma delas. Há uma exploração da dimensão intelectual do trabalhador, percebida com maior intensidade nos setores de informática, comunicação, publicidade, economia e serviços; não podemos nos esquecer, contudo do Serviço Social, pois, o profissional da área, está também sujeito a todas as exigências e transformações do contexto e, ainda assim, precisa exercer o papel de mediador das mazelas humanas.

No trabalho imaterial os trabalhadores têm a obrigação e a necessidade de ampliar os seus conhecimentos e competências. Contribuindo não somente na produção, mas em pontos estratégicos para melhoria da quantidade e qualidade dos produtos, assim como nas relações do capital com o mercado, na demanda, nas

relações de disputa, nos tratos comerciais e nas possíveis consequências de todo o processo na sociedade e prováveis impactos nos índices econômicos.

O trabalhador precisa dar conta ao mesmo tempo de melhorar, sem que seja maculada a imagem da organização empresarial ou instituição onde trabalha, passa então a ter uma atuação de grande importância e até um poder de decisão que não lhe cabe, ou mesmo que não é de sua competência, fazendo com que o mesmo assuma uma postura à frente de responsabilidades ou de decisões alargando ainda mais sua imbricação imaterial no âmbito material do trabalho.

Sem que compreenda a trama, o trabalhador se percebe cada vez mais entrelaçado no sistema, cooperando em diferentes momentos do processo produtivo, atuando em diversas fases da produção, sendo comandado e comandando, Antunes (2005) discorre sobre os sentidos do trabalho, sobre a subjetividade direcionada para além do circuito produtivo, para a incorporação da subjetividade dos indivíduos que lhe é roubada e incorporada em perspectivas de crescimento e lucro empresariais.

E mais: ao contrário da prevalência da técnica em substituição ao trabalho vivo, hoje o saber científico e o saber laborativo mesclam-se ainda mais diretamente. As máquinas inteligentes podem substituir grande quantidade de homens e mulheres que trabalham, mas não podem extinguir e eliminar definitivamente a potência criadora do trabalho vivo. Ao contrário, a criação de um novo maquinário informacional é resultado do trabalho intelectual dos trabalhadores/as que, ao atuarem junto à máquina informatizada, transferem parte de seus atributos intelectuais à nova máquina que resulta desse processo, dando nova dimensão à teoria do valor. Estabelece-se, então, como desenvolvi em *Os sentidos do trabalho*, um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva à extinção do trabalho, mas a um processo de retro-alimentação que necessita cada vez mais de uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser explorada de maneira mais intensa e sofisticada, especialmente nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico. E, quando assim não é, amplia-se sem limites a precarização do trabalho, fazendo-o oscilar entre a perenidade (em que cada vez menos pessoas trabalham mais) e a superfluidade do trabalho (em que cada vez mais pessoas trabalham menos ou encontram-se desempregadas. (ANTUNES, 2005, p. 98).

Aliadas a todas as formas de precarização do trabalho o desemprego assume papel de regulador do operário empregado, pois, o exército de reserva acena com sua disponibilidade e condição de vulnerabilidade muito mais intensa do que o contingente ativo; o estar desempregado e excluído do mercado é uma situação da qual aspiram sair.

O grande número de trabalhadores disponíveis está ávido por uma oportunidade de inserção; se comportam como se fossem indiferentes às situações de exploração, aviltamento e abuso, às quais poderão ser submetidos futuramente; sendo assim, acenam para os proprietários sua intenção de alegremente e agradecidamente se sujeitarem ao sistema, concordam com todas as condições e abjeções impostas, o medo do desemprego é maior do que o orgulho e até mesmo da legislação trabalhista vigente.

O desenvolvimento tecnológico foi o princípio endógeno do desemprego, principalmente ao promover um aumento da produtividade com redução da força humana de trabalho. O sistema tem agora uma alternativa para a manutenção e aumento de suas atividades, tanto relacionadas à produção quanto ao lucro; mas nesse momento, sem as pressões pessoais dos trabalhadores, pois as máquinas não têm direitos, necessidades ou vontades.

Ao mesmo tempo que a atual revolução tecnológica traz um aumento da eficiência e da capacidade produtivas, observa-se o crescimento dos índices de desemprego, subemprego e informalidade. Resulta daí que setores da sociedade para os quais não se tinha políticas públicas que fossem além da assistência social, começam a encontrar na economia popular solidária e na autogestão uma possibilidade para melhorar sua qualidade de vida. (TAULIE; DEBACO, 2002, p. 1).

Agora com novas e maiores restrições a efetivação do pleno emprego fica ainda mais distante de ser alcançado, atender às exigências de um mercado exigente e seletivo é uma tarefa bastante complicada e o número de descartados aumenta na mesma proporção em que os postos de trabalho se dizimam.

A população, frente ao exposto, não tem de onde tirar o próprio sustento, o Estado, que deveria assumir a demanda de uma população sem acesso aos mínimos direitos e marginalizada, no tocante ao emprego, não cumpre seu papel regulador, ao contrário, diante de constantes crises, escândalos, insuficiência de planejamento e ações efetivas, causa ainda mais insegurança e aumenta o nível de insatisfação geral.

A perspectiva populacional tanto em relação ao trabalho como ao Estado é permeada de incertezas. Não há postos de trabalho suficientes, assim como inexistem políticas públicas efetivas que possam garantir à sociedade o mínimo necessário em situações de desemprego.

O trabalho vivo, humano é sistematicamente eliminado, o processo produtivo alarga essa condição, há uma descrença geral em relação ao trabalho e sua centralidade na vida e na subsistência da população; o poder público, que deveria ser responsável pela população, permanece impassível, diante de um cenário cada vez maior de pobreza, de criminalidade, de mortes e doenças, o que culmina em aumento das despesas públicas com saúde e segurança.

Alguns autores consideram o desemprego uma doença social, altamente destrutiva e que poderá culminar na extinção do trabalho humano, pois será esse totalmente substituído por máquinas e tecnologia inteligente. Tal apreensão se deve a um significativo aumento nos índices de desemprego, de maneira global, ao mesmo tempo em que a produção, receita e lucros empresariais cresceram. O que numericamente deveria ser conjunto passa a ser inversamente proporcional.

Um jornalista após a guerra escreveu que o desemprego é uma doença social específica da civilização ocidental de nosso tempo. Foi a ausência de qualquer solução dentro do esquema da velha economia liberal que tornou dramática a situação das economias mundiais. A Grande Depressão destruiu o liberalismo econômico por meio século e, isto, obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais mais prioridade no âmbito político. (RUMO..., online).

Nessa realidade onde serão adaptados os trabalhadores? Com a informatização e automação cada vez atingindo mais setores a presença humana passa a ser descartável. As engenhosas técnicas de produção e gestão abarcam um número reduzido de trabalho humano e quando o faz é com salários reduzidos, garantia mínima de direitos, exploração das potencialidades do trabalhador e instabilidade dos contratos, todas essas características afetam de maneira gritante a vida pessoal e profissional das pessoas.

E, se participar do mundo do trabalho é difícil, estar fora dele é ainda pior, a pessoa desempregada introjeta um sentimento de inutilidade e supressão com o qual não consegue lidar. O trabalhador passa a preferir o destrato ao invés do esquecimento. O momento atual onde o poder aquisitivo e de consumo são prioridades sociais, o sentimento de exclusão agrava essa convicção.

Há um entendimento geral de que só existem duas alternativas, onde uma garante a seguridade, a estabilidade e a satisfação social e pessoal e a outra, a do desemprego é permeada pela vergonha e insatisfação geral. Dejours (2006, p. 73) aponta que “[...] para manter seu lugar, conservar seu cargo, sua posição, seu

salário, suas vantagens e não comprometer seu futuro e até sua carreira, ele precisa aceitar 'colaborar'."

Portanto é de se esperar que o sofrimento no trabalho gere uma série de manifestações psicopatológicas. [...] No início das pesquisas, nos anos 50, procurou-se identificar e caracterizar os efeitos deletérios do trabalho sobre a saúde mental dos trabalhadores, visando a constituir um diagnóstico das "doenças mentais do trabalho". [...] Se o sofrimento não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica (ou seja, de uma ruptura do equilíbrio psíquico que se manifesta pela eclosão de uma doença mental), é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo. [...] existem defesas construídas e empregadas pelos trabalhadores coletivamente. (DEJOURS, 2006, p. 35).

De acordo com pesquisa do Programa Integra Pontifícia Universidade Católica/Central Única dos Trabalhadores (PUC/CUT), que analisa como o trabalhador desempregado descreve os seus sentimentos internos, 50% referenciam sentimento de vergonha, 37,5 % de exclusão e 12,5 % de desamparo; sendo a vergonha descrita no sentido de constrangimento, receio e vergonha e o desamparo relacionado principalmente com a ineficiência do Estado em relação a esses trabalhadores, suas famílias e manutenção de suas necessidades básicas e qualidade de vida.

Para a classe trabalhadora já existe até mesmo uma analogia entre desemprego e doença; entretanto a realidade é que ocorre uma mudança nas relações sociais que o indivíduo estabelece, pois ao se sentir incapaz, entende também que não realiza nenhuma contribuição social ou econômica, sendo assim, perde sua representatividade e a imagem idealizada de trabalhador.

Tendo em vista os atuais e crescentes índices de desemprego e renda mundiais há de se temer, analogicamente falando, uma epidemia, não apenas em relação aos números, mas diante das consequências psicológicas, físicas e de ordem social. O trabalhador desconhece a real exigência do mercado e em muitas vezes procura e se qualifica para funções que não existem.

Há um intenso sentimento de culpa por parte desses trabalhadores, pois se acreditam desqualificados e incapazes de atender às exigências da reestruturação produtiva e das evoluções tecnológicas, sem se darem conta de que foram essas mudanças a principal causa do desemprego.

Tabela 1 – Mapa do desemprego no Brasil (em %)

Período	Regiões Metropolitanas e Distrito Federal								
	Recife			Salvador			São Paulo		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
<b>1998</b>	21,6	19,0	24,9	24,9	22,9	27,1	18,2	16,1	21,1
<b>1999</b>	22,1	19,6	25,2	27,7	25,8	29,9	19,3	17,3	21,7
<b>2000</b>	20,7	18,2	23,9	26,6	24,1	29,3	17,6	15,0	20,9
<b>2001</b>	21,1	17,8	25,3	27,5	25,0	30,2	17,6	14,9	20,8
<b>2002</b>	20,3	17,6	23,6	27,3	24,9	29,9	19,0	16,4	22,2
<b>2003</b>	23,2	20,0	27,0	28,0	26,1	30,1	19,9	17,2	23,1
<b>2004</b>	23,1	20,3	26,5	25,5	23,2	28,0	18,7	16,3	21,5
<b>2005</b>	22,3	19,2	26,0	24,4	21,3	27,8	16,9	14,4	19,7
<b>2006</b>	21,3	18,4	24,8	23,6	20,4	27,0	15,8	13,4	18,6
<b>2007</b>	19,7	16,9	23,1	21,7	18,4	25,3	14,8	12,3	17,8
<b>2008</b>	19,6	16,9	22,9	20,3	16,5	24,1	13,4	10,7	16,5
<b>2009</b>	19,2	16,3	22,7	19,4	15,9	23,2	13,8	11,6	16,2
<b>2010</b>	16,2	13,7	19,2	16,6	12,9	20,5	11,9	9,5	14,7
<b>Janeiro 2011</b>	13,5	10,8	16,7	13,6	10,4	17,1	10,5	8,6	12,6
<b>Fevereiro 2011</b>	13,9	11,0	17,2	14,3	11,3	17,6	10,6	8,8	12,8
<b>Março 2011</b>	13,9	10,3	18,2	15,7	12,4	19,2	11,3	9,5	13,3

**Fonte:** Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos (DIEESE); FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador); Ministério do Trabalho e Emprego (MET); PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego); Secretaria de Estado e Administração (SEADE).

**Elaboração:** DIEESE

Diversos movimentos e ideologias voltados para os temas educacionais, políticos, sindicais e sociais contribuíram para a desmistificação de inúmeras questões polêmicas; a questão de gênero, ponto principal do estudo, é, contudo extremamente importante e alvo constante de muitas dessas ações e estudos.

O estudo do mundo do trabalho, além de muito extenso, é por diversas vezes muito fragmentado, vários são os pontos de interesse, os campos de estudo e realidades de atuação e intervenção, até mesmo porque, uma análise dessa importância não pode ser reduzida e nem tão pouco uma problemática, por mais importante que seja, poderá anular ou se isolar de outra.

## 1.2 Aprendendo e apreendendo diferentes formas produtivas

Uma inicial apresentação da realidade do mercado de trabalho nos dias atuais é condição fundante para o entendimento de como e por que se deu a inserção da mulher nesse mercado, conjuntura, necessidades, consequências e quadro atual. O início do trabalho assalariado e da implícita participação feminina no processo produtivo e na geração de lucros.

Pode-se dizer, portanto, que o trabalho das mulheres no lar é transferido para a criação de mais-valia através da força de trabalho assalariada. Deste ponto de vista, o trabalho doméstico constituiu atividade indiretamente produtiva, na medida em que poupa a força de trabalho diretamente subjugada pelo capital. (SAFFIOTI, 1979, p. 37).

É de amplo conhecimento a sempre presente participação da mulher nos históricos ciclos produtivos e em seus mais diversos desdobramentos; entretanto, a reestruturação produtiva absorve o trabalho da mulher de modo mais específico e visível, para muitos é somente a partir daí que se inicia a participação feminina na produção. Passam a consideradas “trabalhadoras” as mulheres assalariadas.

Seacombe, diversamente, não reconhece nem direta, nem indiretamente, o caráter produtivo do trabalho doméstico. Para esse autor, trata-se de trabalho necessário, mas improdutivo, já que a separação entre a esfera doméstica e a industrial das formações sociais capitalistas elimina a possibilidade de qualquer relação direta entre a dona de casa e o capital. A relação da dona de casa com o capital é uma relação mediada pela produção e pela reprodução da força de trabalho e pela reprodução das relações de produção. O trabalho doméstico não é, portanto, produtivo, na medida em que não produz mais-valia. (SAFFIOTI, 1979, p. 37).

A inserção do trabalho feminino é historicamente descrita a partir das I e II Guerras Mundiais, pois foi um momento em que as mulheres, por necessidade, assumiram a posição dos homens no mercado de trabalho. A consolidação do sistema capitalista no século XIX efetiva a posição da mulher no emprego formal. Entretanto essa conquista se dá em sua maioria não pela igualdade de direitos e nem pela busca da autonomia e emancipação, mas sim, pelo interesse do capital por um serviço mais barato e subserviente em comparação à força de trabalho masculina.

Por outro lado, não se pode perder de vista o fato de que a ideologia patriarcal induz a mulher a aceitar facilmente empregos mal remunerados. O salário feminino não apenas pode ser inferior ao do homem, na medida em que é considerado complementar, como deve ser inferior a fim de manter a superioridade masculina no lar. (SAFFIOTI, 1979, p. 28).

Outro fato de considerável importância foi êxodo rural, as famílias deixaram o trabalho no campo e migraram para as cidades, as mulheres, acostumadas ao trabalho e a participação efetiva nas atividades de subsistência, procuram não só uma fonte de renda, mas também uma ocupação.

O fenômeno da proletarização do homem do campo não significa senão a expansão das atividades capitalistas neste espaço econômico. O trabalhador passa de produto autônomo, operando na produção de forma não capitalista, para produtor direto, subjugado ao capital. A destruição quase total do artesanato pela indústria não representa senão a organização das atividades de transformação em termos capitalistas. (SAFFIOTI, 1979, p. 24).

Existe uma perda de vagas para as mulheres, começam as manifestações dos homens, pois esses se viam prejudicados pela desleal concorrência feminina na disputa pelos postos de trabalho, não queriam seus salários reduzidos, mas temiam o desemprego. Há um sentimento contraditório entre ser explorado e precarizado e o medo da não exploração, ou seja, a invisibilidade profissional. Não percebiam que a mulher era apenas mais uma vítima de exploração do sistema, e a viam como uma adversária.

Essa perspectiva do trabalho feminino acirra a disputa de poderes entre os gêneros, a posição da mulher no campo de trabalho passa a ser uma questão política e de direitos. As ondas feministas proliferam<sup>6</sup>, grandes mobilizações são organizadas, não só reivindicando o direito e igualdade no campo de trabalho, mas também quanto ao controle de natalidade e autonomia sexual.

---

<sup>6</sup> Os movimentos feministas são, sobretudo, movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, isto é, garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. Além disso, os movimentos feministas são movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a idéia de que há uma diferença entre os gêneros. No que se refere aos seus direitos, não deve haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas. As feministas afirmam que sua luta não tem por objetivo destruir tradições ou a família, mas alterar a concepção de que "lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos". O compromisso dos movimentos feministas é pôr fim à dominação masculina e à estrutura patriarcal. Com isso, acreditam, garantirão a igualdade de direitos sem, contudo, assumir o espaço dos homens. (ARAÚJO, F., 2007, online).

Apesar disso, não há como desconsiderar que o desemprego e precarização do trabalho masculino, de um lado, e a incorporação das mulheres em atividades de produção remunerada, de outro, muitas vezes redefinem a tradicional divisão sexual do trabalho e geram mudanças internas nas famílias – separações, divórcios e a chefia familiar feminina. (BUTTO, 1998, p. 73).

O modelo patriarcal é questionado, assim como questões de violência. A vida privada é exposta e a posição social da mulher passa a ser mais considerada. O papel da mulher, no mundo produtivo, deixa de ser apenas como mão de obra barata e assim se posicionam como indivíduos detentores de responsabilidades e de direitos. Surgem exigências para a regulamentação de procedimentos em relação às mulheres.

No fundo os homens sabem que o organismo feminino é mais diferenciado que o masculino, mais forte, embora tendo menos força física, capaz de suportar até mesmo as violências por eles perpetradas. Não ignoram a capacidade das mulheres de suportar sofrimentos de ordem psicológica, de modo invejável. Talvez por estas razões tenham necessidade de mostrar sua “superioridade”, denotando, assim, sua inferioridade. (SAFFIOTI, 2004, p. 33).

Socialmente a mulher passa a ser mais valorizada e perde o rótulo de mulher do lar. A opinião pública aprova a mulher como profissional e há um entendimento de parceria em relação ao sustento e bens familiares. Os movimentos continuam, agora em função da destruição da divisão sexual do trabalho, pois algumas restrições ainda estão contextualizadas, como a presença de filhos pequenos e também a convicção de que a mulher desempregada “sofre” menos que o homem.

Para que compreendamos o perigo para a existência humana decorrente da eliminação do domínio privado, para o qual a intimidade não é substituto muito seguro, talvez seja melhor considerar aquelas feições não privativas da privatividade anteriores à descoberta da intimidade e que desta dependem. A diferença entre o que temos em comum e o que possuímos privadamente é, em primeiro lugar, que as nossas posses privadas, que usamos e consumimos diariamente. (ARENDDT, 2010, p. 86).

Há a formação de uma nova ordem societária, apesar de abruptas, as mulheres efetivam a sua inserção no mercado de trabalho. O momento dos movimentos feministas foi muito conveniente, havia um turbilhão de idéias e reivindicações de ordem social, frente às mazelas sociais pelas quais a sociedade, oprimida, passava, assim sendo, discordar do posicionamento feminino seria uma contradição.

Mais uma vez a mulher atua como reguladora do mercado, em ajustes numéricos de mão de obra e em função da ordem e harmonia social. A maior justificativa do trabalho da mulher era a questão econômica, a melhoria do orçamento familiar; melhor seria se fosse reconhecida pela construção de uma nova identidade, pela conquista da independência e alcance da emancipação.

O processo de reestruturação produtiva, conciliado ao movimento feminista, se desdobra em um movimento político e de reclamações de direitos. A mulher começa a deixar de lado a imagem de responsável pelos filhos e pelas tarefas domésticas. Assume papel de parceira na economia doméstica e o que inicialmente era caracterizado como contribuição e ajuda, passa a representar condição de subsistência e não pode mais ser desvinculado do orçamento familiar.

As mudanças no modelo de produção, ao mesmo tempo em que abriram um espaço para a inserção da mulher no processo de trabalho formal, submete essas mesmas trabalhadoras às necessidades empresariais de lucro, explorando a força de trabalho, flexibilizando direitos e acentuando o paradoxo instalado nessas relações. Socialmente, submeter-se ao sistema representa um contra censo diante de toda luta feminina, entretanto, para a efetivação da posição feminina no âmbito profissional, político e social, essa sujeição foi um degrau inicial para a ascensão feminina e conquistas diversas.

Entretanto, mesmo velada, a divisão sexual do trabalho persiste e, até mesmo nos dias atuais, pretensamente isentos desse tipo de discriminação, há uma expressiva manifestação dessa distinção. Os padrões neoliberais<sup>7</sup> de acumulação flexível do capital amoldam e submetem o contingente feminino de trabalho a situações de precarização como salários e funções depreciadas.

---

<sup>7</sup> Podemos definir o neoliberalismo como um conjunto de idéias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. Surgiu na década de 1970, através da Escola Monetarista do economista Milton Friedman, como uma solução para a crise que atingiu a economia mundial em 1973, provocada pelo aumento excessivo no preço do petróleo. Os princípios básicos do neoliberalismo são: - mínima participação estatal nos rumos da economia de um país; - pouca intervenção do governo no mercado de trabalho; - política de privatização de empresas estatais; - livre circulação de capitais internacionais e ênfase na globalização; - abertura da economia para a entrada de multinacionais; - adoção de medidas contra o protecionismo econômico; - desburocratização do estado: leis e regras econômicas mais simplificadas para facilitar o funcionamento das atividades econômicas; - diminuição do tamanho do estado, tornando-o mais eficiente; - posição contrária aos impostos e tributos excessivos; - aumento da produção, como objetivo básico para atingir o desenvolvimento econômico; - contra o controle de preços dos produtos e serviços por parte do estado, ou seja, a lei da oferta e demanda é suficiente para regular os preços; - a base da economia deve ser formada por empresas privadas; - defesa dos princípios econômicos do capitalismo. (FRIEDMAN, online).

O termo “neoliberalismo” tem um significado específico no que concerne a um conjunto particular de receitas econômicas e programas políticos que começaram a ser propostos nos anos 70. Essas receitas têm como fonte de inspiração principal as obras de Milton Friedman. Essas idéias, por sua vez, remontam a Hayek e à chamada “tradição austríaca”. Por outro lado, e concomitantemente, ocorre no mundo uma mudança histórica nas relações institucionais entre o Mercado e o Estado e entre as empresas e os mercados. [...]. Um outro aspecto é a nova importância assumida pelos mercados e pela concorrência, processo que reflete uma mudança estrutural na história do capitalismo. Essa mudança tem dado alento à força ideológica dos partidos e dos intelectuais neoliberais, mas não é um efeito produzido por estes. (SADER; GENTILI, 1995, p. 139).

Visando a colaboração com as necessidades do sistema, a incorporação da mão de obra feminina aumenta gradativamente. Segundo Abramo (2007, p. 23) a participação da mulher “[...] no mercado de trabalho cresceu notavelmente, assim como os índices de ocupação (que aumentaram em proporção bastante superior aos dos homens [...]).”

Nogueira (2004) aponta para uma feminização do mundo do trabalho, principalmente em funções onde a jornada de trabalho é reduzida, o que implica em proporcional redução de salários. Ocupações terceirizadas, trabalho doméstico, subcontratações e trabalho informal empregam muito mais mulheres do que homens; assim, sendo essas as estratégias atuais para ampliação dos lucros, as posições ocupadas por mulheres aumentam consideravelmente.

Em uma perspectiva mais otimista, Kreling (2000) e Kon (2001) entendem que a “feminização” do mercado de trabalho é consequência do aumento do nível de escolaridade das mulheres, pois a evolução nas taxas de escolaridade foi mais uma conquista das mulheres em relação aos seus valores sociais. Paralelamente, um melhor grau de instrução implica em diminuição progressiva nas taxas de natalidade, até mesmo porque houve uma evolução qualitativa no controle da gravidez, com maior acesso e diversificação dos métodos contraceptivos.

Desse modo, mulheres mais instruídas, têm mais acesso aos métodos anticoncepcionais, sabem a maneira correta dos procedimentos preventivos e assim acabam tendo menor número de filhos, o que as torna mais disponíveis para a atividade econômica (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1996).

A demanda salarial ou de remuneração é outro ponto de importante e muito discutido, até mesmo em razão das controvérsias e conflitos resultantes dessa questão; os salários, de modo geral, tiveram um grande achatamento nas últimas

décadas. De acordo com Pochmann (2001), nas últimas décadas, o reajuste das remunerações não acompanha o mesmo dos preços, tarifas e serviços.

O pagamento das mulheres deixa de ser apenas uma contribuição, um complemento do ordenado do marido e atualmente, em muitas famílias, passa a ser parcela essencial para a sobrevivência, pagamento das despesas, manutenção do padrão de vida ou mesmo, em muitos momentos, a única fonte de renda nas casas.

Quanto ao trabalho doméstico nas áreas urbanas, observa-se o aumento da sua intensidade diante da necessidade de suprir a renda familiar e da privatização de atividades antes desenvolvidas pelo setor público, reforçando ainda mais a responsabilidade das mulheres nas famílias. (BUTTO, 1998, p. 78).

Analisando o histórico dos ciclos produtivos ou dos modelos de produção, podemos perceber vários momentos de recessão e justamente nesses períodos ocorria uma preferência pela manutenção da mulher, ao invés do homem, principalmente pela melhor aceitação da mesma para com a redução de salários ou aumento das jornadas de trabalho.

Infelizmente esses momentos de subserviência implicaram em consequências e em uma realidade que até os dias atuais são sentidas pelas trabalhadoras em diversas ramificações do trabalho. Muitas mulheres exercem funções idênticas aos homens e, para tanto, recebem salários menores, há outros casos onde as organizações empresariais optam por trabalhadores do sexo feminino, já com premeditada pretensão de pagar menores ordenados.

A informalidade é outro campo de considerável presença feminina, o trabalho nessa perspectiva tem, muitas vezes, para as mulheres, a mesma representatividade das lides domésticas, ou seja, a mulher se identifica com a ação; mesmo sendo esse tipo de trabalho remunerado, na maioria das vezes é de maneira precária e em muitos momentos violando direitos e conquistas.

O saldo da comparação entre os dados de 1981 e 1990, quanto às taxas de atividades masculinas e femininas, demonstra uma grande elevação da participação feminina (19,2%) e um incremento mínimo para a masculina (0,9%), de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio/IBGE. [...] O problema foi que a qualidade dos postos de trabalho tornou-se precária: flexibilização e desassalariamento. Assim, as maiores chances oferecidas para as mulheres no mercado de trabalho, na realidade significaram empregos precários, com menor segurança e baixa proteção social. (MELO, 1998, p. 61).

Todas essas facetas no universo do trabalho nada mais é que adequações desse panorama em função dos interesses e de reestruturação do sistema capitalista. Pesquisadores da temática entendem que todas essas alterações e tendências são irreversíveis, entretanto outro fator de preocupação é a disposição do capital em precarizar cada vez mais as relações entre trabalho, empresa e trabalhador.

Contudo na ânsia de se sentir parte do processo de produção, o trabalhador se esquece da necessidade de vínculos formais de emprego, da manutenção de seus direitos trabalhistas, sociais e previdenciários<sup>8</sup> e principalmente de suas limitações pessoais.

Os trabalhadores informais e domésticos recebem por volume de produção, assim sendo são intensas jornadas produtivas, não há o correto descanso, sendo necessária uma compensação das perdas monetárias pelo volume de produção, horas ininterruptas de trabalho acarretam problemas de saúde, tanto físicos, como psicológicos.

O erro de análise das organizações político-sindicais no tocante à evolução das mentalidades e das preocupações com relação ao sofrimento no trabalho deixou o campo livre para as inovações gerenciais e econômicas. Os que especulavam, que concediam inusitados benefícios fiscais aos rendimentos financeiros, que favoreciam os rendimentos patrimoniais em detrimento dos rendimentos do trabalho, que organizavam uma redistribuição desigual das riquezas (que aumentaram consideravelmente no país, ao mesmo tempo em que surgia uma nova pobreza), esses mesmos que geravam a adversidade social, o sofrimento e a injustiça eram também os únicos a se preocuparem em forjar novas utopias sociais. Essas nova utopias, inspiradas pelos Estados Unidos e pelo Japão, sustentavam que a promessa de felicidade não estava mais na cultura, no ensino ou na política, mas no futuro das empresas. Proliferam então “culturas empresariais”, com novos métodos de recrutamento e novas formas de gestão, sobretudo dos “recursos humanos”. A empresa, ao mesmo tempo em que era o ponto de partida do sofrimento e da injustiça (planos de demissões, “planos sociais”), acenam com a promessa de felicidade, de identidade e de realização para os que soubessem adaptar-se a ela e contribuir substancialmente para seu sucesso e sua “excelência”. (DEJOURS, 2006, p. 41).

---

<sup>8</sup> A Previdência Social e seus benefícios previdenciários são um direito universal, não estão presentes em todos os países, alguns deles, como a China, são muito deficitários nessa questão; entretanto, no caso Brasileiro o direito previdenciário está vinculado às contribuições, aos pagamentos mensais do seguro. Quando há uma formalização do emprego as contribuições são efetuadas automaticamente, assim como o devido desconto no salário do funcionário, nos vínculos formais a contribuição fica a critério do trabalhador e esse acaba não realizando as contribuições de maneira organizada, o que implica na perda de direitos e falta de qualidade de segurado para que possa usufruir dos benefícios previdenciários em caso de necessidade. (GENTIL, 2006, p. 77-96).

O medo do desemprego acarretou uma paralisia geral da sociedade, não há uma reação efetiva contra o sistema, ao contrário, a revolta é direcionada aos próprios colegas de trabalho e para as mulheres, muitas vezes consideradas o pivô da perda do posto de trabalho de muitos.

O trabalho doméstico esteve muito presente nos períodos da revolução Industrial e ainda hoje nos modelos de terceirização e quarteirização da produção. Diante da necessidade econômica e compromisso familiar, muitas mulheres na tentativa de conciliar trabalho e família optam pelo trabalho realizado no ambiente doméstico.

Entretanto essa perspectiva de conciliação contribui para o detrimento do ambiente familiar e acarreta consequências nocivas para as trabalhadoras, essa combinação de dupla jornada de trabalho deteriora essas duas necessidades: família e saúde. Nem o trabalho é realizado e nem a família e os filhos recebem a devida atenção, quando um acontece, o outro é prejudicado. Ainda hoje, em muitas famílias, presume-se que os cuidados com a casa e filhos é tarefa da mulher.

As políticas de ajuste têm como pressuposto a manutenção e o fortalecimento da divisão sexual do trabalho, que atribui às mulheres funções de reprodução e produção orientadas para a sustentação da sua família. Encarregadas de administrar a renda insuficiente, proveniente de toda a família, e com uma dupla jornada de trabalho, as mulheres são o setor da classe trabalhadora que acaba recebendo o maior impacto das políticas de estabilização neoliberal. Na verdade essas políticas fortalecem a dualização das forças de trabalho – o que, do ponto de vista de gênero, reforça a opressão e as posição subordinada das mulheres na sociedade. (MELO, 1998, p. 75-76).

Não raros são os episódios onde toda a família, inclusive as crianças, passa a “colaborar” com as atividades produtivas, pois são as mesmas remuneradas por quantidade, por lote de produtos. Outro evento comum é a extensão da jornada de trabalho, a trabalhadora não tem mais os horários de descanso, de refeições ou de lazer. De acordo com Melo (1998, p.77), “[...] as mulheres trabalham mais em domicílio do que os homens, totalizando um percentual de 82,8%, o que explica a concentração de mulheres em empregos domésticos.”

Muitas vezes o ambiente doméstico passa a ser confundido, não há o devido conceito e compreensão para com o espaço privado. A horizontalização do

processo produtivo<sup>9</sup> capitalista invade os lares e despojam as famílias de momentos essenciais de convívio e relações sociais, o que precariza ainda mais as famílias e induz a sociedade a pensar mais no lucro e menos em fatores pessoais. Há uma exploração em tempo integral, mesmo dentro do ambiente doméstico/privado.

**Tabela 2 – O universo do trabalho e a participação das mulheres**

Situação no mercado de trabalho	Efetivos	Proporção de Mulheres (%)
Emprego “estável”	18.500.000	44
• Privado	12.800.000	42
• Público	5.700.000	56
Emprego precário	1.040.000	43
Subemprego	1.300.000	58
Contrato de emprego solidariedade	450.000	63
Estágios	235.000	55
Desempregados em atividade reduzida	300.000	48
Desempregados há menos de um ano	1.800.000	52
Desempregados há um ou dois anos	600.000	54
Desempregados há mais de dois anos	500.000	54
Desempregados com pré-aposentadoria	175.000	29
Desempregados desalentados	100.000	75
Dispensados de busca de emprego	280.000	52

**Fonte:** Fundo Nacional para o Emprego (FNE).

**Elaboração:** Livia Marinho de Moura

<sup>9</sup> Em muitos momentos o trabalho domiciliar é utilizado por pequenas empresas, ou por empresas em expansão por não exigir o vínculo do empregado, dessa forma os recolhimentos trabalhistas e previdenciários de recolhimento obrigatório, segundo a legislação vigente, deixam de ser pagos. O empresário tem à sua disposição um trabalhador em tempo integral, sem que tenha o ônus das taxas que oneram e por muitas vezes compromete o faturamento da empresa e até mesmo a continuidade das atividades. Apesar de haver legislação distinta para o micro empresário e empresas de pequeno porte, estão muito aquém da capacidade de pagamento das mesmas, mais uma vez, o maior prejudicado é o trabalhador e nesse caso específico esse prejuízo se estende às famílias. Outro fator de preferência pelo trabalho domiciliar é que o empresário não precisa dispor de espaço ampliado, para o qual muitas vezes precisa desembolsar altas somas para pagamento de aluguel, impostos e tarifas de água e energia elétrica.

Em 2005 uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esclarece que em algumas regiões do país chega há mais de trinta por cento o número de trabalhadores domiciliares e em torno de vinte por cento informais, o que se comprova com os índices atuais do mesmo Instituto onde é apontado que cerca da metade da população no país trabalha na informalidade, alheia aos poucos benefícios aos quais tem direito.

Apesar da modernização dos processos produtivos, não há mais o espírito revolucionário, presente nos grandes movimentos sociais da história, percebemos agora a existência de estratégias, perspectivas e comportamento passivo, até mesmo por uma questão de sobrevivência.

A fúria não é de modo nenhum uma reação automática diante da miséria e do sofrimento em si mesmos; ninguém se enfurece com uma doença incurável ou um tremor de terra, ou com condições sociais que pareçam impossíveis de modificar. A fúria irrompe somente quando há boas razões para crer que tais condições poderiam ser mudadas e não o são. Só manifestamos uma reação de fúria quando o nosso senso de justiça é injuriado; tal reação em absoluto não se produz por nos sentirmos pessoalmente vítimas da injustiça, como prova toda a história das revoluções, nas quais o movimento começou por iniciativa de membros das classes superiores, conduzindo à revolta dos oprimidos e miseráveis. (ARENDR, 1969 apud DEJOURS, 2006, p. 5).

Felizmente persiste a inteligência e estratégia humana, que responde com a inovação de procedimentos e o direcionamento de habilidades e possibilidades para as quais a astúcia capitalista não desenvolveu capacidade de inibir, pois essas ações surgem e se renovam, encontram saídas e alternativas justamente quando esse mesmo sistema a reprime.

O utilitarismo antropocêntrico do *homo faber* encontrou sua mais alta expressão na fórmula de Kant: nenhum homem jamais pode se tornar um meio para um fim, todo ser humano é um fim em si mesmo. Embora encontremos antes de Kant uma percepção das funestas consequências que um desobstruído e desorientado pensamento em termos de meios e fins invariavelmente tem para o domínio político (por exemplo na insistência de Locke em que não se deve permitir que um homem seja dono do corpo de outro ou use a força do seu corpo), é somente em Kant que a filosofia das primeiras fases da era moderna liberta-se inteiramente das trivialidades do bom senso, encontradas sempre onde o *homo faber* dita os padrões da sociedade (ARENDR, 2010, p. 194).

Dejours (2006) fala ainda da importância da defesa individual para a adaptação ao sofrimento, analogicamente pretendemos o entendimento das alternativas do trabalho feminino à exploração do capital, o que o mesmo autor consideraria como estratégias de defesa construídas coletivamente, uma vez que defende que trabalhar, mais que uma atividade, é viver, mesmo que enfrentando pressões, resistências e construindo o sentido do trabalho.

Antunes (2005, p. 97) define que o sentido do trabalho está na “[...] compreensão de sua nova morfologia, seu caráter multifacetado, polissêmico e polimorfo, que nos obriga a desenvolver uma noção ampliada e moderna da classe trabalhadora, que inclui a totalidade daqueles homens e mulheres.” Acentuando assim uma reflexão sobre as diferentes modalidades e valores agregados ao trabalho e à produção, no intuito de redução do custo da força de trabalho.

Essa conjuntura adversa, controversa e instável é a que abarca o trabalho da mulher, foi realizado até o momento uma primeira aproximação, que servirá de alicerce para que possamos continuar o estudo dos desafios para o trabalho da mulher e da “feminização” do mercado de trabalho da maneira global como ocorreu nas últimas décadas e a partir desses episódios, buscaremos caracterizar a ampliação dessa inserção e as diferentes áreas onde ocorre.

É fato que de modo globalizado há uma construção desigual relacionada tanto ao emprego, como ao desemprego das mulheres; as especificidades variam de um país para o outro, mas há uma clara associação do trabalho da mulher em relação à organização e repartição do trabalho. Posteriormente iniciaremos um estudo sobre essa fragmentação e como se dá a reprodução do trabalho da mulher no campo público, a partir de suas experiências da vida privada.

Consideraremos três principais momentos históricos acerca do trabalho das mulheres, onde o primeiro implica na consciência da força de trabalho das mulheres, o segundo onde há a representação ou repetição não só do trabalho como ação concreta, mas das características subjetivas da mulher no ambiente de trabalho e no terceiro eixo do acesso dessas trabalhadoras em novas profissões, carreiras e postos hierárquicos.

### 1.3 Reestruturas produtivas - mulheres como agentes da mudança

O registro histórico do trabalho das mulheres e das diversas atividades por elas exercidas vem progredindo consideravelmente, há uma identificação dos papéis, superando estereótipos, negação e omissão de suas atividades e ressaltando a importância delas; As ações sejam elas no trabalho rural, no ambiente doméstico, institucional, empresarial ou fabril, tem agora sua importância social melhor documentada.

O século XIX, por conta da reestruturação produtiva, acarreta a valorização do trabalho produtivo, entretanto, apenas as mulheres assalariadas tinham o reconhecimento de seu trabalho. Os trabalhos informais, domésticos, rurais, entre outros, ficavam relegados à sombra do mundo produtivo, não havia o discernimento da importância indireta dessas atividades para o progresso da sociedade industrial.

A evolução das sociedades capitalistas contemporâneas foi, de várias maneiras, influenciada pela inserção das mulheres nas atividades de produção e econômicas; há um progressivo aumento no número de trabalhadoras, mesmo quando o trabalho dessas operárias não estava agregado ao processo econômico e a importância social das mesmas fica mais evidente.

Destacamos o primeiro momento exposto nesse enfoque onde a mulher não tinha a plena consciência de seu valor, ou mesmo de sua importância na organização do trabalho. Não havia separação entre a qualificação da pessoa, dos talentos em relação às atividades a serem realizadas pelos operários, sem que houvesse um aproveitamento das habilidades individuais.

O surgimento da noção de “assalariado” em meados do século XIX e a divisão cada vez mais importante entre assalariado e não-assalariados são acompanhados da definição de diferentes estados ou posições dentro de uma mesma profissão. A partir de 1896, chefes de estabelecimentos, operários e funcionários são doravante diferenciados. Uma hierarquização mais precisa se instala no fim do século XIX e aparece mais tarde nos censos que introduzem a partir de 1930 tabelas de empregos qualificados baseados em formações específicas. (GARDEY, 2003, p. 38).

Essa diferenciação, entretanto, nesse primeiro momento, não se aplica às mulheres em sua totalidade, apesar do acesso a outras profissões e empregos, não ocorre de maneira igualitária em relação aos homens, nem mesmo em relação ao

desenvolvimento escolar e menos ainda quanto ao acesso aos estudos superiores ou à profissões que exigissem maiores níveis educacionais.

Como já descrevemos anteriormente a inserção das mulheres no processo produtivo fabril ocasionou diversos conflitos e disputas, principalmente em relação ao contingente masculino; nessa perspectiva, quando essas alcançam formação em carreiras de nível superior há um tumulto ainda maior, haja vista a exclusão das mulheres, em muitos países, até mesmo de seu acesso aos direitos econômicos, políticos e civis.

A questão da participação das mulheres em atividades de autoridade ou de comando é central e deve ser abordada considerando-se o contexto francês de exclusão das mulheres dos direitos civis e políticos. Foi preciso esperar 1907 para que as mulheres casadas pudessem dispor livremente de seus salários e 1938 para que fossem emancipadas da tutela masculina. O acesso das mulheres ao direito, ao exercício das profissões jurídicas é emblemático das contradições da época: como admitir a existência de advogadas e juízas enquanto elas próprias estão forçosamente ausentes do local da elaboração do direito (o Parlamento) com sua exclusão do direito ao voto? Menores no quadro familiar, menores na vida civil e política, só em caráter excepcional, derogatório ou transgressivo as mulheres poderiam ser “maiores” nas atividades que exercem. Cada uma poderia meditar sobre a longa vida dessa realidade. (GARDEY, 2003, p. 39-40).

Essa contradição se deve a tutela de muitas mulheres, mesmo as consideradas “trabalhadoras”, em relação aos homens, as mulheres casadas não tinham sequer o direito de utilizar os seus salários da maneira que melhor lhes conviesse, de acordo com Gardey (2003) o ordenado era entregue ao chefe da família e era esse quem determinava como e onde seria empregado o dinheiro.

As funções entendidas como “trabalhos das mulheres”, pois se tratavam de tarefas a elas atribuídas, são reorganizadas e reestruturadas nas organizações fabris, entretanto continuam com a natureza estritamente feminina e sendo assim, são, mesmo dentro do ambiente fabril e assalariado, responsabilidade das trabalhadoras.

Ainda hoje algumas mulheres<sup>10</sup> se vêem de acordo com esses aludidos padrões e referências históricas, as entrevistadas descrevem:

---

<sup>10</sup> As entrevistas foram realizadas com sete moradoras da cidade de Franca e trabalhadoras atuantes em pequenas e médias confecções de *lingerie*: duas (mãe e filha) proprietárias e dirigentes de uma confecção média e bastante conhecida na cidade e região; três proprietárias de uma pequena confecção, também já bastante reconhecida na área; uma proprietária de uma pequena confecção domiciliar e por último, uma trabalhadora de uma pequena confecção que no momento exerce funções de chefia. As entrevistas foram direcionadas para o campo trabalho dessas mulheres, as perguntas seguiram um roteiro semi estruturado, visando caracterizar a atuação profissional das mesmas e os impactos em suas relações sociais e familiares.

Ah não, a “muié” parece que tem mais gosto, tem mais dedicação. O homem faz, se manda fazer e ele faz, mais acaba aprendendo, treinando também, o que tem que fazer acaba aprendendo também. É porque a “muié”, sei lá, aprende mais, sei lá, por causa dela, do jeito dela, senti a coisa, acaba aprendendo mais... eu já sabia, igual eu te falo, como eu gostava de “mexê” com roupa, “trabaiei” ainda oito, dez anos lá, treinei mais né? Na costura, na *lingerie*, gostei, aprendi a gostar da *lingerie*, e fazia em casa as *lingerie*, ainda agora quem mexe com *lingerie* é os menino, eles que faz, eu mexo, continuo mexendo com concerto, com roupa, faço umas roupa mais simples. (AMETISTA, 56 anos, casada, proprietária)

Eu vejo isso no nosso... eu vejo que a mulher... eu sempre procuro falar isso, se eu estiver errada eu preciso ser corrigida, mas nós mulheres, olha só, na nossa casa...onde tá a tesoura? Onde tá a linha? Onde tá o carregador de celular? Entendeu? Nós trouxemos isso pro mercado de trabalho. Nós aqui... você pode ficar fora uma semana, mas você chega e você sabe aonde está tudo, você sabe como é que é, onde é que guarda e isso aí já foi comprovado cientificamente, que a mulher consegue fazer dez coisas ao mesmo tempo e o homem só consegue desenvolver uma naquele momento e a gente consegue e isso nós trouxemos pro mercado de trabalho hoje, você pode ver que nós já representamos uma grande porcentagem da economia brasileira e mundial por conta disso, porque a gente consegue. (ESMERALDA, 46 anos, casada, empresária).

As sociedades pré-industriais impõem a sua evolução em alguns aspectos, entretanto a manutenção do *status* social de cada um persiste, em especial o das mulheres. Assim como nos dias atuais, havia o reconhecimento da necessidade de trabalhadoras em atividades consideradas essenciais, porém, desqualificadas; o modo de manter algumas mulheres nessa função era a subserviência e domínio ideológico da classe dominante.

A questão de gênero, a classe social, o momento histórico ou as características das comunidades onde vivem as mulheres, são determinantes para a atribuição de determinadas tarefas às mulheres, reproduzindo assim no trabalho, questões habituais, ou seja, as atividades profissionais são uma extensão das ações cotidianas.

Às vezes eu chego em casa e eu tô cansada, minhas pernas estão doendo... só que você chega e o que você tem que fazer... você tem que ver todo o andamento da casa, todo dia você tem que ver. Eu estou morando em uma chácara...Você tem que ver o que vai o que comer, o que tem que levar, eu estou repetindo o que acontece na sua casa também. Nós realmente demoramos muito a sair da toca... (ESMERALDA).

Eu já tava assim...no começo eu trabalhava de balconista, aí eu tive duas filhas, como eu não queria deixar ela sozinhas ou deixar com alguém para eu poder trabalhar eu falei: eu vou ficar em casa pelo menos um período pra eu cuidar das minhas filhas. Quando elas pegaram uma certa idade aí eu falei: - tá a hora de eu voltar e a *lingerie* foi um meio que eu encontrei de eu

trabalhar, cuidar das minhas filhas e sobreviver; Eu vim direto trabalhar na confecção, mas por eu ser uma das proprietárias aí facilitou bem pra eu estar conciliando as duas coisas: família com trabalho. (SAFIRA, 44 anos, casada, proprietária).

Eu vejo que a mulher é importante porque a mulher ela é assim, até em casa né? Ela tá cuidando de filho, tá lavando louça, tá fazendo um monte de coisa né? E aqui no serviço é a mesma coisa, ela costura, ela levanta rapidinho, já tira uma caixa do lugar sabe? A mulher, ela é mais ágil que o homem tendeu? Eu acredito nisso sim. (JADE , 23 anos, casada, proprietária e gerente).

Algumas funções eram atribuições das mulheres, entre elas os cuidados com as crianças, a costura, a alimentação, a limpeza e arrumação, os cuidados com a saúde; no campo profissional colocações ocupações como as de professoras, amas, parteiras, enfermeiras, domésticas, entre outras, eram naturalmente destinadas às mulheres.

Uma linha muito tênue separa as atividades domésticas das produtivas, a maioria das mulheres trabalhava quando mais jovens e antes de se casar, isso porque apesar da exigência do trabalho, havia também a necessidade de aprendizagem, de inserção nas esferas sociais, o que implicava em uma interação com a comunidade e a representação da imagem de mulher trabalhadora e esforçada.

É certo que a primeira historiografia sobre o trabalho feminino, feminista ou não, interessou-se muito pela questão do envolvimento do corpo das mulheres no “trabalho”. Trabalhar, para uma mulher no século XIX, é frequentemente vender ou alugar o seu corpo, como faziam as amas-de-leite, as prostitutas e também as domésticas, vítimas bastante fáceis dos abusos e violências sexuais. Foi essa servidão e essa subserviência da condição da mulher trabalhadora que esses historiadores se propuseram a destacar, testemunhando, de passagem e de maneira bem precisa, a organização econômica e social dessas atividades. Longe de ser marginais, esses ofícios femininos são engrenagens essenciais do funcionamento global do mundo social. (GARDEY, 2003, p. 41).

Buscando caracterizar a reprodução do universo feminino nas ações produtivas e profissionais Hirata (1986), descreve a vida (re) produtiva das famílias japonesas e aponta para essa característica polêmica; analisa se é possível o estudo dessas comunidades isoladas, como paradigma para as ocorrências sociais. Desenvolve diversos paralelos e uma interessante analogia entre os signos japoneses e sua representação para as mulheres, associando-as ao ambiente doméstico.

Isso demonstra que em várias sociedades há o entendimento de que o lugar da mulher é dentro de casa, pois representa economia, amor, tranquilidade, segurança e força; entretanto, mesmo vinculando a mulher ao ambiente doméstico, há o entendimento de que a mulher e suas atividades são muito importantes, tendo em vista o papel fundamental da mulher na reprodução humana.

A divisão sexual do trabalho, praticada em diversas culturas, vai de acordo com o nível da linguagem desses trabalhadores; há uma aceitação e interiorização natural que respeita e concilia a forma de trabalho doméstico, vinculado à socialização primeiramente das crianças e posteriormente do trabalho assalariado, sendo esse destinado às questões econômicas e de sobrevivência das famílias.

Já nos primeiros anos de idade as mulheres são preparadas para exercer sua função doméstica ou profissional, dentro do já entendido como “trabalho de mulher”, empregos que não exigem qualificação, uma vez que são mal remunerados. A maioria das artes domésticas, ensinadas às meninas, visa formá-las para o casamento, a costura, a cozinha, os cuidados com os filhos; estimulando o exercício da paciência, minúcia, destreza e habilidades.

Assim, desde o nascimento, a menina será educada dentro do respeito pelos homens, que serão os primeiros (contrariamente ao *Ladies first* da etiqueta ocidental) a ser servidos à mesa e a ter os melhores pedaços; os primeiros a entrar no banho; o que consagra e reproduz o efeito feudal das mulheres *dentro* e dos homens *fora* e a regra de obediência quando jovem, ao pai; casada ao marido e idosa ao primogênito. Os ritos de passagem são igualmente momentos privilegiados de aprendizagem da divisão sexual, onde se recuperam costumes e tradições ancestrais: na festa das meninas (3 de março), a decoração é feita com fileiras de bonecas imóveis, contrasta com a festa dos meninos (5 de maio): carpas em crepe ou em papel levemente tremulando nos mastros diante das casas simbolizam a energia e a virilidade; no primeiro aniversário da criança, alguns instrumentos são colocados diante dela e o primeiro objeto que ela agarrar servirá para adivinhar seu futuro. Diante dos meninos, o calculador ou a caneta; diante das meninas, a cesta de costuras ou uma fita métrica. (HIRATA, 1986, p. 66 - 67).

No final de semana eu procuro descansar, porque eu também tenho filho pequeno, e preciso ficar com ele. eu com vinte dias que tinha ganhado ele já tava aqui dentro. Eu trazia ele comigo, mais por causa dos barulhos das maquinas eu falei “não tem como né?”, ai eu deixava ele na casa da minha mãe que morava aqui perto, só que com vinte dias eu já tava aqui dentro da fábrica, por que tudo é eu que sei, tem muita coisa que eu que sei, então se eu não pudesse vim ia sê complicado né? (JADE).

A reprodução das atividades domésticas no meio produtivo induz a uma reflexão a respeito das representações dos papéis masculinos e femininos,

desvendando assim como é a interação entre eles, melhor explicando, o homem não reproduz no trabalho que faz em casa, mas a mulher sim.

Em muitas ocasiões o homem é completamente diferente no meio público, do que no privado. A partir dessa observação poderemos constatar na prática a divisão sexual do trabalho, não só nos meios fabris, mas também em áreas diversas como no campo, no comércio, nas indústrias, organizações empresariais privadas e públicas. Em todos os meios há uma diferença marcante na divisão das tarefas.

No segundo momento, apesar de consciente de sua importância estrutural a mulher ainda permite a reprodução de práticas sociais e domésticas em seu ambiente de trabalho, não mais só pelo agir, pois tal situação sempre aconteceu, mas simplesmente por acatar a divisão sexual do trabalho, segundo a qual há atividades diferenciadas para homens e mulheres; essa aceitação da divisão sexual do trabalho tem procedência na formação e composição familiar das mulheres.

Outro exemplo de divisão e reprodução social do trabalho é apontado por Possas (2001), ao estudar a expansão das ferrovias no Brasil, no interior do estado de São Paulo, relata a perspectiva feminina dentro de um ambiente, até então, estritamente masculino; a mulher não se percebia, não se via como parte integrante e indispensável para todo o processo, aceitava, sem questionar, a separação dos profissionais. Fica claro, mesmo em um ambiente adverso como o das ferrovias a plena reprodução do trabalho doméstico.

É evidente que para as lavadeiras e zeladoras, que exerciam trabalho quase sempre temporário nos serviços de manutenção dos hospitais e rouparia em geral, o cotidiano alterou-se pela forma de prestação de serviços à ferrovia. A falta de segurança no emprego com a admissão temporário e o tipo de tarefa, semelhante ao realizado em casa, geraram outros tipos de conflito, uma vez que elas, quase sempre mulheres sós, com filhos, tinham aprendido a enfrentar suas experiências diárias, assumindo uma certa flexibilidade estimulada por uma educação apoiada em múltiplas tarefas domésticas. (POSSAS, 2001, p. 285).

A discriminação sofrida por essas mulheres, quando ocorrem em ambientes de domínio masculino, fica mais evidente. Há muito em jogo, tanto para os homens, quanto para as mulheres; nessas pequenas comunidades formadas à beira das estradas de ferro muitas forma e expressões culturais e sociais se chocam e se confundem. Os homens tendem a dominar enquanto as mulheres buscam segurança no trabalho e na carreira.

As mulheres ferroviárias, em todas as dificuldades enfrentadas, tinham sido treinadas a sobreviver diante da adversidade. Grande parte delas, nesse período, não teve acesso aos centros formais de aprendizagem e de uma educação institucionalizada mais completa. A improvisação era constante e sempre as colocava, no sentido da produção, às margens do sistema. Conscientes ou não de sua situação, [...], vislumbravam expectativas e viram sua vida como uma possibilidade de aventura, ao romper os papéis que suas avós e suas mães tinham ensinado. (POSSAS, 2001, p. 285).

O ambiente da ferrovia representa uma analogia do início de rompimento com antigos comportamentos, a mulher, nesse caso, se fortalece com as adversidades e tem início um processo de desalienação, de reconhecimento próprio como pessoa e como força de trabalho. As ferroviárias passam a assumir algumas funções que lhes são oferecidas e a disputar o jogo de poder. As relações de gênero podem incidir em uma análise de categorias, evidenciando as mudanças nos movimentos e na história, onde novos sujeitos emergem e se posicionam.

Nós não sabíamos que éramos importantes nesse processo de luta das mulheres e que fizemos a nossa parte, mesmo sem grande consciência e maior participação. Sabe, esse trabalho de lembrar e a reportagem reabilitaram em nós mesmas, a nossa importância como cidadãs. (Palavras expressas por N.S., apoiada pelas demais, diante da jornalista que a entrevistou na realização de uma matéria sobre “Ser mulher” para o Jornal da Cidade, de divulgação regional, onde os estudos sobre mulheres, trens e trilhos foi abordado na imprensa). (POSSAS, 2001, p. 37).

Esses dois momentos do trabalho feminino podem ser bem distinguidos no tocante ao trabalho não-assalariado domiciliar e assalariado, fora do domicílio das mulheres; sabemos que a passagem de um momento para o outro não foi simples e imediata, ao contrário, foi conturbada e cheia de retrocessos, tanto para o ambiente rural, como para os as anteriores formas de sobrevivência e produção.

Na verdade esse período foi longo, durou cerca de cem anos, além do prolongamento temporal a falta de registros, pesquisas, censos e apontamentos confiáveis sobre a inclusão das mulheres nos meios de produção, foi outro fator de entrave para essa análise. Há uma grande disparidade entre o número de mulheres em idade ativa para o índice dos dados disponíveis.

As guerras são o ponto de partida para muitos autores, como se fosse apenas a partir desse conflito o ingresso das mulheres para o trabalho produtivo.

É interessante notar aqui que, contrariamente às idéias consagradas, a Primeira Guerra Mundial interrompe o movimento de base do aumento do trabalho feminino. A “mobilização” das mulheres durante o conflito, que se

manifesta por sua admissão em setores ou em empregos nos quais eram até então ausentes ou pouco numerosas (indústrias de armamento, por exemplo, mas também condução de bondes), choca os contemporâneos porque essas mulheres são visíveis e circulam no espaço público. O conflito serve como acelerador da ascensão a certos empregos ou setores de atividade, mas não como um iniciador ou introdutor. Ele é seguido, aliás, de uma rápida desmobilização e de um retorno geralmente forçado de inúmeras mulheres ao lar. (GARDEY, 2003, p. 46).

O terceiro momento foi o do acesso das mulheres em novas profissões, carreiras e postos de responsabilidades hierárquicas, que apesar de maior destaque social e econômico, ainda trazem em si a perspectiva reprodutora, apesar da reestruturação do sistema capitalista e seus métodos produtivos.

Trabalhar é maravilhoso, sem trabalhar a vida não vai... tem que trabalhar Eu era auxiliar de produção e sempre trabalhei em máquinas, toda vida em máquinas.(ÁGATA, casada, 59 anos, proprietária).

[...] é o que eu gosto, eu trabalho aqui na fábrica, eu cuido da parte de criação e a produção, e assim, a faculdade também me ajuda, eu faço a faculdade justamente porque é a parte que eu gosto e que tá na minha área. (JADE).

Eu acho legal a gente estar trabalhando, não só pra ajudar nas despesas de casa, mas como uma forma de você estar interagindo com as pessoas, pois só ficar dentro de casa é bem complicado, a gente fica bem estressada. (SAFIRA).

Eu me vejo realizada, não me vejo fazendo outra coisa hoje... (PÈROLA, 37 anos, casada, proprietária).

Eu me sinto assim muito realizada, por conta de que: de onde eu vim, passar pelas dificuldades que eu passei, de fome, de frio, e hoje estar ocupando um lugar na sociedade em que as pessoas me respeitam. (ESMERALDA).

Ah, é muito bom, eu acho assim, que se a gente não trabalha hoje, a gente não consegue nada, né? Hoje é tudo no esforço, a vontade de quere cresce, e ser alguém na vida, né? (ÔNIX).

Gosto, ai eu dedico ao trabalho, levanto e já dou minha caminhadinha e já volto, e tenho compromisso, e toda hora é um pra provar, e um pra trazer, é as lingerie que a gente mexe muito, tem sacoleira, a gente vende também né? Os conjunto, e vai levando assim a vida inteira.Não, é... igual eu te falo, dá pra sobreviver... é mania de fazer mesmo, de gostar, num é, a gente não trabalha mais pelo ganhar tanto, o que dá pra sobreviver "tá bão". Prá nós "tá bão". (AMETISTA).

Percebemos as várias interpretações do trabalho, por parte das entrevistadas, o entendimento dessa incongruência só é possível na perspectiva de análise da divisão sexual do trabalho no mundo, de como se dão as diversas formações sociais e do funcionamento de toda essa teia social e produtiva. Apesar

de não encontrarmos a origem dessa separação, sabemos, tendo em vista os mecanismos globais, de sua reprodução e reformulação.

Alguns autores acreditam em uma atribuição aleatória de funções, onde na atual perspectiva não há mais papéis ou posições definitivos; onde o feminino e o masculino não mais se separam. Mas a divisão velada e ao mesmo tempo intransponível persiste de maneira transparente, mas complexa, assim como o ar que respiramos, não se pode vê-lo, mas sabemos de sua existência.

Engels aponta o provável início dessa divisão a partir da origem da propriedade privada, da desconstrução das sociedades matriarcais e de organização nuclear das famílias; os temas da produção e reprodução são pelo autor descritos como fatores decisivos da história.

Todos me respeitam, porque, eu comecei a trabalhar aqui eu tinha dezoito anos, então assim era novinha, então no começo todos ficavam assim “ ai ela tá querendo mandar? Ela é mais nova que eu, ela não sabe nada.” Então no começo foi complicado por causa disso, só que eu sempre fui daquele tipo, eu quero um negocio eu vou conseguir! Eu aprendi tudo da produção, tudo que eu faço hoje sozinha, não teve quem me explicasse, por que minha mãe a maioria do tempo não tava aqui junto, sabe? Porque ela faz outras coisas, então não tinha como ela fica me ensinando, e a outra menina que trabalhava que era gerente de produção, quando ela falo que ia sai, eu via que tudo que ela fazia tava errado sabe? Então, são coisas assim, que no dia-a-dia, a gente vai vendo, e é o que eu falo, ninguém nasce sabendo, só que quando a gente tem força de vontade, a gente consegue, por que quando eu vim pra cá, eu não sabia o que era fatura, eu não sabia nem o que era aquelas maquinas entendeu? (JADE).

A proposta de desconstrução da disparidade entre os gêneros, buscando uma harmonização das relações de poder, vai de encontro à barreira que visivelmente bloqueia a ascensão das mulheres quando esse aspira níveis hierárquicos mais elevados. Essa realidade, como já pudemos observar, foi construída historicamente e só poderá ser superada da mesma maneira.

As mulheres são a maioria, aqui só tem dois homens, o resto é tudo mulher, o único problema da mulher é que tem muitas que tem filho, ai não vem trabalha por causa do filho entendeu? De repente tá com uma cólica, não vem trabalha, e a mulher também é complicado em termos assim, não é qualquer coisa que você pode falar, porque magoa, chora sabe? O homem já não é assim, o homem não tá nem ai, só que em termos de produção, de responsabilidade, a mulher é melhor, com certeza. (JADE).

Tem, tem funcionário homem, tem funcionária mulher, só que mulher é mais fácil pra lidá do que o homem... mulher tem... mulher é mais detalhista... mulher tem... não sei como falar direito.. mais mulher é bem...

Olha é mais fácil, entende mais que o , o homem, ele é mais complicado pra entender, então ele fica mais nas partes mais simples. (ÔNIX).

Dentro do contexto social, onde as características da sociedade estão em constantes transformações, as relações de gênero também se alteram e se moldam às peculiaridades dos indivíduos. A diferenciação entre masculino e feminino é uma construção coletiva. As diferenças sociais se manifestam de várias maneiras e a questão de gênero é uma delas e passa a fazer parte de todo o processo histórico que permeia as reestruturações do mundo do trabalho.

A diversidade dos trabalhos de agulha (costura, roupa íntima, confecção de corpetes, malharia, bordado à mão ou à máquina, chapelaria, passamanaria, flores e plumas, calçados) – que marcam as horas da maior parte da jornada das mulheres do século XIX – demonstra o caráter tênue das fronteiras entre atividade doméstica e atividade produtiva. Atividade essencial de auto-produção e de reparação até os anos 1940, a costura ainda era uma fonte de trabalho mercantil para as mulheres que o exercem durante muito tempo em domicílio. Para as jovens também é um elemento de aprendizagem da condição de ser mulher, ao mesmo tempo necessidade e ganha-pão para as mulheres das classes populares, prática de aprendizagem, modo de sociabilização, prática de lazer e sinal ostentatório da condição de mulher ociosa para as jovens e mulheres da burguesia. . (GARDEY 2003, p. 46).

A necessidade da igualdade, de respeito e de melhores condições de trabalho é uma conquista progressiva, tanto pela evolução ideológica, como pela melhor adaptação e valorização das mulheres no horizonte do trabalho. Ainda hoje não se fala em completa igualdade, mas considerações a respeito das diferenças, sem a preocupação comparativa, de melhor ou pior, já apontam com mais harmonia.

[...] porque minha mãe, ela é muito esforçada sabe? Ela começou, foi ela, que começo assim, por exemplo, ela pegava sutiã de uma marca, por exemplo, grande, desmanchava fazia o molde tentava assim, montar, mais ela não sabia costurar, ai ela contratou a costureira, sabe? No começo foi tudo muito difícil, no primeiro ano trabalhamos pra sobreviver sabe? Não ganhou dinheiro, depois no segundo ano que começou a ter lucro, a gente já entendia mais né? Já sabia o que era melhor, porque no começo foi tudo na cara e na coragem mesmo. (JADE).

O universo operário feminino sofre muitas modificações, há uma clara transformação nos “ofícios”, empregos ou maneiras de exercer o trabalho. A mulher é incorporada em áreas administrativas, executivas, tanto do setor público quando no ambiente privado. Há uma estruturação, ao mesmo tempo ampla e

desconhecida, mas sem sombra de dúvidas a indústria têxtil<sup>11</sup> foi onde houve o maior destaque, tanto quantitativo como qualitativo.

Os diferentes segmentos e setores merecem uma análise específica de como é feita a divisão de serviços e setorial das operárias, considerando-as como agentes econômicos do gênero feminino, pois, inseridas no sistema capitalista, que se transforma e organiza de acordo com as exigências do mercado, evolui em diferentes ramos econômicos.

O operário feminino se concentra, há uma divisão do trabalho entre as mulheres, buscando assim, alcançar uma maior especialização dentro de cada segmento. Há uma formatação do trabalho feminino em carreiras, ao invés de “ofícios”; um aperfeiçoamento dos ramos de atividade, capacitação e acúmulo de habilidades. Uma palpável evolução nos modos de produção.

E sabe assim, eu também estava aprendendo, muitas vezes o que a gente fabricava de manhã ia desmanchar tudo à tarde, era uma situação muito complicada. Até pra mim mesmo era complicado porque, era difícil pra mim, por exemplo lidar com essa situação, eu não sabia nem como conversar com o funcionário, lidar com a situação, porque tipo assim, eu, até hoje, depois de sete anos eu não sei costurar... mas eu chego, eu explico e falo: - olha é assim, assim, assim.... e eles fazem do jeitinho que eu peço, porque hoje eu tenho uma equipe com mais de cinco anos. (ESMERALDA).

A gente se dedica todos os dias e a cada dia você quer melhorar mais, quando você faz uma peça e vê que ela fica perfeita a gente olha e fala: poxa...essa aqui ficou perfeita.. maravilhosa, então você sabe que é aquela que a cliente vai gostar mais... (AGATA).

A perspectiva temporal do estudo está entre os séculos XIX e XX, os onde no primeiro os avanços femininos foram de maior impacto, entretanto mais lentos. Já no século seguinte a avalanche feminina atinge pontos de alta

---

<sup>11</sup> A Indústria Têxtil é uma das indústrias com maior representatividade na estrutura industrial mundial e desde sempre assumiu um papel de destaque em termos de emprego, no ponto pertinente ao presente estudo e de peso na economia nacional. A Indústria Têxtil representa um setor maduro, fragmentado e sujeito a desajustamentos periódicos entre a oferta e a procura, cujo desempenho se encontra fortemente condicionado pelas flutuações da atividade econômica mundial. Desvalorizado socialmente, o setor tem vindo, no entanto, a registrar comportamentos dinâmicos e competitivos em determinados sub-setores e empresas, aproveitando alguns dos seus pontos fortes como a proximidade geográfica e cultural face ao mercado europeu, tradição e saber-fazer acumulado, custos salariais moderados face aos níveis europeus, reconhecimento internacional crescente dos produtos, realização de elevados investimentos de modernização tecnológica, desenvolvimento progressivo de uma cultura de qualidade e de resposta rápida. Os setores derivados onde algumas empresas se têm revelado dinâmicas e empreendedoras são sobretudo as lãs, têxteis técnicos, malhas e confecção. (VASCONCELOS, 2006, p. 4).

representatividade. Há uma atmosfera de normalidade, conformismo e respeito para com os progressos das mulheres no mercado de trabalho.

Funções antes exercidas em sua grande maioria pelos homens são, nesse momento, ocupadas pelas mulheres. Há uma heterogeneidade e ao mesmo tempo uma complementaridade entre os gêneros, não da maneira como já destacamos anteriormente, dessa feita as ocupações são mais igualitárias, mesmo assim, é preciso analisar e perceber os impactos dessa aproximação.

Mesmo a mulher ocupando posições semelhantes aos homens, o período de ascensão é diverso entre os dois, aparentemente a mulher precisa provar e demonstrar mais competência, dedicação ao trabalho e fidelidade tanto à empresa como para os seus responsáveis. Há uma grande diferença de *status* entre os sexos.

A tecnicização e a informatização são outro ponto de apoio e ascensão para as mulheres, aparentemente ocorreu com os homens o mesmo que acontece com os trabalhadores nos dias atuais, não havia tempo para aprender, a dedicação, principalmente pelo medo da concorrência, era completa, não havia tempo para se atualizar; o conseqüente despreparo, tornava o funcionário uma pessoa desatualizada e desqualificada para a função.

A chegada dos microcomputadores nos escritórios suscitou grandes apreensões quanto ao futuro de um ofício que se aprendia essencialmente por suas duas técnicas de base. Entretanto, as primeiras análises relativas a essa modernização já insistiam na dimensão relacional indissociável da tecnicidade e constitutiva do ofício. De fato foi precisamente essa dimensão que se alargou, liberada de alguma maneira pelos ganhos de produtividade obtidos graças à informatização e ativada pelas mudanças econômicas e organizacionais que reforçaram o papel de interface e de regulação da trabalhadora. (GARDEY, 2003, p. 46).

O panorama é complexo, houve mudanças na divisão sexual do trabalho e uma importante superação nas características de inferioridade da mulher ao exercer seu papel no mercado de trabalho; há de se notar uma relação mais aprofundada da mulher com o trabalho e o emprego.

Não há como negar o avanço feminino na perspectiva profissional, social e econômica, entretanto apesar da equidade de direitos, a igualdade profissional e de remuneração ainda estão muito aquém dos princípios de igualdade, demonstrando assim como são insuficientes as ações sindicais, as políticas e as legislações trabalhistas.

Nos países europeus, onde a sindicalização e mobilização são mais acentuadas e organizadas, essas diferenças salariais são bem menos evidentes. Em outras culturas, o trabalho masculino é supervalorizado, tendência que acaba se repercutindo na diferenciação salarial. Justamente nesse eixo que as políticas devem atuar na correção dessas desigualdades.

**Tabela 3 – Diferenças salariais em países europeus (em %).**

<i>País</i>	<i>Operárias (salário/hora)</i>	<i>Funcionárias (salário/mês)</i>
Bélgica	75,6	65,2
Dinamarca	84,5	-
Alemanha	74,8	69,4
Grécia	77,0	69,5
Espanha	71,6	63,4
França	82,1	71,1
Irlanda	72,6	-
Luxemburgo	70,2	64,0
Holanda	77,9	68,4
Áustria	65,5	64,8
Portugal	70,4	70,5
Finlândia	-	78,8
Suécia	-	76,1
Reino Unido	69,2	60,3

**Fonte:** Estatísticas homogeneizadas de rendimentos, Eurostat, 1996.

**Elaboração:** Livia Marinho de Moura.

Recentemente uma pesquisa da Confederação Internacional dos Sindicatos, apontou que o Brasil é um dos países com maior índice de desigualdade salarial entre homens e mulheres, o percentual chega a 34%, seguido pela África do Sul 33%, México 29,8% e Argentina 26,1%; a média mundial é de 22%.

Dados estatísticos refletem números, entretanto, como já vimos anteriormente, as diferenças salariais vão muito além de índices, são questões culturais, educacionais, ideológicas e políticas. Pode haver também discriminação em função da força física, da habilidade pessoal ou da falta de representatividade coletiva. Entretanto os avanços ocorrem sucessivamente, com movimentos e negociações; não há e nem nunca houve outra maneira de se conseguir aumentos.

**Tabela 4 – Salários de acordo com e sexo em cidades do Estado de São Paulo (2003)**

<b>Estado de São Paulo e Regiões Administrativas</b>	<b>Masculino (A)</b>	<b>Feminino (B)</b>	<b>(B) / (A)</b>
<b>Estado de São Paulo</b>	<b>1.294,17</b>	<b>1.033,41</b>	<b>0,80</b>
Barretos	720,91	574,50	0,80
Araçatuba	747,38	618,85	0,83
Franca	790,29	656,47	0,83
Registro	665,61	659,63	0,99
Marília	758,18	675,32	0,89
Central	870,73	680,23	0,78
Presidente Prudente	759,04	682,40	0,90
São José do Rio Preto	762,79	707,96	0,93
Bauru	852,05	714,97	0,84
Sorocaba	930,27	721,77	0,78
Ribeirão Preto	998,57	809,56	0,81
Campinas	1.169,55	911,47	0,78
São José dos Campos	1.456,59	919,02	0,63
Baixada Santista	1.209,46	936,71	0,77
São Paulo	1.511,83	1.176,23	0,78

**Fonte:** Ministério do Trabalho e Emprego (TEM); Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT); Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/2002, preliminar; Secretaria de Estado e Administração (SEADE).

**Elaboração:** Livia Marinho de Moura.

O que não se pode aceitar é a fixação de critérios desiguais, não pode haver um acordo ou uma legitimação dos preconceitos, ou mesmo uma individualização dos lucros, baseada na socialização da discriminação. Pois seria

uma aceitação das estratégias do sistema flexível em função da precarização do trabalho, seja para homens ou mulheres.

Vivemos em uma sociedade capitalista, onde a remuneração é, em muitas vezes, o principal incentivo para o trabalho; o fato de “ganhar menos” desmotiva o trabalhador, seja de qualquer sexo. Sendo assim, muitos trabalhadores buscam alternativas, ou para ganhar melhor, ou para trocar de campo ou posto de trabalho.

Então, meu avô trabalhava na fabrica da HB®, então assim, depois que aconteceu aquele monte de coisa que quebrou, aí meu avô assim, teve aquele problema de não receber, os meus tios também trabalhava lá, então a gente via eles reclamarem, tanto que eles falaram assim “ agora calçado já não tem mais jeito!”, ai todos partiram pra área do comércio sabe? Promotor de venda, representante, todo mundo desistiu, até meu pai mesmo, ele trabalho treze anos com sapato, ai depois ele foi trabalha na Nestlé® que já era uma empresa maior e ele trabalhava como representante e ficou treze anos também na Nestlé®, ai depois que ele saiu da Nestlé®, porque começou muda, por exemplo o salário que ele ganhava ia começa paga três funcionários, então desligaram ele né? Era o mais velho, ai foi que ele falou: “- E agora já tô mais velho o que a gente vai fazer?” (JADE).

Podemos notar que as mulheres, assumem posturas inovadoras, em diferentes postos de trabalho e posições sociais. É sabido que no sistema democrático o poder político é uma representatividade de seu eleitorado, essa constatação é o que ocorre no país nesse momento, temos, pela primeira vez, um presidente da República Brasileira mulher e boa parte dos ministérios chefiados por mulheres.

Em alguns momentos é possível verificar a associação dos ganhos e lucros com a satisfação pessoal e profissional

Eu já trabalhei com o calçado, trabalhei nove anos com calçado, eu trabalhava no corte, eu era ,...eu gostava mais ou menos. Agora eu vejo que eu já me identificava com a lingerie mesmo quando eu trabalhava com o sapato, era um hábito que eu tinha de comprar e eu vi que era isso, eu gosto tanto porque cada peça que a gente faz a gente quer fazer mais e mais, então... (PÉROLA).

É agora tá sendo assim...no calçado não tinha uma força de vontade, de cresce, agora, assim, mudando pra lingerie, você cresce mais, assim, se for ver, você pensa mais alto do que antes...pra você vê eu trabalhei 20 anos no calçado tendeu? Então hoje, pra mim, essa experiência que eu tô tendo agora é bem melhor do que calçado. Hoje em dia tá difícil, assim, tipo assim, calçado, logo, logo vai ser, como vou dizer, ele vai estar em extinção,

porque hoje sê não compra mais, não tá encontrando mais, porque tá difícil, então, é...o povo tá indo tudo mais pro lado da lingerie né também...(ÔNIX).

Pra mim como profissional foi bom, eu realizei muita coisa com o calçado, mas era uma coisa que eu fazia não por gostar, mas por opção mesmo, tinha que fazer, tinha que trabalhar, então eu trabalhava, mas não era o que eu gostava de fazer. Agora é maravilhoso, foi muito bom, se no início da minha carreira eu tivesse me profissionalizado com isso que eu faço hoje aí eu teria realizado tudo o que eu sonhava. Pra mim o importante é que é uma coisa que eu gosto de fazer, então eu acho que hoje, se fosse pra voltar pro calçado eu não voltaria, ia fazer outra coisa, eu não voltaria, porque aqui nesses onze anos eu vi o quanto foi bom pra mim, me sinto uma pessoa realizada no trabalho, pra mim foi muito bom. (ÁGATA).

Dos pés à cabeça, eu sou louca por sapato e bolsa, nem tanto por lingerie sabia? Eu fabrico lingerie mas não tenho tanto interesse igual aos clientes, então eu vejo assim...que hoje trabalhar com lingerie é uma realização pessoal, é uma realização pela outra pessoa, tipo assim, vender um sonho, ainda mais que eu sempre brinquei que a gente vende jóia né? Fabrica o porta jóia dentro de jóia, porque lingerie, nada mais é do que uma jóia... (ESMERALDA).

Assim como as famílias e organizações empresariais que também são hoje fundadas ou dirigidas por mulheres? É exatamente nesse ponto que a presente pesquisa se desenrola: Quem são essas mulheres? Há realmente essa representatividade feminina no país? O que fazem e como fazem? Que alternativas encontraram? São opções efetivas? Trouxeram os resultados esperados?

**SEGUNDA PARTE**

**MODELOS PRODUTIVOS E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DA *LINGERIE***

## 2.1 Reestruturações: entendendo as mudanças na produção

Ao falarmos em reestruturação produtiva imediatamente vislumbramos a Revolução Industrial. Evidentemente não podemos deixar de lado um marco tão importante na história, uma ruptura e um recomeço, em diversos aspectos. Entretanto, inseridos no recorte metodológico ao qual nos propusemos a pesquisar, teremos como eixo temático a indústria têxtil e suas influências em nosso desenho de pesquisa.

A arte de tecer é praticamente simultânea à existência humana, a princípio com folhas ou fibras de árvores, peles de animais e posteriormente na transformação de fibras, fio e finalmente em tecidos; aliás, essa arte é considerada uma das mais velhas manufaturas humanas, há indícios de tramas que datam de milhares de anos antes de Cristo, sendo o linho e o algodão as primeiras fibras a serem beneficiadas e transformadas em tecidos, como os conhecemos.

As primeiras vestimentas de fibras transformadas em tecidos eram confeccionadas pelas fiandeiras, as fibras, de origem animal ou vegetal eram primeiramente entrelaçadas, para posteriormente serem enroladas em bastões; fiar era uma ação realizada sucessivamente, na Índia é mecanizada através da roca e a partir dessa arte, tem origem o fuso manual.

Há relatos, histórias<sup>12</sup> e lendas enaltecendo a arte de tecer e sua importância em diversos períodos da sociedade. No antigo Egito instrumentos simples, como o tear manual, foram utilizados em larga escala; assim como os teares gregos, onde sua representatividade tem destaque até mesmo nos Contos de Fadas. O processo se populariza ao chegar à Europa, ganhando mais agilidade com

---

<sup>12</sup> Na mitologia grega, narrada por Homero na *Odisséia*, conta a história de Penélope esposa de Ulisses que ao ir para a guerra, em Tróia, demora muito a retornar. Penélope aguarda por ele durante muitos e muitos anos. Enquanto Ulisses guerreava em altos mares, o pai de Penélope entende que o mesmo não voltaria mais e sugere que sua filha se case novamente. Ela, por sua vez, era extremamente apaixonada e fiel para com o marido e decidiu que o esperaria até a sua volta. Diante da insistência de seu pai, para não desagradá-lo, aceita a corte dos pretendentes à sua mão, mas com uma condição: casaria somente após terminar de tecer uma colcha. E sua estratégia foi a de manhã, aos olhos de todos, Penélope tecia a colcha, de noite ela desmanchava todo o trabalho realizado e foi assim até uma de suas servas descobriu a mentira e contar toda a verdade. Acuada e temendo ter que se casar teve outra idéia e fez a proposta para seu pai e para seus pretendentes que o homem que conseguisse atirar uma flecha como Ulisses poderia se casar com ela, nenhum pretendente conseguiu, até o dia em que um mendigo pediu para tentar atirar e conseguiu; na mesma hora Penélope reconheceu seu amado marido Ulisses. Penélope só teve um filho chamado Telêmaco, filho de Ulisses. (OLIVEIRA, 2007, p. 30).

a invenção da roca a pedal, permitindo a fiação contínua, maior agilidade e progresso na produção de vestimentas.

O período feudal, mesmo sem toda a influência capitalista e monetária, apresenta suas tendências em relação ao vestuário, fabricação e costumes, que persistem por vários séculos. Havia um estilo e uma extravagância que influenciou muito, principalmente as mulheres. Com o declínio do feudalismo, entretanto, as formas de vestimenta se tornam mais relevantes e representativas. Surge uma nova classe social, com condições econômicas e culturais para disputar a atenção e o respeito por conta das aparências.

Havia o que se chamou de “cultura do linho” e essa além do Egito antigo e margens do Nilo esteve também presente em países da Europa como a Suécia; a Índia fazia uso do algodão; Aristóteles aponta que na China, tendo em vista as influências Imperiais, surge a seda, guardada em segredo por muitos anos, sua introdução no mercado Europeu, assim como as técnicas de produção foram inseridas pelos padres jesuítas, graças ao tráfico por eles realizado no século XVI. A lã chega à Inglaterra após ser muito utilizada na Ásia Central.

A forma de produção e a tecnologia adotadas nas atividades agrícolas na Europa e em outras áreas geográficas mundiais não se apresentavam tão heterogêneas até o século XVII. Nações como China e Índia, por exemplo, chegaram a registrar em determinados períodos históricos formas de produção tecnicamente tão avançadas quanto às da Europa. (POCHMANN, 2001, p. 18).

Paul Lewis inventa em 1750 uma máquina capaz de desembaraçar, destrinchar e limpar as fibras do tecido e o passo fundamental para a evolução produtiva foi dado por James Hargreaves derrubou uma roca e a partir do movimento da roda foi criada uma máquina de fiar, que aumentou a produção consideravelmente.

Em meados do século XVII, o tear hidráulico é criado por Arkwright, sua capacidade de maior produção de fios provoca um abalo na comunidade de tecelões, pois, já em número reduzido e com trabalho manufaturado, não tinha a menor chance de competir com a mecanização industrial, ainda em seu primeiro momento. Alguns trabalhadores destruíram as primeiras máquinas.

Posteriormente Cartwright constrói o tear mecânico, a princípio era movido por bois e em seguida utiliza a força motriz gerada pelo vapor, dizimando

ainda mais as perspectivas econômicas dos tecelões, de sobreviverem do trabalho ao qual estavam acostumados. As indústrias<sup>13</sup> absorvem alguns desses artesãos, mas o número não é representativo.

A Revolução Industrial, também entendida como Revolução Industrial Inglesa, pretendia o acúmulo de capital e centralização mundial da economia, mesmo assim todo o processo acaba por transformar completamente o modo de produção mundial, contribuindo para uma contínua inovação tecnológica e grande modificação das técnicas fabris de produção.

Com a primeira Revolução Industrial (1780-1820), a Inglaterra surgiu como país de industrialização originária, transformada imediatamente na grande oficina do mundo ao longo do século XIX. A combinação entre o poder militar já existente e as formas superiores de produção industrial naquela oportunidade possibilitaram à Inglaterra assumir uma posição de hegemonia na economia mundial. (POCHMANN, 2001, p. 19).

Socialmente o maior impacto da Revolução foi a conquista da autonomia produtiva, ou seja, não se depende mais do tempo, da natureza (ventos ou rios), da disposição humana ou de força animal; tudo é mecânico e a disposição para a criação é maior. Há uma maior variedade e qualidade de tecidos e roupas; o acesso a vestimenta de boa qualidade vai para além da classe dominante.

A classe burguesa, emergente e enriquecida, em razão dos mecânicos e eficientes moldes de produção, passa a copiar os modelos da aristocracia e essa por sua vez, diante da necessidade de se destacar socialmente, ou mesmo de se diferenciar da plebe burguesa, precisa reinventar seu estilo, superando as perspectivas sociais e mantendo, em função dos trajes, a hierarquia dominante e os burgueses, por sua vez, voltavam a copiar.

Oportuno também é perceber a evolução da sociedade, juntamente com a das técnicas da tecelagem; a vestimenta representou e ainda representa qual é o *status* da pessoa ali vestida. Há livros e matérias e estudos sobre as roupas e sua representatividade para a sociedade em diversos momentos.

---

<sup>13</sup> O processo de automação da indústria, inclusive a têxtil coincidiu com a Revolução Industrial, as máquinas passaram a ser acionadas por máquinas a vapor e não mais por força animal ou humana, posteriormente são movidas motores elétricos. Ponto relevante para a pesquisa foi o de a indústria têxtil ter sido uma das pioneiras no controle de máquinas por dispositivos binários. O processo todo é dividido basicamente em fiação, tecelagem, malharia, beneficiamento de tecidos e confecção.

Copiar ou ter como referência modelos famosos era o mesmo que demonstrar admiração ou deixar claro o apoio que era dado aos nobres ou representações de classe. Há relatos sobre como uma personalidade pode lançar um desafio social através de seus trajés.

Maria Antonieta encenou uma revolta contra a etiqueta cortesã arraigada, transformando suas roupas e acessórios em expressões desafiadoras de autonomia e prestígio. Embora, como muitos estudiosos salientaram, ela não manifestasse um interesse constante por política, quer num plano internacional amplo, quer no âmbito doméstico, creio que ela tenha identificado a moda como uma arma-chave em sua luta por prestígio pessoal, autoridade e por vezes mera sobrevivência. Seus esforços nesse sentido tornaram-se cada vez mais complexos e sofisticados à medida que chegou à idade adulta e se adaptou ao clima político sempre cambiante à sua volta. Mas foi muito cedo, como uma adolescente recém-chegada à França, que fez pela primeira vez uma admirável tentativa de assumir o controle sobre sua imagem tal como transmitida pelo que vestia. Dando início a uma série de audaciosos experimentos estilísticos que durariam a vida inteira (e que um aristocrata contemporâneo descreveu como constituindo “uma verdadeira revolução na indumentária”), ela desafiou as idéias estabelecidas sobre o tipo e a extensão do poder que uma rainha francesa deveria possuir. (WEBER, 2008, p. 12).

No decorrer do século XIX ocorre um processo de “democratização” da moda, as pessoas de todas as classes sociais, tinham acesso a roupas e acessórios e buscavam pelo menos aparentemente, deixar claro a qual classe social pertencia, às vezes, assim como nos dias atuais.

A vestimenta pode servir para mudar e até mesmo superar o patamar real da pessoa, caracterização oportuna em vários aspectos e em muitos momentos. A ascensão social é desejo constante para diversos indivíduos, tendo em vista a necessidade de atenção e auto-afirmação; em outras ocasiões é uma maneira de ostentar riquezas, mesmo para quem não as tivesse; o que demonstra a importância e imponência do vestuário nas relações sociais.

O comércio mundial, já bastante desenvolvido nesse momento, transporta as novidades tecnológicas e da moda. As novas técnicas se expandem pela Europa e pelo mundo, com destaque para os Estados Unidos, cada país e cada região em seu ritmo levando em consideração a condição social, a cultura local e a disponibilidade de mão de obra e matéria prima.

A Alemanha, o norte da Itália e posteriormente a Rússia são exemplos das peculiaridades de cada lugar. Já os Estados Unidos inicia seu processo industrial no final do século XVIII e em algumas regiões, somente após a Guerra da

Secessão é que as atividades industriais são distribuídas em todo o país, a cultura local era predominantemente agrária e escravagista, somente com a abolição da escravatura a produtividade é elevada, por conta da disponibilidade de mão de obra.

O Japão supera nessa época o sistema feudal, estabelece a propriedade privada e o governo, agora centralizado politicamente, passa a subsidiar as indústrias, assim como nos Estados Unidos há uma “liberação” da mão de obra e consequente assimilação da mesma junto aos processos tecnológicos. O país passa a ser, em pouco tempo, um dos países mais industrializados do mundo.

Diante do monopólio da industrialização, a Inglaterra manteve uma relação dicotômica com as demais nações, que na posição de periferia procuravam compensar a grande importação de produtos manufaturados ingleses pela exportação de produtos primários, basicamente alimentos e matéria-prima. Não foi por outro motivo que interessava ao centro capitalista a insistência no livre mercado de trocas e no fim do trabalho escravo, extremamente favoráveis à Inglaterra. (POCHMANN, 2001, p. 19).

É fato a influência desse contexto na trajetória industrial no Brasil; pois ocorre uma pressão, por conta do interesse inglês tanto na matéria prima, como pela influência abolicionista, considerando o Brasil ter sido um dos últimos países a aderir à liberação dos escravos. E por outro lado representava mais um mercado consumidor e ao mesmo tempo fornecedor de matéria prima para os produtos ingleses.

Quanto ao processo de industrialização podemos dizer que se dividiu no país em três períodos, o primeiro, chamado de “Proibição” foi entre os anos de 1500 e 1808, havia uma restrição ao desenvolvimento de atividades industriais, a atividade fabril permitida era para a produção de itens de consumo, como sapatos, fiação e utensílios domésticos.

As dificuldades adicionais de acesso à segunda Revolução Industrial e Tecnológica tornaram mais complexas as possibilidades de transição das nações periféricas para as nações do centro capitalista. Assim, entre 1890 e 1940, as exportações mundiais de produtos manufaturados A forte dependência da monocultura agrícola de exportação era uma das principais marcas da periferia, que se utilizava disso para financiar as importações de produtos manufaturados do centro industrializado. Em 1900, por exemplo, o Brasil tinha quase 80% de sua pauta de exportação dependente das culturas de café (61%) e borracha (18%). (POCHMANN, 2001, p. 20-21).

Algumas indústrias como a do mármore e a têxtil surgem modestamente, devido à influência da cultura Portuguesa, entretanto, temendo uma autonomia

financeira ou mesmo a independência política da colônia, foi assinada um alvará extinguindo todas as manufaturas da colônia e as têxteis continuariam a funcionar apenas para atender às demandas dos escravos e trabalhadores.

O segundo período da implantação industrial no Brasil vai de 1808 a 1930, a família Real foge da invasão Napoleônica para a colônia, revoga o alvará que extinguiu as manufaturas e abre os portos ao comércio exterior, havia uma predileção para os produtos importados da Inglaterra, fato que dificultou ainda mais o desenvolvimento industrial brasileiro, considerando a alta qualidade e baixos preços dos produtos ingleses.

A indústria têxtil recebe alguns incentivos fiscais em 1846, assim como as matérias primas, imprescindíveis para a produção, ficam isentas de taxas alfandegárias, entretanto são ações insuficientes para melhorar o desempenho industrial brasileiro, como a escravidão não havia sido ainda abolida, faltava mão de obra para a produção, mercado consumidor e ausência total de investimentos da elite brasileira nas indústrias.

Cresce a pressão em relação aos escravos e os investimentos, antes direcionados para a compra da mão de obra, passam a ser investidos no setor industrial. Os imigrantes são contratados para a colheita do café, são os primeiros trabalhadores assalariados do Brasil e engrossam o mercado consumidor, além de contribuir, com trabalho mais qualificado e com o conhecimento de técnicas de produção e manufaturados, para a melhoria do processo produtivo.

Dentro de uma abordagem mais geral isso significava que o café, na expressão de João Manuel Cardoso de Mello, “dava para tudo”; financiava as importações, estimulava o aparelhamento urbano de um grande número de cidades e permitia o surgimento de receita governamental: as tarifas aduaneiras de importação dotavam o Governo federal de uma poderosa fonte de receita, enquanto as tarifas de exportações eram a principal fonte arrecadadora dos Estados. Até mesmo o crescimento industrial era beneficiado, na medida em que a política cambial, por meio da sistemática da desvalorização, favorecia as exportações de café e permitia indiretamente uma maior competitividade-preço do produto nacional, geralmente bens de consumo. (TOSI, 2002, p. 125).

No terceiro momento houve um significativo crescimento da produção Brasileira, com destaque para a indústria têxtil, favorecida pelo cultivo do algodão; esse crescimento no setor industrial determinou um primeiro momento de substituição de importações. Acontecimentos mundiais, como a Primeira Guerra

Mundial e a Quebra da Bolsa de Nova Iorque foram também favoráveis para o alargamento das atividades industriais no Brasil.

O Brasil realiza seu primeiro censo industrial em 1907, onde as pesquisas quantificam a existência de mais de três mil organizações empresariais. Em 1920, uma segunda análise constata treze mil e um aumento de mais seis mil empreendimentos no decorrer da Primeira Guerra Mundial. Há um predomínio na produção de bens de consumo, do setor alimentício e exportação de carne.

Entretanto, todas essas atividades produtivas, industriais e comerciais não propiciaram ao país a autonomia econômica pretendida e necessária; há ainda a dependência da exportação do café, produto que predominantemente representava a maioria absoluta da arrecadação impetrada com as exportações.

A Revolução Brasileira de 1930 e Getúlio Vargas operam importantes mudanças na política interna do país ao apartar do poder as oligarquias e conseqüentemente, sua ideologia dominante em relação aos interesses agrários e comerciais. Há uma perspectiva, por parte do governo de industrialização e assim como na Europa, no Brasil esse movimento condiciona o êxodo rural.

Ocorre um forte investimento por parte do governo Vargas na industrialização e companhias de energia. Outro fator favorável foi a migração da população rural para as cidades; esse aumento da população urbana representava outro fortalecimento do mercado consumidor e, mais uma vez, uma Guerra Mundial, a Segunda, provoca uma redução nas importações realizadas pelo Brasil, estimulando ainda mais a produção interna.

De maneira evidente, até mesmo por conta das fronteiras, a representatividade de alguns Estados Brasileiros foi mais preponderante, pois colaborou para que o desenvolvimento e a concentração das indústrias que ocorre até os dias atuais. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul foi destaque na formação da cadeia produtiva brasileira.

O volume de investimentos onerou os cofres públicos do país, que mesmo com o aumento das importações, sente o peso dos altos custos da industrialização. Havia falta de energia elétrica, de petróleo, de transporte e comunicação eficientes; fatos que impulsionaram ainda, maiores investimentos para o setor.

A intenção dessa contextualização em relação ao desenvolvimento industrial no país é de que seja um aporte para o entendimento do processo de

maneira global, evitando assim uma fragmentação histórica, para assim inserir o Brasil e posteriormente formatar o recorte do Município de Franca, sem perder o segmento Têxtil.

Ao realizar a análise do setor têxtil no Brasil, podemos observar um processo de variadas perspectivas e inovações tecnológicas, é possível também verificar a participação histórica e decisiva no ramo, tendo em vista ser um dos pioneiros a ser implantado, para com o processo do desenvolvimento industrial do País.

A estrutura têxtil brasileira está distribuída em diversas regiões do País, seja na fase principal da linha produtiva ou nas intermediárias, gera milhões de empregos, estimula as atividades de outras áreas como de matéria prima, de máquinas, de embalagens, agricultura e pecuária. Indo mais além, a produção brasileira já é exportada para outros países em volume considerável.

Hoje a produção brasileira já é destaque entre os maiores produtores mundiais:

**Tabela 5 – Países de relevante produção têxtil (Período 1997-2001)**

País	Fios/Filamentos		Tecidos		Malhas	
	1997	2001	1997	2001	1997	2001
<b>EUA</b>	6.319	6.158	3.733	2.522	922	<b>557</b>
<b>China</b>	4.926	5.633	5.630	7.446	n.d.	<b>n.d.</b>
<b>Índia</b>	3.837	4.061	2.528	4.551	550	<b>952</b>
<b>Taiwan</b>	3.595	3.849	1.070	3.322	241	<b>177</b>
<b>Coréia do Sul</b>	2.064	3.000	1.813	2.500	n.d	<b>n.i.</b>
<b>Paquistão</b>	1.562	1.627	1.017	1.400	n.d	<b>n.i.</b>
<b>Japão</b>	1.315	1.007	854	565	151	<b>103</b>
<b>Brasil</b>	1.261	1.581	837	1.182	430	<b>487</b>
<b>Turquia</b>	866	905	420	792	n.d	<b>n.i.</b>
<b>Alemanha</b>	649	569	324	279	59	<b>65</b>
<b>Outros</b>	1.926	4.333	1.146	2.766	256	<b>138</b>
<b>Total</b>	<b>28.320</b>	<b>31.142</b>	<b>19.372</b>	<b>27.325</b>	<b>2609</b>	<b>2479</b>

**Fonte:** Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT (2003) para o ano de 2001.  
(n.d. – não disponível; n.i. – não informado).

Ao realizarmos uma análise da conjuntura da indústria têxtil no Brasil a partir dos anos de 1990, observando a política cambial, o fornecimento de matéria prima, principalmente o algodão, sem contar o sucateamento industrial desse segmento, com baixos índices de produtividade e alto índice de proteção do Estado, poderemos concluir que a abertura comercial no governo Collor, provocou uma reestruturação no setor.

No decorrer do processo diversas indústrias e organizações foram eliminadas e as perseverantes precisaram reunir esforços e estratégias em busca de melhorias, a fim de elevar os níveis de competitividade, tanto no mercado local, como internacional, pois ficaram as companhias nacionais em desvantagem em relação às asiáticas que por sua vez contam com subsídios e força humana de trabalho barata. Mesmo assim, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT) registra a importância dessas indústrias, tanto no Produto Interno Bruto (PIB), como na geração de empregos:

**Tabela 6 – Indicadores Brasileiros de produção têxtil**

Receita Bruta (Bilhões de \$US)		Empregos (em mil funcionários)	
<b>Têxteis básicos</b>	12,6	Têxteis básicos	<b>298,7</b>
<b>Confeccionados</b>	17,4	Confeccionados	<b>1.134,5</b>
<b>Total da cadeia</b>	18,0	Total da cadeia	<b>1.433,5</b>
<b>PIB industrial</b>	170,5	Emprego industrial	<b>12.855,8</b>
<b>Participação (em %0)</b>	10,6	Participação (em %)	<b>11,2</b>
<b>PIB geral</b>	451,0	População Econ. Ativa	<b>84.325,4</b>
<b>Participação (em %0)</b>	<b>4,0</b>	<b>Participação (em %)</b>	<b>1,7</b>

**Fonte:** Associação Brasileira da Indústria Têxtil - ABIT (2003) para o ano de 2001.

Apesar de todo o impacto sofrido pelo processo reprodutivo, alguns setores têxteis, como o da malharia e *lingerie* sofreram menos impactos, quando comparados a outros setores, tendo em vista a utilização de fibras e matérias primas sintéticas, o principal mercado consumidor do segmento é o mercado interno, apesar de alguns seguimentos, como apontaremos posteriormente, de caráter inovador e empreendedor, já avançam suas produções para o mercado externo.

## 2.2 A gênese das produções têxteis em Franca/SP

O segmento têxtil influenciou várias ramificações produtivas, especificamente no recorte regional e temporal estudado, onde podemos perceber, a princípio, os apêndices têxteis voltados para a produção de calçados, artefatos para pecuária, como botas, contos, selas, rédeas, arreios entre outros produtos derivados do couro bovino, predominantemente.

A razão desse circunstanciamento produtivo se deve às origens da cidade, a princípio com o movimento dos bandeirantes que construíram o “Caminho dos Goias”, ligando São Paulo à Minas Gerais e Goiás e posteriormente com os chamados “pousos”, onde os tropeiros, que vinham em busca de ouro e outras explorações oriundas das atividades mineradoras, paravam para descanso pessoal e dos animais, além do revezamento dos mesmos.

Ocorreu um duplo movimento: com o fato dos bandeirantes terem desbravado e constituído caminhos, alargou-se o leque de abrangência da Capitania paulista, ao mesmo tempo em que, com a descoberta das minas, o Rio de Janeiro oferecia as condições de fixação - população européia, escravos africanos e produtos metropolitanos. Ambos os vetores encontravam-se no momento em que as populações mineiras passavam a demandar gêneros complementares - alimentos e tropas - à atividade principal. O ouro e a atividade mineradora demandavam gêneros alimentícios e meios de transporte que a capital sozinha revelava-se incapaz de abastecer. Havia, portanto, dois movimentos de produção material, um referente à própria mineração - de considerável escala, concentração e especialização - que se desenvolvia entre a região mineradora e a capital, e outro referente ao colar de atividades que a mineração, pelas suas próprias características, acabou criando, ou seja, a produção de comércio de gêneros alimentícios e meios de transportes. (TOSI, 2002, p. 28).

A configuração da região tem toda uma influência histórica geográfica; pois se trata de uma região serrana, onde a passagem somente poderia ser realizada por meio de mulas, esses viajantes necessitavam de pousos e em muitas ocasiões troca de equipamentos essenciais, o que incentivava a produção e um comércio local, voltado para essa demanda específica.

Se verdadeira restaria definir como é que teria se articulado um setor de considerável projeção pública – serviços, mercado e artesanato, com um setor de domínio clânico – a fazenda. [...] Até então, as comunicações e os transportes eram executados por meio dos tropeiros, com seus comboios de mulas, dos boiadeiros, que tangiam rebanhos inteiros, e dos carreiros, com suas juntas de bois. (TOSI, 2002, p. 38).

Dessa maneira é que se compõe o mundialmente conhecido pólo industrial calçadista da cidade de Franca. Cujas referências são o couro e o calçado masculino, tendo em vista toda essa perspectiva, pois o artefato de couro predomina em face da matéria prima abundante na região, advindo da pecuária predominante e a questão do gênero masculino, pois, evidentemente, as tropas eram formadas, em sua maioria por homens, para quem se destinava os calçados e acessórios.

O primeiro curtume da cidade foi montado pelo Padre Alonso em 1886, sem a menor idéia da proporção que alcançaria sua idéia inicial. O couro passa a ser beneficiado e exportado; o crescimento da produção calçadista impulsionou o processo de urbanização da região. Posteriormente esse número cresceu, assim como o de sapateiros, sapatarias, seleiros e selarias.

Um dos anúncios requer atenção. Carlos Pacheco & Cia., em 1901, aparece como um comerciante especializado através de sua “casa especial de arreios e couros e oficinas de sellaria, ferraria, com venda de artigos para sapataria”. [...] O comércio local ao anunciar ‘arreios’ e ‘calçados’ em quase todo tipo de loja, demonstrava que, ao lado de uma atividade produtora de derivados do couro como sela, arreios e calçados, o comércio da cidade trazia esses produtos fabricados em outras praças e os vendia nas lojas, [...] Para o caso, fica patente o fato de os fabricantes de calçados e de arreios serem trabalhadores independentes entre si e produtores em bases artesanais. Enquanto detentores de um ofício que reunia o número maior de oficiais na cidade, pode-se afirmar que, no limite, havia nele uma abrangência familiar que se refletia na divisão do trabalho. (TOSI, 2002, p. 123).

O sistema de produção começa a se desenvolver e por volta de 1910 já havia mais de quinze fábricas, com a produção voltada para a fabricação de botinas e chinelos. A Calçados Jaguar foi fundada em 1921, já com a utilização de modernas máquinas alemãs, uma imensa inovação frente a um mercado de artesãos, pois há uma maior oferta de produtos e menores preços.

A empresa Carlos Pacheco & Cia., como demonstrado, era desde muito tempo fabricante de calçados, negociante de produtos para calçados, selaria, etc., tendo sido atribuída em inventário às filhas mais velhas. Tinha como causa para isso a chegada a Franca de dois outros personagens provenientes da capital federal: Samuel Carlos Ferreira dos Santos e Arnaldo Pacheco Ferreira dos Santos, que tornaram-se genros de Pacheco de Macedo; em 1º de março de 1921 montavam uma sociedade de capital industrial, cuja razão social e dependências continuavam sendo as mesmas da firma Carlos Pacheco de Macedo & Cia., mas agora passava a denominar-se comercialmente: Fábrica de Calçados Jaguar. Parece que a manutenção da razão social tinha como objetivo valerem-se do prestígio amealhado pelo sogro. (TOSI, 2002, p. 154).

Devido a uma forte crise comercial a primeira fase da industrialização Francana termina em 1926 com o encerramento das atividades da Jaguar após séria crise financeira. Uma segunda fase de produção calçadista se inicia após 1929, com a crise cafeeira, devido á quebra da bolsa de valores em Nova Iorque; a crise mundial incentiva o mercado consumidor interno, a produção industrial e o aumento das exportações.

[...] de município que alicerçava sua economia à sombra dos pés de café, possuindo também na pecuária um forte componente de sustentação financeira, Franca passou a ter na indústria, sobretudo a calçadista, o principal motor de seu progresso. A partir da segunda metade do século XX a economia agrária cedeu lugar à atividade industrial, que se converteu em pólo dinâmico da estrutura econômica local (BARBOSA, 1998, p. 19).

Nos períodos de crise há uma interrupção no processo de mecanização que perdura por mais de dez anos, as fábricas existentes eram de pequeno porte e descapitalizadas com a crise utilizavam pequenas máquinas ou então as antigas formas manuais e artesanais de produção. Somente a partir de 1937, Antonio Lopes de Mello retoma a industrialização, pois havia uma urgente necessidade de modernização da produção e conseqüente aumento da produtividade.

A modernização da produção e a conquista de um mercado de amplitude nacional, na década anterior, aumentaram sensivelmente a demanda por capital de giro, vital para a manutenção dos níveis de crescimento da produção industrial, assim como para o atendimento às potencialidades de consumo abertas pela expansão de novas áreas de comércio para o calçado francano e pela relativa melhoria da situação sócio-econômica da população brasileira. (BARBOSA, 1998, p. 43).

Novamente as máquinas alemãs são as preferidas, mas a Segunda Guerra Mundial interfere no comércio tanto do maquinário, como das peças e essa demanda passa a ser suprida por Indústrias Norte Americanas, que devido às facilidades de aluguel, arrendamento, compra e financiamento, passam a abastecer todo o mercado francano de indústrias calçadistas.

Miguel Sábio de Mello é um deles, um modesto produtor, de origens rurais instala-se na cidade, a princípio como “Calçados Edite” funda em 1942 os “Calçados Samello”, empresa renomada e referência no ramo calçadista masculino; constrói o primeiro prédio especialmente projetado para a produção de calçados e implantando a primeira esteira transportadora de matérias da indústria de calçados brasileira.

O governo federal, em 1950, abre linhas de crédito para aquisição de máquinas, recursos financeiro das indústrias, assim como reforma construção e reforma dos imóveis onde estão ou serão instaladas as fábricas, concretiza-se o parque industrial calçadista Francano, com expressivo aumento da produção de calçados, o número de pares produzidos aumenta em dez anos cerca de duzentos por cento e o setor representa quase cinquenta por cento da produção industrial.

Outro setor alavancado a partir do calçado é o da indústria de borracha, voltada para a produção de solados e saltos, o início das exportações também incentiva esse setor, entre 1960 e 1970 o comércio internacional de calçados masculinos teve seu maior ápice; Franca representa uma cidade de alto padrão, custo de vista elevado e classe executiva de trabalhadores.

Entretanto, a partir de 1980 há uma retração em relação aos incentivos fiscais, sendo assim necessário um remanejamento do comércio interno, como alternativa de equilíbrio das vendas. Contudo a demanda é infinitamente inferior e mais ainda a capacidade de pagamento do público nacional, afinal o marketing do calçado masculino francano é o “tipo exportação”.

Muitas pessoas vêm da região de Minas Gerais e outras para Franca:

Não trabalhei com calçado, trabalhei em um curtume, em São Sebastião do Paraíso, trabalhei no curtume por três anos, eu, meu pai e a minha irmã. Num belo dia, nós viemos pra Franca, eu vim com o meu pai no caminhão de entrega de couro, pra Franca, o mercado deles era muito grande aqui em Franca, de vendas, nós viemos e eu cheguei com meu pai em Franca e fiquei deslumbrada né? Em São Sebastião do Paraíso eu trabalhava no curtume que vendia prá cá o couro e nessa entrega de caminhão eu e meu pai viemos juntos eu queria saber como era...(ESMERALDA).

Vimos do Paraná, lá ficou muito ruim, meu pai era lavrador e achou melhor tentar na cidade e a gente resolveu vir, eu tinha sete anos, eu era a menor...quando a gente veio pra Franca; com oito filhos queria tentar uma coisa diferente, pros filhos, dar uma condição de vida melhor. Eu já trabalhei com o calçado, trabalhei nove anos com calçado, eu trabalhava no corte, eu era ,...eu gostava mais ou menos. [...] tava uma época ruim aqui em Franca do calçado, uma crise muito grande e a empresa pra qual a gente trabalhava foi pro norte e a gente resolveu mudar de ramo. (PÉROLA).

A partir dos anos de 1990 ocorre uma reorganização política e econômica no país, o que inevitavelmente afeta a questão social, assim como as relações de trabalho e emprego. As práticas neoliberais, já adotadas por países como Inglaterra e Estados Unidos, são implantadas, assim como os métodos desse sistema e, mais

intensamente, com o governo de Fernando Collor de Mello; prática efetivada mais concretamente no governo Fernando Henrique Cardoso.

A partir do início da década de 1970, como resposta do capital à sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização produtiva em escala global, ainda que de modo bastante diferenciado, bem como seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, a privatização do estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi a expressão mais forte. A isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho [...]. (ANTUNES, 2005, p. 85).

Como já observamos anteriormente, com a abertura do mercado a competição entre a produção brasileira, de um calçado de qualidade, agregado o valor de uma mão de obra qualificada e detentora de direitos trabalhistas e representação sindical expressiva, fica praticamente impossível. Tem início as alternativas para diminuição do custo da fabricação do calçado francano.

O Plano Real aumenta o valor da moeda brasileira em relação ao dólar, fator impactante para a exportação de produtos brasileiros no exterior; a partir desse momento os períodos de recessão da indústria brasileira, especialmente no caso de Franca, passam a ser contínuos e sem nenhuma expectativa de melhoria, pois, a China se insere no comércio calçadista mundial e sem nenhuma política trabalhista ou impedimentos fiscais, torna seu produto final, de baixo custo, líder de mercado, mesmo sem a qualidade dos calçados francanos.

[...] os processos de subcontratação, presentes hoje, nas sociedades industriais podem assumir duas modalidades que, em geral, convivem num mesmo espaço produtivo. “A primeira, de desenvolvimento mais recente, envolve uma terceirização da produção motivada pelas necessidades de alcançar níveis de qualidade e produtividade superiores”. [...] “O segundo caso que pode ser chamado de ‘terceirização por contingência’ significa a externalização da produção como mecanismos de redução dos custos do produto”. (MARTINS E RAMALHO, 1997, p. 15 apud LARA, 2007, p. 255).

A princípio uma análise inicial e superficial do processo de reestruturação fiscal, comercial e política do país pode parecer conveniente, e realmente é em alguns aspectos, entretanto, não houve uma análise dos impactos que seriam e foram causados em diversos setores produtivos; muitas indústrias, empregos e famílias foram afetados; não foram poucos os índices de suicídio, desemprego e evasão da cidade.

Não houve prevenção ou cuidados específicos em relação à população que vivia do comércio exterior do calçado, ao contrário, o modelo de produção Fordista/Taylorista e substituído pelo Toyotista, propendendo a redução dos custos e gastos com mão de obra, assim como a otimização da produção, pois essa é voltada para a demanda imediata do mercado “*Just in time*”, o que reduz drasticamente o volume de fabricação local.

O quadro crítico, a partir dos anos 1970, expresso de modo contingente como crise do padrão de acumulação Taylorista/Fordista, já era expressão de uma crise estrutural do capital que se estende até os dias atuais, e fez com que, entre tantas outras consequências, o capital implementasse um vastíssimo processo de reestruturação, visando a recuperação do seu ciclo reprodutivo e, ao mesmo tempo, a reposição de seu projeto de dominação societal, que foi abalado pela confrontação e conflitualidade do trabalho no ciclo de lutas sociais em 1968/69, que questionaram alguns dos pilares da sociabilidade do capital e de seus mecanismos de controle social. (ANTUNES, 2005, p. 86).

Toda essa construção, desconstrução e reorganização da produção calçadista Francana refletiu diretamente sobre o complexo de trabalhadores da indústria de calçados, sujeita a duas situações: a primeira era a conformação com as novas formas de dominação, o que significava a flexibilização e precarização, do trabalho formal, impostas pelas firmas.

A segunda situação a que estavam subordinados os trabalhadores era o trabalho informal, alternativo ou artesanal, também precarizado e incerto; normalmente os adeptos a essa opção são os trabalhadores flutuantes, condição comum e numerosa, tendo em vista o modo de produção vigente atender à demanda imediata, sendo assim, quando não há encomenda ou contrato fechado de produção, há a dispensa dos excedentes. Em alguns momentos os pedidos são cancelados, percebe-se que não há um contrato previamente firmado garantindo a compra; nesses momentos a dispensa é em massa, os funcionários demitidos costumam justificar a dispensa dizendo que a produção “fracassou”.

Para Jorge Mattoso (1999, p. 20): “[...] as aberturas comercial e financeira jogaram a economia numa selva de competição internacional sem qualquer proteção e com medíocre crescimento na produção”. Nessa dinâmica, com predomínio da esfera financeira e dos credores e com a destruição da produção e do emprego nacional, as grandes empresas tornaram-se debilitadas diante de seus concorrentes internacionais, do setor financeiro do governo. “No entanto, estas mesmas empresas se viram fortalecidas relativamente aos trabalhadores, cujo poder de barganha foi ainda mais depauperado pelo desemprego e pela precarização do trabalho”. (MATTOSO, 1999, p. 20 apud LARA, 2007, p. 246).

**Tabela 7 – Alguns países em destaque na produção de calçados**

<b>Maiores Produtores Mundiais de Calçados (em milhões de pares)</b>				
<b>Países</b>	<b>1998</b>	<b>%</b>	<b>2000</b>	<b>%</b>
<b>China</b>	5.520	50,3	5.200	<b>42,9</b>
<b>Índia</b>	685	6,2	1.050	<b>8,7</b>
<b>Brasil</b>	516	4,7	570	<b>4,7</b>
<b>Itália</b>	424	3,9	485	<b>4,0</b>
<b>Indonésia</b>	316	2,9	290	<b>2,4</b>
<b>Turquia</b>	277	2,5	440	<b>3,6</b>
<b>México</b>	270	2,5	290	<b>2,4</b>
<b>Tailândia</b>	260	2,4	250	<b>2,1</b>
<b>Paquistão</b>	227	2,1	245	<b>2,0</b>
<b>Espanha</b>	221	2,0	235	<b>1,9</b>
<b>Vietnã</b>	213	1,9	460	<b>1,6</b>
<b>Estados Unidos</b>	<b>165</b>	<b>1,5</b>	<b>200</b>	<b>2,0</b>

**Fonte:** Abicalçados (2000).

A crise financeira e conseqüentemente do mercado de Franca acarreta diversos fatores, além da demissão e precarização dos trabalhadores; a terceirização, as subcontratações, o trabalho informal, domiciliar, a maior procura por recursos humanos femininos, proliferação do trabalho infantil, queda no poder aquisitivo dos moradores da cidade e região, falência de muitas organizações comerciais e empresariais, direta ou indiretamente ligadas à produção do calçado.

No caso do setor de calçados, o trabalho domiciliar e o emprego da força de trabalho feminina são presentes ao longo de sua formação histórica, como atividade produtiva de destaque na economia brasileira. Na indústria de calçados, a costura seja ela mecânica ou manual conta com a presença quase exclusiva das mulheres. As Indústrias de calçados, no Brasil, têm como características o emprego intensivo da força de trabalho, baixo nível de concentração industrial e uso de tecnologias de produção predominantemente simples e tradicionais. (LARA, 2007, p. 258).

O mercado, amparado nas necessidades produtivas, começa a se “aproveitar” da mão de obra da mulher em dois campos onde sua atuação é de excelência: O primeiro, no próprio ambiente doméstico, onde poderia conciliar o trabalho e os cuidados com a casa; o segundo, em uma máquina de costura, ou no caso da produção calçadista, nas máquinas de pesponto, atuando nas conhecidas bancas de pesponto de Franca.

Verifica-se em Franca que as “bancas de calçados” recebem serviços variados das indústrias, sendo os mais frequentes a montagem e a costura de sapatos. No caso específico da costura manual, as “bancas” ainda distribuem este trabalho para outros trabalhadores em seus domicílios, sendo muito comum haver uma distribuição entre os próprios familiares ou parentes e conhecidos, destacando-se aí as mulheres as crianças e os desempregados em geral. (ANAGUCHI; CHINALI, 2002, p. 191).

Entretanto, com o passar do tempo, as mulheres e donos de bancas<sup>14</sup> se conscientizam dessa artilosa estratégia do mercado, se percebem trabalhando muito mais além das horas diárias, quando trabalhavam no chão das fábricas, além disso, o trabalho invadia seu ambiente doméstico, sua vida privada, a infância de seus filhos e seus direitos civis e trabalhistas.

Sabemos ainda nos dias atuais da existência de diversas bancas de pesponto, sendo a maioria delas dirigidas por trabalhadores já excluídos do mercado de trabalho e de sua condição de trabalhadores, pois envelheceram e já estão fora da faixa etária exigida pelo mercado, assim, continuam com as atividades em funcionamento por serem essas sua única fonte de renda.

A busca agora é por alternativas produtivas e preferencialmente em larga escala para que possa absorver o excedente de mão de obra, formado a partir da reestruturação da produção industrial em Franca. Algumas fábricas de calçado se adequam ou inovam, diante das transformações globais do modelo produtivo, outras, direcionam a produção de calçado para o público feminino, tendo em vista a diversidade de produtos e aproveitamento da estrutura já existente.

[...]aí logo começamos com uma representação de lingerie, de uma fábrica de São Sebastião do Paraíso e depois que foi, ai ele começou com essa fábrica, e ela queria, ela foi ficando muito grande, só que ela queria, ela assim, foi cortando um pouco a mercadoria dos vendedores, sabe assim? Ela num queria que as pessoas crescessem igual ela, então foi que começo falta mercadoria, e meus pais tavão com um grande numero de vendedores, ai eles tiveram a idéia “ Ai vamos monta uma fabrica? Porque do jeito que tá num dá pra continua né? Nos agora já temos uma vida diferente..” Eu e meus irmão já fomos pra uma escola particular, porque era difícil a escola publica, ai ele falou: “- Não, agora eu quero muda de vida, quero melhorar”, ai foi onde nos começamos com a fabrica de lingerie. (JADE).

---

<sup>14</sup> A banca pode ser definida como uma microempresa prestadora de serviços à indústria calçadista. Nela se realizam as etapas de pesponto e de blaqueação do processo de produção do calçado. O termo “banca” está relacionado, historicamente, à forma como se trabalhava na indústria, ou seja, em bancadas. O trabalho feito nas bancas é em parte manual e, em parte, mecanizado. Prepara para as próximas etapas da produção, ou seja, a moldagem e acabamento do sapato, as quais são realizadas posteriormente, dentro das empresas. (LEHFELD, 1997, p. 57).

[...] ele era representante nós começamos a trabalhar com uma representação de uma fábrica de lingerie e aí foi ótimo, nós começamos e aí a gente aproveitava nas cidades que ele visitava eu ia junto com as lingerie...como ele era vendedor, eu deixava ele nos cliente e catava o carro cheio de lingerie e corria atrás pra vender...sabe assim, fazendo um trabalho eu ia naquela cidade, terminava de atender, catava e ia pra outra cidade, então foi... o que aconteceu?, nesse período nós fomos aprendendo... quando a gente já estava assim bem estabilizado... Com isso a gente vendia uma faixa de três mil conjuntos por mês, quando a gente iniciou eram cinco representantes, quando a gente parou era vinte e cinco então eles não tinham como fornecer a mesma quantidade de produtos e aí o que a gente fez: nós compramos as máquinas, que a gente não tinha nem como pagar essas máquinas e aí nós começamos...eu peguei o que eu mais vendia, tipo assim, se eu vendia, como eu fiquei quase três anos como representante então eu sabia assim o que mais saía, aí se eu recebia cinquenta de um, oitenta de outro, eu sabia o que girava mais rápido foi o que ajudou a gente no começo, porque nós fizemos compromisso, compromisso, compramos maquinário e tudo, sem saber nem fazer. Você olhava, via aquele maquinário e não tinha funcionário. O funcionário entrava de manhã e na hora do almoço não voltava mais... E sabe assim, eu também estava aprendendo, muitas vezes o que a gente fabricava de manhã ia desmanchar tudo à tarde, era uma situação muito complicada. (ESMERALDA).

Ah, uma oportunidade, antes eu trabalhava com sapato né? Hoje eu tô trabalhando com lingerie. Me chamaram e eu fui, e achei interessante.Ah eu penso assim, se a pessoa tem força de vontade, quer fazer algo diferente né? Pela cidade empresa, abrir novos negócios assim,.. é uma oportunidade e tanto pra eles igual tá tendo de lingerie assim, a lingerie tá crescendo muito aqui em Franca, as fabrica tá aumentando. (ÔNIX).

A outra empresa que eu trabalhei era de calçados, mas antes de entrar no calçado eu já tinha noção do que era a lingerie e do que era a costura, mas não exercia a profissão. Acho que a lingerie ainda não superou o calçado, o calçado ainda está mais forte do que a lingerie, que cresceu também, há onze anos a gente estava começando, hoje já tem muito mais empresas, hoje ta bem mais forte a lingerie. [...] eu comecei na vida com a lingerie porque quando eu trabalhava a firma fechou na época e a gente tinha que partir pra outra coisa e como eu tinha já no início, na minha infância visto a minha mãe fazendo essas coisas a gente optou por começar com isso e aí fui fazer o curso profissionalizante e terminei de fazer o curso e agora estou aqui...há onze anos já. Fiz o curso no SESI, foi gratuito, a empresa que oferecia esse curso, como a firma fechou a gente teve um encaminhamento pra gente se especializar naquilo que a gente queria fazer, ela indicou o SESI pra gente, eu já tinha conhecimento de costura, aí eu resolvi fazer. (ÁGATA).

Acompanhando a tendência feminina, tem início a produção de *lingerie*, a princípio em ambiente doméstico e posteriormente instalada em fábricas e ambiente industrial; de acordo com matéria do jornal local O Comércio da Franca, várias iniciativas ocorreram nos ambientes privados, sendo as mentoras das idéias na maioria das vezes as mulheres:

Sônia Regina Mendes, 48, moradora na Vila Santa Terezinha, em 2005, vivia o drama do desemprego do marido, o então sapateiro Donizeti Mariano Mendes, 50. Sem perspectiva para o futuro - já que conseguir um novo

trabalho não estava fácil - o casal resolveu transformar um passatempo de Sônia na renda principal da casa. Hoje a fabricação caseira de *lingerie*, antes feita somente para completar os ganhos da família, também emprega o filho do casal e tem parte da produção terceirizada. Com visão empreendedora, eles pensam em aperfeiçoar ainda mais as peças e até abrir uma loja e gerar empregos. Sônia é uma das sete mulheres que apostaram na fabricação de *lingeries* para mudar de vida e não se arrependem. (FELIPPE, 2009, online).

Tanto a Prefeitura local do município de Franca, como instituições como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) oferecem apoio e assessoria aos interessados na produção de *lingerie*:

Unidas, Sônia Regina, Ana Meire, Luciana, Thaís, Lidiane, Sônia e Iara procuraram apoio do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) para formalizarem seus negócios. Depois bateram à porta da Secretaria Municipal de Desenvolvimento pedindo apoio para divulgação dos produtos. Empenhadas, elas realizam hoje e amanhã, no Parque de Exposições “Fernando Costa”, a 1ª ExpoÍntima (Feira de Moda Íntima de Franca e região). Luciana Elias dos Santos, a porta-voz das setes mulheres, está satisfeita com a escolha. Mãe de um casal de filhos, ela tinha uma banca de pesponto e vivia estressada. Há seis anos, desde quando começou a produzir peças íntimas, seu padrão de vida em nada se parece com o anterior. Suas cinco máquinas são todas industriais (antes eram duas domésticas), sua renda particular saltou de R\$ 800 para R\$ 1,5 mil em média, a família pode finalmente financiar uma casa e há planos para comprar um carro em 2010. “A gente pagava aluguel e eu não tinha tempo para os meus filhos. Hoje é tudo mais tranquilo”. Lidiane Martins da Silva, 26, é uma das mais recentes integrantes do grupo de mulheres. Ex-costureira, ela se tornou empresária de *lingerie* no meio do ano, após ganhar um curso de qualificação na área. (FELIPPE, 2009, online).

Foi idealizado e concretizado um evento para a exposição da moda íntima, onde os fabricantes locais exporiam seus produtos, não só como ação econômica ou comercial, mas, principalmente como estratégia de marketing para o segmento que se iniciava. Mais uma vez o SEBRAE teve presença marcante e fundamental incentivando os pequenos produtores, assim como os órgãos municipais ligados ao Desenvolvimento Urbano.

Eu acho que o que dificulta é que a gente não tenha ajuda, embora a gente tenha uma parceira com o SEBRAE, onde a gente faz cursos, a prefeitura ela não ajuda a gente assim a colocar o produto no mercado a gente tem muita dificuldade para isso, para estar colocando o produto no mercado. (PÉROLA).

Para alavancar ainda mais o setor de *lingerie* na cidade, a Prefeitura de Franca decidiu montar um programa específico para assessorar pequenos fabricantes de peças íntimas. A proposta, que foi inicialmente encabeçada pelo Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas),

ganhou reforço da Secretaria Municipal de Desenvolvimento no ano passado. O município oferece treinamento para ensinar a vender, calcular custos e preço final, comprar e estocar matéria prima, ter capital de giro, aumentar a produção, criar modelos exclusivos, adotar estratégias de marketing, além de proporcionar visita a feiras de lingerie em outras cidades e incrementar a Expolntima, feira realizada pela primeira vez em 2009 (leia mais no site). Outra proposta é auxiliar os participantes a deixar a informalidade. (LUQUES, 2010, online).

Tem início outra fase do percurso econômico da cidade de Franca, nos anos posteriores a crise calçadista o município estava sem nenhuma representatividade no mercado consumidor do país e até mesmo no estado de São Paulo, nos últimos vinte e quatro meses já figura como 64º mercado consumidor no Brasil e como décimo novo no Estado de São Paulo, o que representa uma melhoria na qualidade de vida da população local.

De acordo com pesquisas do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), ao publicar os indicadores de potencialidades de consumo nacional em 2010, Franca aparece como local de maior destaque, mais do que cidades do mesmo porte ou até mesmo maiores, como Betim (MG) e São Caetano do Sul (SP); e até mesmo de cidades também onde a Indústria calçadista está presente como Novo Hamburgo (RS); demonstrando assim não só a melhoria na capacidade produtiva, mas principalmente no potencial de consumo dos moradores de Franca, aos poucos absorvidos pelas corporações.

Alguns setores ainda estão receosos, evidentemente há uma preocupação em não direcionar a produção para apenas um segmento, como ocorria com a fabricação de calçados, pois caso haja alguma crise ou forte concorrência no setor, pode haver novamente um surto econômico local.

Algumas questões ainda necessitam de cuidados e atenção, como por exemplo, os empregos informais e domiciliares; em 2008 a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) publica uma estimativa dos empreendedores por município, em Franca 20.782 são empreendedores formais, com até cinco funcionários registrados, enquanto 29.222 são empreendedores informais.

Não temos funcionários, somos só nós três mesmo; nossa relação é ótima, tem que ter uma união, é uma equipe, temos que estar sempre em sintonia uma com a outra senão não funciona. Sim, apesar de ter homens também que trabalham, não aqui com a gente e a gente presta serviço, há locais em que trabalham com a gente e a gente presta serviço, tem marido que trabalha com a mulher... (ÁGATA).

Eu faço de tudo, porque nós somos uma equipe, nós trabalhamos em três, nós compramos, nós vendemos, costuramos, fazemos tudo... Não temos funcionários e eu trabalho em média de sete a oito horas por dia. Então, fazemos de tudo, como a empresa é pequena, não temos condições de ter funcionários, então a gente tem que fazer de tudo na empresa, o que precisar fazer a gente faz. (SAFIRA).

Constata-se, nos últimos anos, uma absorção de muitos desempregados, até mesmo pelas fábricas de calçados, tendo em vista uma reação das mesmas, tanto em questão de qualidade como de concorrência; as contratações também vêm ocorrendo em outras áreas como no comércio, com a chegada de hipermercados, grandes lojas e outros segmentos fortes economicamente, como por exemplo, o da *lingerie*.

A Indústria da moda passa a ter relevante representatividade na cidade, considerando já termos figurado anteriormente a importância das roupas e da apresentação pessoa para a sociedade, desde os primeiros momentos da história; relacionados à concepção da moda aparecem nas roupas, calçados, bolsas acessórios, campo já previamente preparado durante os ciclos produtivos, assim, foi relativamente fácil a instalação das indústrias de *lingerie*, que rapidamente se tornou desenvolta e representativa.

Algumas regiões do país, como Catalão no estado de Goiás foram pioneiras na fabricação de *lingerie*, a produção foi iniciada a partir da organização de algumas costureiras, um exemplo é a Associação Moda e Flor, composta por trinta e uma costureiras, visando aproveitar suas habilidades, associando-as ao fluxo produtivo do município para a criação e confecção de *lingeries*.

A cidade, também reconhecida na produção de automóveis e na extração de minérios, contava até dezembro de 2010, com oitenta e sete fábricas de *lingerie*, de acordo com dados da União das Indústrias de Confecção de Catalão e do Sudeste Goiano (UNICON GOIÁS); mais uma vez o SEBRAE e as organizações de programas das Associações Produtivas Locais (APL), tiveram fundamental importância na implantação e acompanhamento das atividades dessas cooptações.

[...] a cidade assegura às indústrias que aqui se localizam uma boa infraestrutura que garante a sua manutenção. Essa infraestrutura oferecida por Catalão propiciou o desenvolvimento das confecções de moda íntima a partir de 1990, que iniciou suas atividades produzindo para consumo dos próprios proprietários, que no decorrer de cinco anos despontou como um setor de destaque na economia local. (SILVA, 2006, p. 3).

Outra referência brasileira no segmento industrial de *lingerie* é a cidade de Nova Friburgo, localizada na região serrana do Rio de Janeiro, segundo dados da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), a indústria da confecção em atividade no local conta com cento e vinte e cinco companhias, que geram 12% do Produto Interno Bruto (PIB) da cidade e emprega 18% da mão de obra local. É considerada pólo da *lingerie* no Brasil.

Destaque das ações do Pólo são as exportações, aproximadamente 14% das organizações empresariais e de produção mantém comércio ativo com o mercado externo. Segundo Freitas e Maciel, diante dos resultados positivos alcançados até então há uma proposta para capacitação e treinamento para técnicos e consultores na área, verificando a existência de problemas ou dificuldade e propondo soluções.

Consideremos então, que apesar dos resultados positivos, da geração de emprego, dos excelentes índices de exportação, há sempre a necessidade de acompanhamento, desenvolvimento e diversificação. Alguns especialistas detectaram a falta de modernização na produção de calçados em Franca, muito provavelmente foi esse o motivo de tão drástica queda na produção e falta de competitividade em relação a outros mercados.

É notório também que modelos produtivos como o de Catalão e Nova Friburgo são referências para a modelo produtivo de *lingerie* em Franca, assim como aponta a ABID a inovação e diversificação são fundamentais para o sucesso de qualquer produção industrial, é o que a Agência define como visão de futuro.

Ser competitiva globalmente e exportadora de destaque, possuindo como diferencial competitivo o uso criativo dos valores culturais, a utilização ética e sustentável da diversidade de materiais, de recursos naturais e humanos, com interação com outros setores produtivos, incorporando tecnologia de ponta para agilizar seus processos desde a concepção ao descarte, com produtos customizados, funcionais e inovadores, que despertem a emoção do consumidor e atendam o custo-benefício positivo para os diferentes segmentos de consumo. (ABDI, 2010, p. 52).

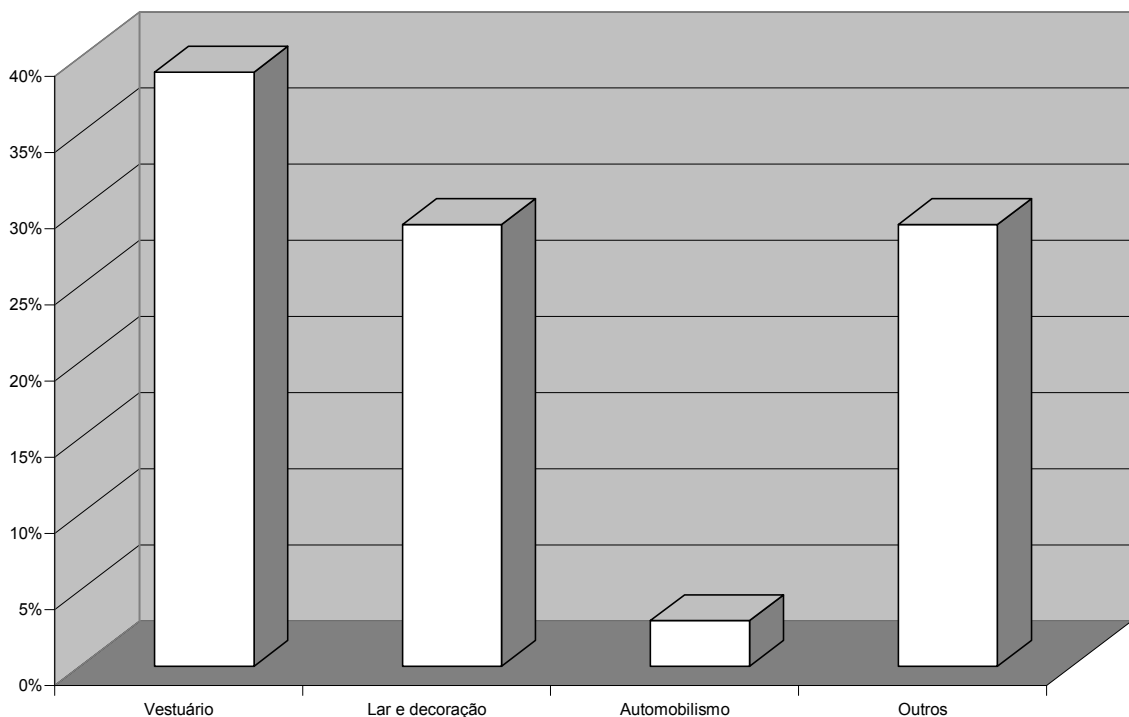
A partir dessa perspectiva faremos a análise de como se configura a produção Francana de *lingerie*, quais as estratégias e alternativas encontradas pelos produtores locais e principalmente, qual é o papel das mulheres nesse mercado e como ele se configura após a concretização da confecção de *lingerie* e moda íntima

no mercado. Esse nicho produtivo já alcança outras esferas? Já há participação no mercado exterior? As mulheres se estabeleceram no ramo da *lingerie*?

### 2.3 Estratégias de melhoria: rumo à competitividade do mercado

De acordo com informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a Indústria Têxtil e de Confecções (IC&T) representa 29% da produção industrial no Brasil. Sendo que o sucesso de uma depende diretamente do abastecimento, suporte e acompanhamento da outra. O mercado do vestuário é extremamente competitivo, sendo assim as inovações são constantes.

**Gráfico 1 - Produções Industriais Brasileiras entre 2001 e 2010**



**Fonte:** Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (UNICAMP)

**Elaboração:** Livia Marinho de Moura.

As indústrias têxteis e de vestuário não apresentam em suas estruturas altos índices de oportunidades tecnológicas, a preocupação maior é voltada para os insumos, ou seja, com tecidos mais sofisticados e pela melhoria e evolução em relação às máquinas de costura.

Então, assim, hoje agente trabalha com um tecido diferente, a gente busca sempre novidade sabe? Assim, um tecido diferente, uma renda diferente, o que ainda falta inovar é comprar um maquinário melhor, sabe assim? Só que ainda muito caro, as máquinas, então assim, por enquanto nós ainda estamos pequenos, faz sete anos que nós estamos no mercado, só que o nosso foco é conseguir, assim, comprar uma máquina mais cara, que faz uma calcinha sem costura sabe? E isso tudo ainda é muito caro. Eu faço a parte de criação, eu que crio, compra de tecido, aviamento toda eu que faço, e a produção assim, eu olho, eu cuido da produção, agora eu já tô ensinado uma pessoa, uma funcionária, pra ela fica no meu lugar, por que assim, graças a Deus nós crescemos muito, e tem mais coisas que eu tenho que preocupa agora entendeu? Eu não posso fica só na produção. (JADE).

Há sim uma preocupação e apropriação em relação a métodos e estratégias de diferenciação de um produto para outros já a venda no mercado, o que envolve capacitação em qualidade e *design* de confecções produzidas, para a concorrência em mercados cujas marcas, *griffes* e preços já estão tão explorados e valorizados.

Uma coisa eu te falo, muita coisa que eu sei, as meninas que fazem a faculdade moda comigo, que vai forma, num vai saber, sabe assim? Porque, eu acho assim, faculdade é importante só que no dia-a-dia é muito diferente, entendeu? No dia-a-dia você aprende a lidar com uma situação, você aprende a monta um conjunto, a fazer, agora, na faculdade você foca naquela teoria, a pratica é muito fraca, então acredito, que eu, o que eu tenho hoje, eu tô sabendo mais do que as meninas que fazem moda comigo entendeu? (JADE).

Nesta perspectiva ocorre a divisão produtiva na área têxtil em duas distintas ramificações, das seguidoras: indústrias emergentes no mercado, buscando alternativas e tendências para se estabelecerem e as líderes: capacitadas a implementar estratégias e assim valorizar mais sua produção; assim sendo as primeiras buscam condições e oportunidades para agregar valores à sua produção, tendo como referência os mesmos índices das líderes, embora mais modestos.

A condução moderna dos negócios requer uma mudança profunda de mentalidade e de posturas. A gerência moderna deve estar sustentada por uma visão de futuro e regida por processos de gestão em que a satisfação plena de seus clientes e das partes interessadas seja resultante da qualidade intrínseca dos seus produtos e serviços, e a qualidade total dos seus processos produtivos seja o balizador fundamental. Os gestores precisam efetuar permanentemente mudanças organizacionais visando a implementação das melhores práticas. Busca-se constantemente melhorar o planejamento, a programação, o controle, o acompanhamento, a execução e a análise. (ARAÚJO, D. B., 2004, p. 8).

As organizações empresariais de *lingerie* começaram a desenvolver suas atividades em franca na última década, foi feito todo um trabalho entre Poder Público Municipal, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), SEBRAE, Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), Banco do Povo e Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDS), no intuito de capacitar e assessorar o segmento em sua implantação assim como viabilizar, habilitar e colaborar com a inserção de recursos humanos e financeiros para o empreendimento da *lingerie*.

As empresas tentam diferentes estruturas organizacionais por meio de adaptação das atividades, da capacitação dos funcionários, da aquisição de sistemas informatizados de gestão, modificando as políticas de gerenciamento e introduzindo novas tecnologias numa tentativa de melhorar o padrão. Mesmo com todas as inovações implementadas, muitas empresas continuam incapazes de gerenciar, o que provavelmente é por causa de dois fatores: falta dos indicadores de desempenho adequados e a perda de controle do sistema, combinados com a não-análise dos resultados obtidos, seja para os indicadores financeiros, seja para os indicadores não-financeiros. (ARAÚJO, D. B., 2004, p. 8)

Necessário se faz ressaltar que para uma organização empresarial, em fase inicial de estruturação, a migração para uma categoria mais elevada deve ser estrategicamente elaborada, e nem sempre será de interesse para outras seguidoras, nem para as de grande porte, por terem essas, já grande vantagem competitiva e redes de vendas e de distribuição já estabelecida, estando assim em outro patamar competitivo e tecnológico.

As maiores estratégias de crescimento estão baseadas em permanência e manutenção, até mesmo organizações empresariais de grande porte dão preferência para estratégias sustentáveis e executáveis; outro ponto de melhoria é o da padronização, onde margens menores de lucros podem ser compensadas por ações consistentes e fidelizadoras.

As emergentes indústrias Francanas de *lingerie* nessa perspectiva possuem grande expectativa e potencial para alcançarem a categoria de líderes, mesmo com características competitivas e tecnológicas diferentes, desenvolvem estratégias para a exploração de mercados diferenciados.

As confecções locais, mesmo com pequenos lucros, conseguem destaque regional e participação nas exportações, o que corresponde pertencer a um reduzido e seletivo grupo de organizações empresariais no Brasil, de acordo com

estudos realizados, apenas uma pequena porcentagem desses arranjos conseguem exportar seus produtos principalmente se forem Micro e Pequenas Empresas (MPE).

As micro e pequenas empresas exportadoras representam mais de 70% da base exportadora brasileira, mas respondem por menos de 14% das exportações totais do país. Essa participação se reduz para pouco mais de 5% com a exclusão de um seleto grupo de pouco mais de 200 empresas, constituído principalmente por *trading companies* e outras MPE altamente exportadoras. A rigor, a MPE “típica” exporta apenas US\$ 40 mil/ano. A comparação com as empresas de porte médio e grande destaca algumas diferenças importantes: as MPE enfrentam maior dificuldade para sustentar um desempenho exportador continuado, são tecnologicamente mais frágeis e destinam uma parcela maior de suas vendas externas aos mercados vizinhos. (MARKWARD; PESSOA, 2003, p. 1).

A Fundação Centro de Estudos Comércio Exterior (FUNCEX) realiza constantes estudos e acompanhamento em relação às organizações empresariais exportadoras e comércio exterior no Brasil. Assim como a ABID realizam estudos sobre Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em uma análise de mercado aponta a preocupação das corporações líderes em diferenciar e diversificar seus produtos.

Eu acho assim, primeiro de tudo é a qualidade e o conforto né? É o que a gente se preocupa aqui, porque uma mulher, ela sai cedo pra trabalhar, ela tem que ficar o dia todo com a calcinha e com o sutiã, num é aquele negocio “ai num vejo a hora de chega em casa pra tira esse sutiã”, então assim, é a nossa preocupação, é essa, é o conforto em primeiro lugar. (JADE).

Paralelamente, as companhias seguidoras ou frágeis não possuem nenhum referencial ou estrutura interna, nem mesmo de valorização de conhecimentos internos ou acúmulo tecnológico das experiências adquiridas na execução de suas produções; por muitas vezes são consideradas “firmas de produção” e derivam de arranjos produtivos locais, os já mencionados APL's, outras são avaliadas como “firmas de distribuição” atuando de maneira terceirizada em áreas de logística.

Eu acho que as parcerias são importantes porque a gente não faz sozinho. Na compra, a gente tenta a parceria na compra, compramos juntos... na questão da modelagem a gente troca idéias, a gente se junta... Mas o forte mesmo da gente se juntar é mai o de pensar em crescer juntos e o diferencial é esse; cada um tem o seu espaço e aí é uma parceria legal Quando compramos juntos, no montante, no volume, conseguimos um preço melhor, quanto mais você compra em lotes fechados, em caixas fechadas, você consegue um preço menor e

dá um diferencial nos custos, então a gente compra junto. Às vezes em determinadas compras coincide outras parcerias... A concorrência até ajuda porque atrai mais compradores, a cidade vira uma referência que ajuda sim. (PÉROLA).

Diante dessa perspectiva os estudos apontam ainda uma diferença das organizações seguidoras em relação às frágeis, o faturamento. O das seguidoras é cerca de treze vezes maior que o das frágeis, geralmente as de pequeno porte, em muitas ocasiões de economia informal e cunho familiar, características inerentes ao perfil industriário de Franca.

Essas organizações empresariais não têm investimentos externos ou autonomia; a estrutura produtiva é limitada, assim como os recursos econômicos ou humanos, para garantirem sua sobrevivência no mercado realizam consórcios com outras economias para suportar os custos de *design*, estrutura de exportação e participação em eventos comerciais e de divulgação, contando com o apoio de instituições como o SEBRAE e poderes públicos locais.

O padrão mais difundido de direção dos empreendimentos industriais no Brasil continua a basear-se na autoridade obtida pelo controle da propriedade. [...] Entretanto, como a propriedade da empresa se restringe, em geral, aos grupos familiares, [...], além de participarem das decisões fundamentais das empresas (por exemplo, a determinação de novos investimentos), que constitui praticamente um corolário do sistema de apropriação privada, os proprietários das empresas 'clônicas' exercem intensa atuação administrativa. (ARAÚJO; BRAGA FILHO, 2009, p. 4).

Há motivos e justificativas para o apoio oferecido às organizações frágeis, considerando-se as desvantagens enfrentadas por elas, como já citamos anteriormente, deixando-as à mercê do controle e coordenação das grandes redes e grandes conglomerados empresariais; que, além do poder em relação às determinações de e da escolha de matéria prima a ser utilizada, contam com o apoio de seus fornecedores para o comércio exterior.

No Brasil, não são poucos os órgãos públicos e as entidades privadas que têm nas micro e pequenas empresas (MPE) exportadoras seu foco de atuação. Os SEBRAEs estaduais, a APEX Brasil (Agência de Promoção de Exportação do Brasil), os CINs (Centros Internacionais de Negócios das federações estaduais da indústria) e as seções comerciais das embaixadas e consulados brasileiros no exterior são, sem dúvida, os mais ativos. Todavia, não são menores os esforços desenvolvidos pelo Banco de Brasil, a Finep, a SBCE (Seguradora Brasileira de Crédito à Exportação) e,

inclusive, o Bndes, instituições com objetivos mais abrangentes, mas que contam também com programas ou serviços voltados especificamente para a promoção das MPE exportadoras. A despeito disso, é surpreendente o escasso número de trabalhos e estudos destinados a caracterizar e retratar o desempenho exportador das empresas de menor tamanho. Nesse sentido, pode-se afirmar, sem qualquer exagero, que a maioria das instituições acima mencionadas mal conhece a sua clientela. (MARKWARD; PESSOA, 2003, p. 1).

As Agências do Governo, assim como empreendimentos ligados ao comércio exterior, também apóiam as pequenas companhias, incentivando a produção, colaborando com a diversificação e sustentando a necessidade de produções inovadoras, visando assim as exportações, pois tal abrangência seria uma alavancada econômica e de *marketing*.

A dificuldade mais que a gente tem é de se tornar cada vez mais conhecido no mercado, a dificuldade é essa, de entrar no mercado, dos outros conhecerem a nossa marca, pois a qualidade a gente já faz, a gente sabe que pode competir com qualquer pessoa, com outras marcas que estão no mercado a gente pode competir, pois é de qualidade boa o que a gente faz. Vender a nossa mercadoria, eu acho que a dificuldade é essa. (ÁGATA).

Para a efetivação do proposto faz-se necessário um processo que reúna as agências líderes, as seguidoras e as fracas, visando uma mobilização de esforços, troca de informações e experiências, principalmente em relação à correção de deficiências, integração entre os setores privado e governo, fortalecimento entre atividades afins, conforme sugere a FUNCEX:

Os benefícios e as externalidades gerados pela proximidade entre empresas incluem, via de regra, a formação de mão-de-obra qualificada; a atração de indústrias de atividades correlatas, serviços de apoio, fornecedores de equipamentos novos ou usados e matérias-primas; e a difusão de conhecimento e troca de informações. Em complemento, a experiência concreta mostra em geral alguma articulação das PMEs com o poder público, entidades empresariais de representação e apoio, universidades e centros de pesquisa ou empresas clientes, concorrentes ou fornecedoras. A interação envolve atividades de produção, logística, desenvolvimento de pessoal, difusão de conhecimento e informação, compra, vendas externas, inovação e desenvolvimento de tecnologia, melhoria de infra-estrutura e ação política. (NARETTO; BOTELHO; MENDONÇA, 2004, p. 72).

Nesse aspecto o pólo francano de *lingerie* possui relativa vantagem, conta com o apoio da população, do poder público, agências de apoio como SEBRAE, ABDI, APEX BRASIL, entre outras, além do apoio de outras

organizações empresariais da cidade, Associação Comercial e Industrial de Franca (ACIF), Cooperativas, CRAS, Secretarias e Conselhos Municipais.

Exemplos históricos importantes de aglomerações industriais em municípios e/ou regiões do Brasil, com forte presença de PMEs, são os produtores de calçados, tecidos e vestuário dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Vale mencionar as conhecidas experiências de aglomerações de indústrias de calçados e couros (Vale dos Sinos-RS, Franca-SP e Jaú-SP) e da indústria têxtil e de confecções (Americana-SP e Vale do Itajaí-SC). Também, cabe lembrar de aglomerações de produtores das indústrias de móveis, de cerâmicas e de minerais não metálicos. (NARETTO; BOTELHO; MENDONÇA, 2004, p. 63-64).

Em 2008 foi fundada a Cooperativa dos Fabricantes de Lingerie (COOFAL) que encerrou suas atividades logo depois; posteriormente um grupo de empresárias da cidade formou o Conselho da Mulher Empreendedora em parceria com a ACIF, a madrinha do Conselho é a empresária Luiza Helena Trajano Inácio Rodrigues, presidente do Grupo Magazine Luiza.

Um grupo de empresárias do Conselho da Mulher Empreendedora da Acif (Associação do Comércio e Indústria de Franca) se reuniu durante todo o dia de ontem para o 2º Encontro da Mulher Empresária de Franca e região. O evento realizado no Espaço Cedro, no Jardim do Éden, foi destinado às mulheres que são destaques na área empresarial e buscam crescimento no meio econômico. O encontro reuniu mais de 350 empreendedoras e teve a participação da presidente do Magazine Luiza, Luiza Helena Trajano, além da coordenadora de Programas da ONU Mulheres no Brasil, Junia Puglia, da palestrante Ana Maria Coelho, do Sebrae, e da escritora Nelma Penteado. Com vasta experiência, a madrinha do Conselho da Mulher, Luiza Helena, abriu o evento por volta das 9h30. Após a exibição de vídeos que contavam um pouco da história do Magazine Luiza, a varejista orientou as empresárias a focarem na ética. “Não podemos ter medo dela (ética), é necessário que façamos com que ela nos persiga”. (GARCIA, 2011, online).

Contrastando com as desvantagens e dificuldades enfrentadas pelo setor calçadista, desde a crise econômica, as fábricas de *lingerie* têm apresentado grande destaque, um dos principais pontos de sucesso desses empreendimentos tem sido também a inovação. Considerando as pesquisas realizadas pela ABID a maioria das iniciativas inovadoras no ano de 2010 é de ações desenvolvidas a partir da economia doméstica e motivadas pela necessidade econômica e de marketing se desdobram para melhorar.

São poucas as corporações que no decorrer do ano inserem novos produtos, a maioria absoluta apenas reproduz a própria produção, ou então

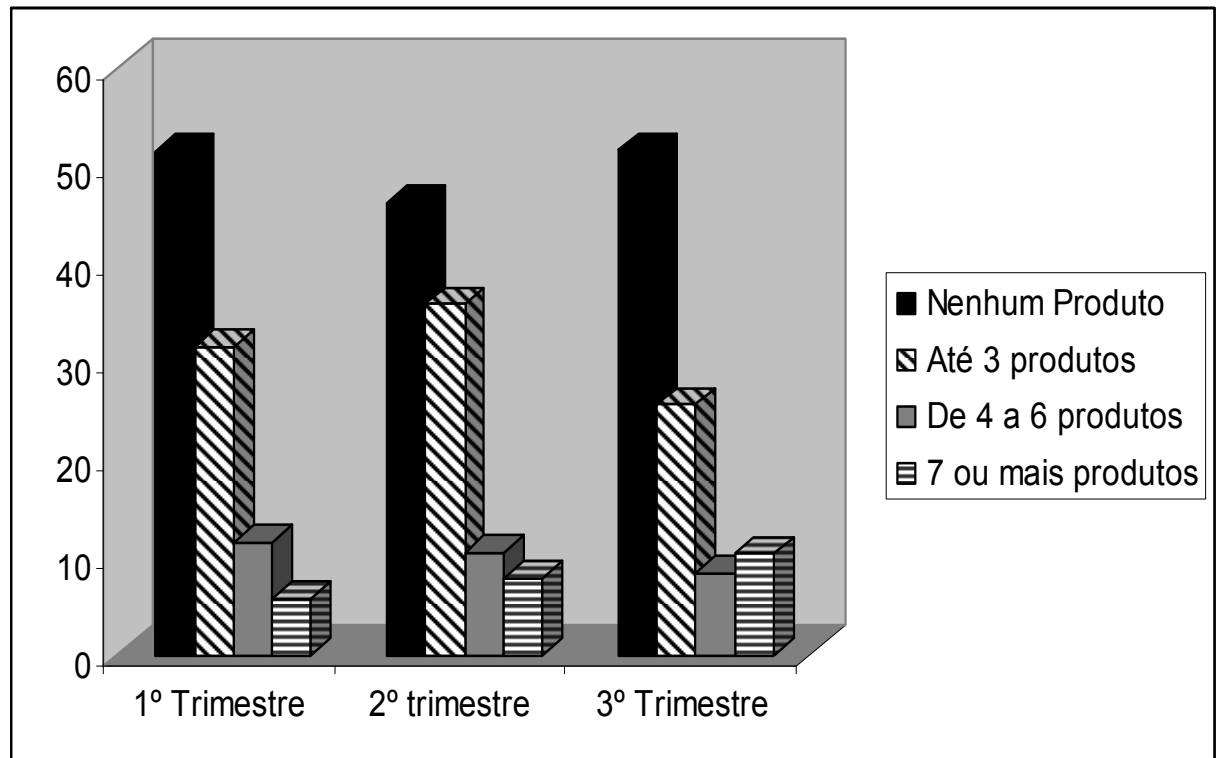
copiar a alheia. Outro aspecto importante é a inovação tecnológica, pois nem sempre a inovação produtiva está relacionada à tecnologia usada para a confecção do mesmo, o que, aliás, é entendido como difícil, no caso da *lingerie* o desempenho está mais relacionado ao campo das idéias, ou seja, o melhorar.

Mas hoje que a gente tem cliente que quer comprar de qualquer jeito, o cartão tá estourado, mas a cliente quer comprar; isso aconteceu sexta-feira aqui na loja...isso é um investimento... a gente vai fazer pijamas, que é uma linha que ainda não temos, por isso estamos em um espaço maior e cuecas também porque: na minha casa tem dois homens e quem fica em cima das cuecas, pra que tenham sempre cuecas nova, sou eu...então eu vejo assim: como a gente trabalha com mulher, você ter cueca vai ser tudo de bom, porque elas mesmo vem comprar e já compram para os maridos e para os filhos... então, estamos no caminho certo com as cuecas. Ela não vai representar tanto da minha produção, mas vai ter um mercado garantido né? Porque ela compra aquele tantão e já leva a cueca pro pai e pro filho, isso é você direcionar a sua ação pro mercado... (ESMERALDA).

Outra estratégia de crescimento amplamente utilizada mundialmente e nos últimos anos também adotada no Brasil é a integração vertical entre organizações empresariais e comerciais, envolvendo uma cadeia de produtores e consumidores e na maioria dos casos companhias líderes ou seguidoras que se tornam líderes controlam o processo e o capital produtivo final desse arranjo; esse método proporciona maiores retornos econômicos.

Há um nítido equilíbrio entre visões opostas sobre o futuro do elo. A percepção positiva dos especialistas foi demonstrada por uma postura otimista, que enxerga na estrutura de pequenas empresas versáteis e flexíveis a possibilidade de rápida adaptação à concorrência global, baseada na aquisição de novas tecnologias e no aparecimento de empreendedores conscientes e comprometidos com a produção sustentável. As percepções negativas vêm na carência de mão-de-obra, de talentos e na baixa intensidade inovadora e tecnológica do segmento entraves que levarão o setor a fabricar produtos de baixo valor agregado, destinados a nichos de mercado de baixa rentabilidade. Os aspectos estruturantes sinalizados nas avaliações neutras foram a profissionalização e os investimentos em talentos e na capacitação das atividades de beneficiamento. (ABID, 2010, p. 65).

**Gráfico 2 – Organizações empresariais que inovaram em produtos já existentes (2010)**



**Fonte:** ABDI, 2010

**Elaboração:** Livia Marinho de Moura.

Quando os interesses correlatos são integrados verticalmente algumas vantagens são observadas, como por exemplo, na produção de tecidos, especialmente fabricados para a fabricação de *lingeries* estratégia de produção e negócios também conhecida como “*technology push*”, analisando o histórico francano podemos perceber essa característica presente desde a fabricação do calçado.

Em alguns momentos as indústrias do ramo da tecelagem ou confecção não desejam a fusão ou aquisição com outras organizações correlatas e fazem a opção por parcerias informais, para que assim possam atingir maior grau de reciprocidade entre as companhias do decorrer das diferentes etapas produtivas da cadeia e as das diversas exigências do mercado.

**Tabela 8 – A verticalização e os resultados alcançados**

<b>Benefício alcançado com a verticalização</b>	<b>Média dos valores</b>
Maior controle dos custos de produção	4,40
Garantia ou melhoria da qualidade dos serviços prestados	4,40
Economia de escala	4,00
Flexibilidade na adoção de novas metodologias administrativas e técnicas	3,90
Fortalecimento da posição competitiva no mercado	3,90
Otimização da convivência nos serviços oferecidos	3,80
Fidelização dos clientes	3,80
Melhorias qualitativas nas informações disponíveis sobre o cliente final	3,70
Maior possibilidade de estimar demanda	3,60
Atração de novos clientes	3,60
Redução de oscilações na demanda por serviços	3,30
Criação da barreira de entrada a novos concorrentes	3,20
Ampliação da oferta de serviços a segmentos determinados	2,30
Diminuição dos de transação	1,80

**Fonte:** ABDI, 2010

A inovação demonstra historicamente ser a base da concorrência, a partir de onde as vantagens competitivas e comparativas são exploradas; inseridas em um rol empresarial cada vez mais numeroso, a criatividade pode ser a chave do sucesso. Fundamental para a diferenciação é o conhecimento e a educação continuada. Todavia, no Brasil, esses pilares educacionais não atendem às necessidades.

Toda e qualquer estratégia visa um resultado positivo, nesse caso específico representa a ocupação, o posicionamento da empresa dentro de um contexto econômico; no Brasil, a representação máxima almejada é a ocupação obtida na economia global o reconhecimento internacional, dentro de diferenciados padrões de inovação e de qualidade, além de preços competitivos.

O calçado, eu falo sempre isso pro meu marido, quando a gente chegou aqui em Franca só se fazia calçado para homem, com o perdão da palavra, era um bando de burro [...]. Acho que pra inovar a cada dia a gente busca o que está no mercado hoje, a gente tenta buscar o que está oferecendo no mercado de melhor, cores, até mesmo o produto que está sendo vendido no mercado, a gente busca isso, pra estar sempre atualizado, saber o que as pessoas querem, o que o cliente quer. Trabalho oito horas por dia, mais ou menos, aqui as três fazem de tudo, mas a minha função é o acabamento da lingerie. (ESMERALDA).

Ah é os bordado, acompanha a moda né? Tudo que é moda, porquê por exemplo, tá usando verde, sê faz verde, tá usando bordado, sê vai fazer o bordado, tá usando uma estampa, sê vai pela estampa, por que o povo, uns modelo diferente, é strass essas coisa, o povo, acho que fica empolgado e acaba comprando. (AMETISTA).

A importância é que a mulher com a *lingerie* se sente bonita, alto astral, lá em cima, e também é uma coisa que todo mundo usa, então você tem que a cada dia que passa ir aprimorando, pra fazer as coisas mais bonitas... Nós procuramos participar de feiras, a gente viaja, pra conhecer as tendências, as novidades... (SAFIRA).

A gente já faz a gente pesquisa muito, vai atrás da moda, atrás da feira, quando tem lançamento a gente já faz isso. Eu me dedico muito, sabe às vezes eu to lá na minha casa, à noite assim e eu penso num modelo e vejo, às vezes eu acordo de madrugada e vou fazer esse modelo, às vezes meu esposo fala, mas a essa hora? Às três horas da manhã, pra desenhar ou cortar ou melhorar alguma modelagem pronta. (PÉROLA)

A funcionalidade industrial terá a sustentação estando em ideais condições de infra-estrutura, disponibilidade de recursos materiais, humanos, financeiros e ambientais. A modernidade, eficiência e agilidade institucionais, somadas a um ambiente estável e estruturado são também fundamentais para o alcance dos objetivos, sem perder de vista a manutenção da qualidade esperada pela sociedade, incentivando o empreendedorismo, habilitado para suprir os desafios propostos pelo mercado.

A indústria brasileira urge por lideranças empresariais coesas, amparadas em objetivos comuns, em visões estratégicas, de responsabilidade social e consolidação de um sistema aperfeiçoado e participativo, preocupado com a formulação de políticas públicas e para a elaboração de um projeto nacional.

Alguns estudos prospectivos, tendo em vista a diversidade e a complexidade da estrutura industrial brasileira, foram realizados pela ABDI, e podem orientar e caracterizar o momento empresarial pelo qual algumas das indústrias de *lingerie* de Franca perpassam, são quatro as perspectivas que se subdividem em: perspectiva da nação, do mercado, interna e de aprendizado e conhecimento.

De acordo com textos elaborados pela ABDI, alguns comportamentos e ações são considerados positivos para a estrutura produtiva, entre eles:

- ✓ O setor possui três forças: matérias-primas brasileiras, talento e mercado interno;
- ✓ Talento e tecnologia norteiam as dimensões críticas do mercado;
- ✓ O design brasileiro está carente de incentivos internos, para que possa concorrer com igualdade no mercado exterior;
- ✓ A produção local precisa de mais integração com setores da tecnologia de informação e comunicação;
- ✓ O foco no mercado e na demanda, visando agregar valor aos produtos;
- ✓ Direcionar o potencial produtivo em função dos recursos naturais brasileiros e apelo ecológico; assim como cuidados com o meio ambiente;
- ✓ Buscar orientação sobre roupas e tecidos inteligentes e sob medida;
- ✓ A inovação deve ser coordenada, com incorporação de tecnologias e aproximação com áreas acadêmicas;
- ✓ A abordagem multidisciplinar deve ser abordada;
- ✓ Fortalecimento de estratégias de competição com regiões asiáticas;
- ✓ A conscientização social deve ser foco de ações;
- ✓ Produção de roupas fáceis e inteligentes, que atendam às necessidades do mercado;
- ✓ A necessidade da profissionalização do segmento e o entendimento geral da importância dessas ações na cadeia nacional de produção, para assim, atrair novos talentos;
- ✓ Alto potencial de engajamento com o consumidor, o desenvolvimento e as tendências nacionais e mundiais;
- ✓ Fortalecer o elo entre as MPE's em prol de flexibilidade e rápida adequação às mudanças;
- ✓ O espaço a ser explorado é ainda muito amplo, assim como o potencial da área da confecção;
- ✓ Ainda não se formou um correto conhecimento sobre o consumidor estrangeiro;
- ✓ O foco no beneficiamento, principalmente como atividade complementar à produção agrega maiores valores;

- ✓ As companhias flexíveis, capazes de responder rapidamente à um mercado, cuja individualização do consumo é acentuada, prevalecerão;
- ✓ Investimento em talentos e visão de futuro;
- ✓ Logística adequada e estruturada em bases de dados sólidas;
- ✓ Acompanhamento da evolução digital e compras virtuais; onde a internet é o diferencial;
- ✓ Comercialização e procedimentos éticos, justos e sustentáveis;
- ✓ Disseminação desses conceitos em toda a sociedade;
- ✓ Promover a interação e aproximação entre o produto e o consumidor;
- ✓ Vislumbrar a certificação empresarial, posicionamento transparente, respeito às legislações vigentes e conscientização empresarial.

Paralelamente, o estudo apresenta os pontos negativos, cujas organizações em geral devem evitar:

- ✓ Demonstração de fraqueza diante de crises, riscos e baixos investimentos;
- ✓ Pessimismo diante das perspectivas de futuro econômico e financeiro;
- ✓ Investimentos, infra-estrutura e tecnologia deficientes;
- ✓ Falta de mão de obra;
- ✓ Baixa representatividade em relação à concorrência;
- ✓ Preocupação e ações apenas relacionadas ao mercado local;
- ✓ Pouca atenção e conseqüente fuga de talentos para outros empreendimentos ou outras áreas;
- ✓ Descaso com a legislação vigente;
- ✓ Falta de informatização, melhoria tecnológica e uso de antiquados meios de comunicação;
- ✓ Dificuldade em atender um grande mercado como o brasileiro;
- ✓ Perda de espaço para a *internet*;
- ✓ Desnacionalização dos elos empresariais;
- ✓ Dependência de infra-estrutura e da logística nacional;
- ✓ Aumento da participação do mercado estrangeiro e conseqüente perda do mercado consumidor interno.

O uso intensivo de conhecimento científico para o desenvolvimento de novos materiais e estruturas têxteis deverá intensificar a interação da roupa com o usuário, aumentando as expectativas de versatilidade do vestuário. O espectro de funcionalidade amplia-se em suas características estéticas, organolépticas, comunicativas, preventivas, protetoras e complementares: formas, cores e sensações dinâmicas; integração com dispositivos telemáticos; proteção biológica e barreira físico-química; base de armazenamento, transmissão e de geração de energia. Pode-se esperar um redirecionamento de produtos orientado cada vez mais por questões sociais, ambientais e econômicas, consolidando o design sustentável, que deixa de ser uma atividade de produção para adotar um papel estratégico. (ABID, 2010, p. 74).

Orientadas por esses vetores as fábricas e organizações empresariais poderão adotar estratégias eficazes; principalmente as que se encontram em fase inicial de implantação, quando estão carentes de resultados e perspectivas; as indústrias de *lingerie*, apesar de já possuírem certa representatividade e importância no mercado local, ainda precisam galgar amplo território para efetivamente efetivar suas ações.

Assim sendo, o mercado de trabalho na área expande e igualmente as pessoas por ele envolvidas, de maneira uniforme e equânime, conduzindo essa parcela da sociedade, assim como suas famílias, para perspectivas e horizontes mais promissores e diminuindo, mesmo que a princípio, em um pequeno espaço regional, as mazelas oriundas do sistema produtivo capitalista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao elaborar o projeto de pesquisa para o presente trabalho as propostas foram de caracterizar o campo produtivo da *lingerie*, tendo em vista a perspectiva feminina e como se deu o processo de construção desse arranjo, tendo em vista uma mudança de foco da produção no município de Franca – SP, haja vista o mesmo ser referência na produção de calçados.

Outra proposta foi a de estudar como se deu a participação da mulher nesse contexto, tendo como pressuposto serem as mesmas as grandes idealizadoras e organizadoras dessas organizações, assim como, das experiências no recorte produtivo efetivamente, pois havia a hipótese de que as mesmas, oriundas da indústria calçadista, em sua maioria, passam agora a dirigir e coordenar esses empreendimentos.

O maior impulsionador da investigação foi a busca pelo entendimento de como se formatou o processo de reestruturação produtiva, até que possamos alcançar a sua formatação atual, que culminou com a precarizada relação capital/trabalho que visualizamos na atualidade, assim como a exploração, ainda mais acirrada por parte dos empregadores.

Todo esse processo estimulou e inspirou práticas e ações que servissem como alternativa à sobrevivência, sem que houvesse a necessidade de sujeição e rebaixamento da força de trabalho. Esse cenário “obriga” as pessoas a pensarem e a buscar alternativas às especulações e opressões do capital.

Há a intencionalidade de que essas mulheres, sujeitos da pesquisa, representem uma categoria ampla, de figuras femininas empreendedoras e, sendo assim, sirvam como referência, como ideal, para as trabalhadoras da maneira mais ampla possível.

Como pudemos vislumbrar no transcorrer da pesquisa, muitos campos, postos e oportunidades de emprego se abriram para as mulheres nas últimas décadas, entretanto, nem sempre aceitar o emprego significava querer trabalhar na área ou mesmo a identificação com o produto ou trabalho realizado.

A análise buscou uma aproximação informal, onde, em nenhum momento houvesse questionamentos direcionados ou induzidos à convivência com as hipóteses formuladas, buscando assim uma reflexão sólida e contextualizada diante das informações obtidas, tanto nas pesquisas bibliográficas como na de campo.

Os recortes de jornais e notícias veiculadas na internet, em diversos momentos, representaram o referencial teórico e bibliográfico da análise, entretanto

as informações são imbuídas de certa volatilidade, o que mesmo parecendo, não prejudica a pesquisa, haja vista o campo de observação também o ser, assim como é a sociedade como um todo: permeada de mudanças.

As protagonistas da investigação não foram apenas as proprietárias, mas também mulheres que trabalham no ciclo de produção da *lingerie*, visando assim, perspectivas e olhares diferentes para uma mesma realidade; entretanto apenas uma das entrevistadas era apenas funcionária, não possuindo a mesma qualquer tipo de participação nos lucros da organização empresarial.

Pode-se perceber como unanimidade a satisfação de todas em trabalhar na área da *lingerie*, declaram gostar do que e de como estão trabalhando, além de se identificarem com o produto; a grande maioria se arrisca a realizar produções e modelos inovadores, primando pela qualidade e conforto de suas peças.

Essa postura evidencia uma sensibilidade e empatia dessas mulheres, não apenas com o produto que confeccionam, mas também, com o mercado consumidor que irá adquirir esses produtos, pois o mesmo é de uso obrigatório para algumas mulheres; apesar da *lingerie* ser uma peça essencial de vestimenta, em muitos momentos são tidas como acessórios ou produtos da moda.

Há também uma percepção não apenas do poder aquisitivo, mas da impulsionalidade das mulheres em comprar as peças diferentes ou mesmo os lançamentos, na maioria das vezes sem condições financeiras, ou mesmo sem a efetiva necessidade do produto.

De maneira prática essas empreendedoras insuflam o consumo e a compulsão feminina para a compra; usam estratégias e astúcias que envolvem até mesmo os membros da família dessas mulheres; entretanto a ação merece o devido respeito e reverência, pois são extremamente interessantes e criativas.

As entrevistadas e participantes da observação não possuem, nenhuma delas, nível superior ou formação voltada para a área do empreendedorismo; relatam que em muitos momento não sabiam como lidar com as situações de dificuldade ou mesmo com os funcionários a elas subordinados.

Durante a pesquisa bibliográfica pudemos verificar a existência de várias mulheres no ramo, algumas continuam liderando suas corporações produtivas e relatam a busca pelo reconhecimento e inserção no mercado; entretanto há também pequenas produtoras que já abandonaram a fabricação ou mesmo que, após se

estabilizarem, permitiram que outros membros da família, os esposos na maioria dos casos, tomassem à frente dos negócios.

Alguns contatos realizados não foram bem sucedidos, as pessoas se negaram em colaborar com as entrevistas, comparando as mesmas às várias enquetes jornalísticas das quais já haviam participado e que não gostariam novamente dessa exposição, mesmo após terem sido informados que seriam realizadas de maneira acadêmica e referendadas na normatização da ética em pesquisa.

A princípio vinculamos o trabalho na confecção de *lingeries* por mulheres egressas da costura e fabricação do calçado, fato que não foi comum a todas as trabalhadoras, entretanto, é singular a importância do calçado em suas vidas ou trajetórias profissionais, algumas no feitiço e outras em razão de parentes ou amigos que trabalhavam e dependiam do mercado calçadista Francano.

O campo de pesquisa, dentro de seu recorte, apresentou algumas particularidades específicas, entre elas: das sete mulheres entrevistadas, quatro já havia participado do processo de fabricação de calçados, seis eram proprietárias ou sócias dos arranjos produtivos, todas são casadas e apenas uma delas não tem filhos.

Pudemos verificar também que a família e os filhos não significam um impedimento, ou mesmo um entrave para a vida profissional das mulheres, mas muitas vezes é o maior incentivo dessas, mesmo com todas terem afirmado que cuidam das tarefas domésticas ao chegar a casa, fato que representa a dupla jornada de trabalho.

A importância dessa constatação representa que, ao contrário do que pensam muitos empregadores, os dependentes são impulso maior ao trabalho e às responsabilidades familiares e maternas; pois são seriamente discriminadas, principalmente nos momentos de contratação mulheres com filhos e até mesmo que ainda possam vir a ter.

Situação inerente à realidade das mulheres é a existência da culpa, fazem o que é preciso, se dedicam, conquistam padrões econômicos e sociais, mas, ainda assim, sentem culpa pelo tempo que deixam de dedicar à família e aos filhos; a área de trabalho que escolheram exige muita dedicação e algumas relatam trabalhar de sete a oito horas por dia, enquanto outras revelam não parar nem mesmo para a refeição e descanso.

A esfera doméstica é socialmente considerada como responsabilidade da mulher, entretanto são as próprias mulheres as que mais se conduzem a esse excesso de atribuições, a partir do momento em que responsabilizam intensamente pelo conforto e comodidade familiar.

A pesquisa é então fundamental, não apenas para o entendimento dessa realidade tão presente nas sociedades mundiais, mas também para a desconstrução e reconstrução de novas posturas, de diferentes comportamentos e de uma maior valorização da mulher, simultaneamente ao sentimento de desobrigação para com tarefas que deve realizar por prazer e não por coação social.

É interessante e intrigante que mesmo ao alcançar sucesso, trabalhar em uma área que gostam e buscando operacionalizar as atribuições, as mulheres são cobradas, principalmente por si mesmas; não aplicam às suas vidas os mesmos direitos e deveres dos homens, ao contrário, tomam para si uma carga de trabalho e responsabilidades excessivas.

Entretanto é possível perceber uma evolução, ainda que não completa, desses comportamentos arraigados, entretanto é evidente o sucesso e realização cada vez mais alcançados pelas mulheres; outra característica é a serenidade presente na maioria delas, desejam melhorar, desejam ser reconhecidas e obter uma maior representatividade no mercado, entretanto de forma ética e honesta.

Foi questionada também a questão de contribuição previdenciária dessas trabalhadoras e todas informaram que realizam os devidos recolhimentos, um cuidado que até muito pouco tempo passava despercebido por muitas mulheres, pois não percebiam sequer o valor de seu trabalho, não se achando sequer dignas do direito de aposentadoria, entre outros.

O estudo social realizado no momento da pesquisa é local, contribui para que seja possível realizar a análise, de maneira a perceber as particularidades e singularidades do sujeito, entretanto, as impressões e os resultados são globais, pois somos seres sociais e semelhantes, possibilitando assim o compartilhamento de impressões e possibilidades observadas por outros.

O desafio atual é justamente esse, o da desconstrução, seguido pela reconstrução, pela essência do conhecimento e do fazer pesquisa. Soltar as amarras da realidade, encharcada de preconceitos e verdades absolutas, absorvendo assim no decorrer do estudo novas hipóteses.

A satisfação maior no transcorrer do trabalho foi justamente essa, perceber que algumas hipóteses tinham fundamento, enquanto outras não. Foi também a do desvelamento de novos momentos, de novas esferas sociais e do conhecimento, de descobrir que existem, dentro de um mesmo local, sujeitos tão parecidos e ao mesmo tempo tão distintos, que são subservientes, mas que também rompem com certos comportamentos e regras sociais.

É evidentemente frustrante perceber o esquecimento das mulheres em relação a situações já enfrentadas por elas próprias, pois no momento em que são os proprietários, os responsáveis, o que realmente importa é o lucro, a manutenção do cargo, do emprego e do salário.

Infelizmente, ainda não temos, parafraseando Mészáros, 2005, o comportamento social para além do capital, para além dos interesses econômicos e produtivos, esses ainda superam qualquer tipo de simpatia, comiseração ou sentimento de igualdade; pois desses “negócios” depende a sobrevivência humana. E essa é mais uma trama a ser decifrada.

Assim sendo, há de se pensar, além das limitações da simples reprodução de pensamentos anteriores, da reprodução dos clássicos ou da fragmentação do conhecimento, da mesma maneira como foi fragmentada a produção industrial.

Mas, há de se utilizar esses pensamentos como norteadores de uma nova ciência, direcionando esse pensar para ações efetivas, de interesse coletivo, visando uma construção social e melhoria da qualidade de vida a começar pelos mais elementares aspectos.

O presente estudo visa então a contribuição, mesmo de maneira singular, com demandas polêmicas e inerentes à nossa sociedade, como por exemplo, a questão de gênero, a família, as relações conjugais, de trabalho e sociais; para que a partir dessas reflexões possamos nos desvencilhar de posturas e comportamentos tão arcaicos, retrógrafos e deletérios.

É nesse momento que o estudo, a pesquisa e a intervenção, pautados no referencial teórico do Serviço Social direcionarão essas ações e mentalidades para esses sujeitos cujos graus de vulnerabilidade e risco são os mais variados; haja vista a diversidade de informações, formações e oportunidades. Há de se responder aos sujeitos sociais, baseando-se em perspectivas de inclusão e cidadania, de acordo com a proposta profissional.

Entretanto, sejam as pessoas umas mais privilegiadas em relação às outras ou não e, independentemente de qual aspecto seja, todas precisam da garantia de direitos, ao protagonismo pessoal, familiar e profissional, à manifestação pacífica e objetiva de seus direitos e a todo tipo de informação possível, de interesse ou não; isso representa a manutenção diária dos direitos.

E em se fazendo valer de todos esses direitos, não seja a mulher privada do convívio familiar e social; que também não seja desmerecida econômica ou profissionalmente, principalmente em relação aos homens e que seja efetivamente reconhecida como sujeito sócio histórico, detentor de seus direitos e consciente de seus deveres. Que essas mulheres possam assumir o controle de suas vidas e de suas atividades profissionais, com dignidade e respeito em suas escolhas.

Outro ponto fundamental, tanto socialmente como para o Serviço Social é a construção e manutenção da autonomia, do fortalecimento do protagonismo social e principalmente, do fortalecimento da cidadania, assim como das relações familiares e sociais por elas compreendidos.

As políticas públicas voltadas para questão de gênero devem atender não apenas à questão da violência imputada às mulheres, mas também direcionadas aos direitos da saúde, direitos de educação, direitos sexuais e de reprodução, assim como uma maior e mais efetiva participação da força feminina nas questões políticas, econômicas, financeiras e de cidadania.

A introdução de estudos econômicos, industriais e estratégicos está presente na construção do trabalho não de maneira desconexa ou infiltrada, mas sim sob uma perspectiva interdisciplinar da qual o Serviço Social tão bem se apropria.

É apresentada no trabalho como uma contribuição às mulheres que com tanta generosidade participaram conosco suas experiências; na verdade é uma devolutiva não só às entrevistadas ou às moradoras de Franca/SP, mas para a sociedade como um todo.

O estudo do ramo têxtil acarreta ao trabalho informações que possam contribuir para atitudes e estilos renovadores no setor, pois ao mesmo tempo em que se realiza uma análise histórica acerca desse recorte produtivo, tem-se a revelação de um ambiente onde não apenas a produção, como também o consumo são extremamente representativos para a economia local, nacional e mundial.

Há também importantes informações a respeito de comportamentos e regras do mercado; esses estudos e estatísticas são essenciais para que o empreendedor tenha pelo menos informações básicas a respeito de lideranças empresariais, desenvolvimento, liderança e áreas ainda a serem exploradas.

São raríssimos os locais ou regiões onde existam ações coletivas, que superem os interesses e vaidades individuais, visando à resolução de problemas cotidianos, assim como o fortalecimento ou formação de uma consciência coletiva da verticalização das empresas, o famoso “unidos venceremos”.

Somente novos posicionamentos, a busca por um conhecimento mais horizontalizado e mudanças de atitude poderão ultrapassar as barreiras do individualismo e proporcionar novas posturas que contestem esse egocentrismo plantado, adubado e irrigado pelo sistema capitalista vigente.

As colocações visam contribuir para o fortalecimento de ações futuras, onde governo, a iniciativa privada e sociedade possam compartilhar experiências, situações de sucesso e de difícil resolução de maneira coletiva e construtiva, apoiando assim a cultura de formação específica e contribuindo para o fortalecimento do setor.

Alguns cuidados como a inovação e estratégias comerciais, são também elencados, para que assim possam fortalecer e normatizar, em alguns pequenos aspectos cotidianos e elementares, sobretudo de maneira positiva e propositiva, o processo de produção.

No decorrer do trabalho realizamos alguns questionamentos e entendemos as respostas da maioria deles como, por exemplo: a configuração atual das empresas e famílias organizadas pelas idealizadoras da produção de *lingerie* e podemos afirmar que a maioria teve sucesso em seus empreendimentos; que as mulheres são as mesmas personagens, com as mesmas características iniciais, modestas, trabalhadoras e determinadas.

Entendemos também que esse pequeno recorte regional traz em si uma realidade nacional, a de que as mulheres atualmente no Brasil têm grande e firme representatividade, idealizando, operando e progredindo de maneira ética, crescente e responsável, engendrando, quando possível, as ações sociais em suas práticas diárias.

O sucesso alcançado pelas empreendedoras Francanas, no ramo da *lingerie*, não só influencia, mas também participa da economia e comércio de outros

mercados em proporções nacionais, através de suas franquias e representações comerciais. As mulheres realmente se estabeleceram no ramo e mesmo que não tenhamos entrevistado nenhuma responsável, sabemos que algumas empresas locais já exportam suas produções.

Sendo assim, podemos afirmar que a proposta inicial foi alcançada, houve a efetiva aproximação da atual realidade produtiva da *lingerie* e de algumas particularidades desse desenho local, onde pudemos superar receios e convencionalismos, além de alimentar as esperanças e expectativas de possibilidades e tempos melhores.

Mais do que uma ação comercial e econômica, essa constatação da realidade representa a superação de preconceitos, ideologias e principalmente de um sistema produtivo desigual e exploratório que, de maneira global, afeta a configuração local, não apenas de Franca, mas de diversos mercados onde a produtividade local é muito variada.

O potencial humano criativo e trabalhador precisa ser descoberto e valorizado; portanto, há de se valorizar todas as pesquisas de capacidade local, mas que certamente configuram em seus eixos situações globais, positivas ou negativas, que sirvam como parâmetro e referência ao desenvolvimento e melhorias de comportamentos e ações futuras.

O Serviço Social nessa perspectiva pode e deve contribuir diretamente nas expressões da questão social resultantes do processo produtivo local e global, já colabora de maneira significativa com a implantação da responsabilidade social e ecológica no cotidiano de muitas instituições, além de já exercer forte participação no ambiente escolar e educacional.

Todas essas ações, de maneira coletiva, corroboram para a implementação e efetivação de políticas públicas, além da manutenção diária dos direitos, não só em relação aos operários, trabalhadores e mulheres, mas que seja uma prática estendida à população em geral.

Esperamos com o estudo não apenas o entendimento da questão proposta, mas também o compartilhamento das informações obtidas com outros acadêmicos, com a sociedade estudada, com a população e com outras áreas do conhecimento como busca efetiva da interdisciplinaridade, caminho único para a construção do conhecimento.

Não temos a pretensão de término ou esgotamento de um assunto tão complexo, até mesmo porque Segundo Minayo (1996) os estudos das situações sociais podem provocar pesquisas e debates intermináveis, tendo em vista os mais distintos métodos e perspectivas sociais, amparadas em diversos percursos metodológicos, correntes filosóficas e de pensamento.

Tanto os sujeitos, como os objetos sociais são difusos, conflituosos, e instigantes, pois são atos e atores de um palco terrestre onde as mudanças são constantes; devemos caminhar para a elucidação desses horizontes e desenhos prolixos, buscando o clareamento das idéias à luz da ciência.

## REFERÊNCIAS

ABDI. **Estudo prospectivo setorial: têxtil e confecção**. Brasília, DF, 2010. (Cadernos da indústria ABDI, v. 18). Disponível em:

<<http://www.abdi.com.br/Estudo/Estudo%20Prospectivo%20Setorial%20T%C3%AAxtil%20e%20Confec%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 2011.

\_\_\_\_\_. **Estudos setoriais de inovação: indústria têxtil e de vestuário**. Belo Horizonte: FUNDEP/UFMG, 2009. Disponível em: <<http://www.abdi.com.br/Estudo/Indústria%20Têxtil%20e%20de%20Vestuário.pdf>>. Acesso em: 2011.

ABRAMO, Laís. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana. (org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Ed. Senac, 2007.

ANAGUCHI, Helene Y.; CHINALLI, Israild G. A costura manual de calçados na cadeia pública de Franca. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 11, n. 1, p. 187-194, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. A subversão do capital e os sentidos do trabalho. In: **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAÚJO, Adriana C.; BRAGA FILHO, Hélio. Empreendedorismo: ciência ou intuição? um estudo exploratório no município de Franca-SP (2005-2008). In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 3., 2009, Franca. **Anais....** Franca: Uni-FACEF, 2009. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.facef.br/novo/3fem/Inic%20Cientifica/Arquivos/Adriana%20Cristina.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2010.

ARAÚJO, Durval B. **Método de análise de desempenho para indústrias de lingerie**. 2004. 94 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) - Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ARAÚJO, Francisca S. **Feminismo**. 14 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sociologia/feminismo/>>. Acesso em: 2010/2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, Aguinaldo S. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado. (Franca 1920-1990)**. 2004. 285 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2004.

BARBOSA, Aguinaldo S. **Política e modernização em Franca: 1945-1964**. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 1998.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria R. O trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu (MG). **Anais....** Belo Horizonte: ABEP, 1996. v. 1. p. 483-516.

BUTTO, Andréa. Gênero, família e trabalho. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau. (Org.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

CANCIAN, Renato. **Brasil demorou a acabar com o trabalho escravo**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/ult1689u46.jhtm>>. Acesso em: 2010/2011.

CLASSIFICAÇÕES dos tópicos principais: educação (subcategorias): aprendizagem (subcategorias): habilidade. Disponível em:<<http://www.pt.hukol.net/themenreihe.p?p=c=Habilidades>>. Acesso em: 2010.

DECCA, Edgar Salvadori. Memória e cidadania. In: O DIREITO à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo : Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

ENCONTRO de mulheres reúne 350 empresárias de Franca e região. **Comércio da Franca**, Franca, 30 mar. 2011. Disponível em: <[http://www.gcn.net.br/jornal/index.php?codigo=125019&codigo\\_categoria=4](http://www.gcn.net.br/jornal/index.php?codigo=125019&codigo_categoria=4)>. Acesso em: 2010/2011.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FELIPPE, Marco. Lingerie mudam a vida de sete mulheres em Franca. **Comércio da Franca**, Franca, 4 dez. 2009. Negócio. Disponível em: <<http://www.gcn.net.br/jornal/index.php?codigo=50542>>. Acesso em: 2010/2011.

FERNANDES, Maria Esther. A “história de vida” como instrumento de captação da realidade social. **Cadernos CERU: Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, São Paulo, n.6, p.145-155, 1995.

FILGUEIRAS, Luiz A. M. Reestruturação produtiva, globalização e neoliberalismo: capitalismo e exclusão social neste final de século. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO TRABALHO, 5., 1997, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/eso/globalizacao/neoglobliberalismo.pdf>>. Acesso em: 2011.

FREITAS, Maruska; MACIEL, Alice R. **Nova Friburgo recebe programa para pequenas empresas.** Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=2&noticia=6511>>. Acesso em: 2010.

FRIEDMAN, Milton. **Neoliberalismo.** Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/neoliberalismo.htm>. Acesso em: 2010/2011.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. Disponível em: <<http://www.fipe.com.br>>. Acesso em: 2010/2011.

GARCIA, Dirceu. Encontro de mulheres reúne 350 empresárias de Franca e região. **Comércio da Franca**, Franca, 30 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.comerciodafranca.com.br/jornal/index.php?codigo=125019>>. Acesso em: 2011.

GARDEY, Delphine. Perspectivas históricas. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho.** São Paulo: Ed. Senac, 2003.

GENTIL, Denise L. **A política fiscal e a falsa crise da seguridade social brasileira: análise financeira do período 1990–2005.** 245 f. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GIL, Rosângela R. **Quem é a classe trabalhadora hoje?** 1 ago. 2010. Disponível em: <http://contextocritico.blogspot.com/2010/08/quem-e-classe-trabalhadora-hoje.html>>. Acesso em: 2010.

GUIRALDELLI, Reginaldo. **Ser negra na precariedade das relações de trabalho.** 2006. 235 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de História Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2006.

HIRATA, Helena. Vida reprodutiva e reprodução: família e empresa no Japão. In: KARTCHEVSKY, André et al. **O sexo do trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HISTÓRIA da Indústria Têxtil no Brasil. Disponível em:

<[http://www.textilia.net/sitenovo/news\\_principal\\_detalhe.asp?PLC\\_map\\_001\\_c=050102&PLC\\_cng\\_ukey=STAR\\_STAR\\_\\_0ST0Y18XF&PLI\\_page=1](http://www.textilia.net/sitenovo/news_principal_detalhe.asp?PLC_map_001_c=050102&PLC_cng_ukey=STAR_STAR__0ST0Y18XF&PLI_page=1)>. Acesso em: 20 set. 2009.

IAMAMOTO, Marilda V. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 2. ed. São Paulo: Cortez; Lima, Peru: CELATS, 1983.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KON, Anita. **Trabalho e gênero no Brasil**: as políticas públicas propostas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7., 2001, Salvador, BA. **Anais....** Salvador: ABET, 2001. 1 CDROM.

KRELING, Norma H. Trabalho feminino: persistem as desvantagens apesar da maior escolaridade. **Informe PED**, Porto Alegre, v. 9, n. esp., p. 35-39, 2000.

KÜHNER, Maria H. **O desafio atual da mulher**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

LARA, Ricardo. O trabalho invisível em Franca. In: CANÔAS, José W. **Nas pegadas do sapateiro**: 65 anos do STIC Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2007.

LEHFELD, Neide A. S. A fabricação do calçado e o processo de terceirização: a dupla exploração da criança e do adolescente no trabalho informal. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 6, n. 1, p. 57-65, 1997.

LUQUES, Nelise. Prefeitura de Franca monta projeto para acelerar setor de linzeiros. **Comércio da Franca**, Franca, 21 set. 2010. Disponível em: <<http://www.comerciodafranca.com.br/jornal/index.php?codigo=101823>>. Acesso em: 2011.

MARKWARD, Ricardo; PESSOA, Elisa. Micro e pequenas empresas exportadoras: um retrato do período 1997-2002. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 76, p. 68-75, 2003. Disponível em: <<http://www.funcex.com.br/bases/76-MPE.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: \_\_\_\_\_. (Org). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: o processo de produção do capital.** Tradução de Reginaldo Sant'ana. 11. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987. L. 1. v. 1.

MELO, Hildete P. Globalização, políticas neoliberais e relações de gênero no Brasil. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau. (Org.). **Mulher e política: gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores.** São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4. ed. São Paulo: HUCITEC : ABRASCO, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: \_\_\_\_\_.; DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002. (Criança, mulher e saúde).

NARETO, Nilton; BOTELHO, Marisa R.; MENDONÇA, Maurício. A trajetória das políticas públicas para pequenas e médias empresas no Brasil: do apoio individual ao apoio a empresas articuladas em arranjos produtivos locais. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, DF n. 24, p. 61-115, 2004. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/51/54>>.

NOGUEIRA, Cláudia M. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização.** Campinas: Autores Associados, 2004.

OLIVEIRA, Maria L. L. **Transformação das desigualdades de gênero?** Narrativas da vida cotidiana e empoderamento de mulheres de assentamentos do cariri paraibano. 2007. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2007.

PEREIRA, Daniela B. **Feminização do trabalho: análises e reflexões.** 2004. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2004. Disponível em: <<http://www.mba.unifei.edu.br/tccs/TCCMBA04Daniele.pdf>>. Acesso em: 2010/2011.

POCHMANN, Marcio. **O emprego na globalização.** São Paulo: Boitempo, 2001.

POSSAS, Lúcia M. V. **Mulheres, trens e trilhos.** Bauru: EDUSC, 2001.

PROBST, Elisiana R.; RAMOS, Paulo. A evolução da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista Leonardo Pós**, Blumenau, v. 1, n. 2, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 2010/2011.

REVOLUÇÃO Industrial. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução\\_Industrial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Industrial)>. Acesso em: 2010/2011.

RUMO ao abismo econômico: 1ª parte. Disponível em: <[http://www.cienciashumanas.com.br/resumo\\_artigo\\_664/artigo\\_sobre\\_rumo\\_ao\\_abismo\\_economico-1a\\_parte](http://www.cienciashumanas.com.br/resumo_artigo_664/artigo_sobre_rumo_ao_abismo_economico-1a_parte)>. Acesso em: 2010/2011.

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINNI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Rosa dos Tempos : Fundação Carlos Chagas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Maria F. S.; LIMA, Rita L. Mulheres e Serviço Social: alguns elementos para reflexão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. **Anais....** UFSC, 2006.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho**. Disponível em: <<http://www.emprego.sp.gov.br>>. Acesso em: 2010/2011.

SILVA, Renata L. Terceirização: o outsourcing como ferramenta estratégica. **Administradores o portal da administração**. João Pessoa, 21 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/producao-academica/terceirizacao-o-outsourcing-como-ferramenta-estrategica/530/>>. Acesso em: 2010.

SILVA, Suzana C. As confecções de moda íntima em Catalão (GO): crescimento e desenvolvimento. In: SIMPÓSIO DO NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E ESTUDOS CULTURAIS, 7., 2006, Catalão. **Anais e Resumos....** Catalão: Ed. UFG, 2006.

TAUILE, José R.; DEBACO, Eduardo S. Autogestão no Brasil: a viabilidade econômica de empresas geridas por trabalhadores. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 7., 2002, Curitiba. **Anais....** Curitiba, 1997. Disponível em: <[http://www.sep.org.br/artigo/7\\_congresso\\_old/TAUILE\\_JOSE\\_DEBACCO.pdf](http://www.sep.org.br/artigo/7_congresso_old/TAUILE_JOSE_DEBACCO.pdf)>. Acesso em 25 out. 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior**: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860 – 1945). Franca: Ed. UNESP-FHDSS, 2002.

VASCONCELOS, Eva. **Análise da indústria têxtil e do vestuário**. (Estudo EDIT VALUE Empresa Júnior, n. 2). Braga, 2006. Disponível em: <<http://foreigners.textovirtual.com/edit-value/analise-da-industria-textil-do-vestuario.pdf>>. Acesso em: 2010/2011.

WEBER, Caroline. **Rainha da moda**: como Maria Antonieta se vestiu para a revolução. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.